



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Mônica Azzariti de Pinho Barbosa

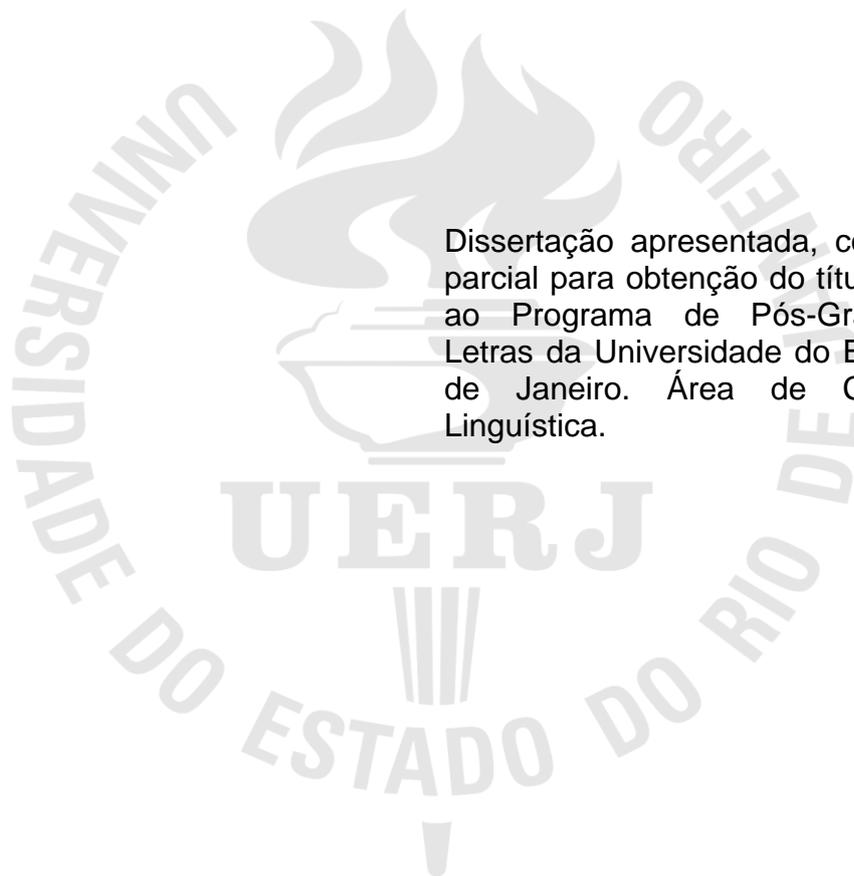
Diálogos de uma tortura, discursos de um crime

Rio de Janeiro

2016

Mônica Azzariti de Pinho Barbosa

Diálogos de uma tortura, discursos de um crime



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Deusdará

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

B229 Barbosa, Mônica Azzariti de Pinho.
Diálogos de uma tortura, discurso de um crime / Mônica Azzariti
de Pinho Barbosa. – 2016.
130 f.: il.

Orientador: Bruno Deusdará.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso - Teses. 2. Interceptação telefônica –
Teses. 3. Crime organizado – Investigação – Teses. 4. Tortura –
Teses. 5. Homicídio – Investigação – Teses. I. Deusdará, Bruno. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III.
Título.

CDU 82.085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mônica Azzariti de Pinho Barbosa

Diálogos de uma tortura, discursos de um crime

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Linguística.

Aprovada em 08 de janeiro de 2016.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Bruno Deusdará (Orientador)
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Décio Rocha
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Domingos Sávio Ferreira de Oliveira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

À memória de Michel Anderson Nascimento dos Santos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha querida colega de profissão Fga. Renata Vieira, cuja motivação foi essencial para minha entrada na UERJ, e ao Membro do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro Doutor Reinaldo Moreno Lomba por me proporcionar acesso ao processo referente ao homicídio de Michel.

Também merecem um agradecimento especial todos os professores da UERJ que participaram comigo dessa aventura chamada mestrado: Décio Rocha, Vera Sant'Anna, Angela Baalbaki, Sandra Bernardo, Ricardo Joseh Lima, Denise Salim e Poliana Coeli.

Por último e não menos importante, meu querido, amado e idolatrado orientador Bruno Deusdará, obrigada por compartilhar seus conhecimentos e tornar todo o trabalho mais leve.

A vocês, meu carinho eterno.

Somente na comunicação, na interação do homem com o homem, revela-se o “homem no homem”, seja para si mesmo, seja para os outros. O diálogo não é o limiar da ação, é a própria ação.

Bakhtin

RESUMO

BARBOSA, Mônica Azzariti de Pinho. *Diálogos de uma tortura, discursos de um crime*. 2016. 130f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

O presente trabalho centra-se na análise de dois diálogos gravados a partir de interceptação telefônica autorizada judicialmente referente a uma investigação da polícia federal envolvendo Luiz Fernando da Costa, mais conhecido como Fernandinho Beira-Mar. Nesses diálogos, Beira-Mar conversa com sua vítima Michel Anderson Nascimento dos Santos. Michel foi surrado e torturado. Teve as mãos, os pés e as orelhas cortadas, foi obrigado a engolir sua própria orelha e foi solicitado a falar sobre o seu estado físico no telefone. A partir do conceito da semântica global de Dominique Maingueneau (2005), tem-se como objetivo refletir sobre como os elementos discursivos e os relacionados à emissão vocal estão intimamente ligados na produção do sentido desses enunciados. Pensar como as relações de força, poder e violência, bem como os sentidos produzidos pelo discurso se estabelecem em circunstâncias envolvendo tortura e homicídio em diálogos reais nos motivou. A análise desse caso real, em que foi possível a gravação de um diálogo envolvendo torturador e torturado, nos permite visualizar como esses processos ocorrem em uma realidade pouco estudada em Análise do Discurso, a realidade do crime.

Palavras-chave: Interceptação telefônica. Análise do discurso. Crime organizado.
Tortura. Homicídio.

ABSTRACT

BARBOSA, Mônica Azzariti de Pinho. *Dialogues of torture, discourse of a crime*. 2016. 130f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

This paper focuses on the analysis of two recorded conversations from authorized wiretapping court relating to an investigation by the federal police involving Luiz Fernando da Costa, better known as Fernandinho Beira-Mar. Beira-Mar in these dialogues conversation with his victim Michel Anderson Nascimento dos Santos. Michel was beaten and tortured. Had hands, feet and ears cut off, was forced to swallow his own ear and was asked to talk about his physical condition on the telephone. From the concept of global semantics of Dominique Maingueneau, it has aimed to reflect on how the discursive elements and those related to vocal production are closely linked in the production of the meaning of these statements. Think how the balance of power, power and violence, as well as the meanings produced by the discourse settle in circumstances involving torture and murder in real dialogues motivated us. The analysis of this real case, that the recording of a dialogue involving torturer and tortured was possible, allows us to evaluate how these processes are established in a reality little studied in discourse analysis, the reality of crime.

Keywords: Wiretapping. Discourse analysis. Organized crime. Torture. Murder.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Estrutura da família de Cosa Nostra.....	30
Figura 2 -	Modelo da Contingência do Crime Organizado.....	31
Figura 3 -	Voz e emoção.....	52
Figura 4 -	Imagem da emissão: “bom dia”	55
Figura 5 -	Quadro de participantes dos diálogos.....	67
Figura 6 -	Quadro de ocorrências do verbo estar.....	70
Figura 7 -	Quadro de ocorrências do verbo falar.....	73
Figura 8 -	Quadro de ocorrências da palavra “amigo”.....	80
Figura 9 -	Quadro de ocorrências da palavra “orelha”.....	80
Figura 10 -	Quadro de ocorrências da palavra “maldita”.....	81
Figura 11 -	Demonstrativo do gráfico de análise acústica.....	82
Figura 12 -	Representação acústica de “chama ele que tem um amigo meu querendo falar com ele”.....	83
Figura 13 -	Análise da duração das emissões de “chama ele que tem um amigo meu querendo falar com ele”.....	83
Figura 14 -	Representação acústica “então fala com meu amigo aqui comé que você tá”.....	84
Figura 15 -	Análise da duração das emissões “então fala com meu amigo aqui comé que você tá”.....	84
Figura 16 -	Representação acústica de “oi, fala com meu amigo aqui, fala com meu amigo aqui comé que você tá”.....	85
Figura 17 -	Análise da duração das emissões de “oi, fala com meu amigo aqui, fala com meu amigo aqui comé que você tá”.....	86
Figura 18 -	Representação acústica de “Então, fala com meu amigo aqui, comé que cê tá”.....	87

Figura 19 -	Análise do pitch em “fala com meu amigo”	88
Figura 20 -	Representação acústica “É mermo, é? Orelha, orelha é gostoso? É mermo?”	88
Figura 21 -	Análise do <i>pitch</i>	89
Figura 22 -	Análise da duração das emissões de “É mermo, é? Orelha, orelha é gostoso? É mermo?”	89
Figura 23 -	Representação acústica das ocorrências de “boceta maldita”.	90
Figura 24 -	Respostas de Michel na primeira ligação.....	91
Figura 25 -	Respostas de Michel na segunda ligação.....	92
Figura 26 -	Representação acústica da primeira ligação.....	94
Figura 27 -	Representação acústica da segunda ligação.....	94
Figura 28 -	Descrição dos valores de intensidade das emissões.....	95
Figura 29 -	Comentários retirados da internet.....	98

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	CRIME, JULGAMENTO E IMPRENSA	20
1.1	Crime, julgamento e interceptação telefônica	20
1.2	O Crime e o processo jurídico	38
1.3	O crime e a imprensa	41
2	DA VOZ AO DISCURSO	46
2.1	A voz para o discurso	46
2.2	A voz no discurso	59
3	METODOLOGIA E ANÁLISE	64
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
	REFERÊNCIAS	108
	ANEXO A – Transcrição: 1ª Ligação	113
	ANEXO B – Listas de palavras – WordSmith Tools	120

INTRODUÇÃO

“A linguagem foi e continua sendo a raiz e o
vínculo da relação entre os homens”

Juan Beneyto

Após oito anos trabalhando no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, o título de especialista em Voz, concedido pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, e duas pós-graduações *lato sensu*, uma em Linguística e outra em Segurança Pública, não supriam mais as necessidades do encargo. Como fonoaudióloga, minha atuação girava em torno da análise de arquivos de áudio e vídeo. Transcrições, descrição de conteúdo e perícias para a identificação de suspeitos em arquivos de vídeo e interceptações telefônicas eram as solicitações mais frequentes. Mas, identificar as vozes que nessas ligações apareciam não era mais suficiente, e questões relacionadas ao conteúdo desses diálogos começaram a aparecer, surgindo então a necessidade de aprofundamento das questões relativas aos sentidos que circulavam nessas trocas verbais gravadas.

Crimes do “colarinho branco”, corrupção policial, homicídio e tráfico de drogas, todos eles têm uma construção linguística que se desenvolve a partir de um contexto específico. Em cada troca verbal, estão presentes marcas construídas e influenciadas diretamente pelo contexto situacional em que seu emissor está inserido. Analisar esses discursos é ir além de uma análise da superfície textual. Trata-se de uma análise contextual, uma análise da estrutura discursiva. Aprofundar os estudos em Análise do Discurso pareceu ser o caminho certo a trilhar, e o mestrado nessa área foi a direção escolhida. Dessa forma, a inscrição no processo seletivo do mestrado na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) - linha de pesquisa: práticas de linguagem e discursividade - veio ao encontro do anseio de unir prática profissional com estudos aprofundados nesta área.

Como fonoaudióloga, profissional da ciência da comunicação, estudar o discurso é se aprofundar nos sentidos envolvidos nessa produção comunicativa. Como especialista em voz, não poderia deixar de associar a participação da emissão vocal na construção desses sentidos produzidos pelos discursos, o que me levou ao capítulo três do *livro Gênese dos Discursos*, de Dominique Maingueneau

(2005). Maingueneau é professor de ciências da linguagem na Universidade de Paris XII-Val-de-Marne, autor de diversas obras e grande pesquisador na área de discursos constituintes, tais como o religioso, o científico e o filosófico. Minha área de atuação, um pouco mais “violenta”, conduziu meus interesses para os discursos do crime, em especial sentidos produzidos em diálogos reais de interceptações telefônicas autorizadas judicialmente.

No capítulo denominado “Uma Semântica Global”, Maingueneau (2005) traz à baila uma reflexão sobre a voz, a oralidade e o ritmo, retomando Bakhtin quando este fala sobre “o papel excepcional do tom... o aspecto menos estudado da vida verbal” (TODOROV, 1981, p. 83). Nesse capítulo, encontra-se a inspiração teórica que norteará o percurso de análise desse trabalho. Como diria Maingueneau, “um analista do discurso precisa confrontar-se de maneira assídua com um terreno para alimentar sua reflexão teórica”¹, e o mundo do crime, com o qual trabalho, propiciou a oportunidade de me deparar com um material singular, um diálogo real entre torturador e torturado. A partir desse caso, cuja atuação se restringia à identificação de um suspeito de homicídio em que a solicitação era apenas a análise para a identificação do falante, através da voz, é que se deu o primeiro contato com o material em questão. Meu trabalho era provar, através da análise da voz, se o suspeito preso era o interlocutor e o executor das ordens de Fernandinho Beira-Mar com que falava ao telefone.

A análise nesse caso era extremamente objetiva, ou seja, comparar a voz do réu preso, Marcos Marinho dos Santos, o Chapolin, com a voz de “Bomba”, presente nos diálogos interceptados pela polícia federal. Bomba era o vulgo do executor das ordens de Beira-Mar. Chapolin, Marcos Marinho dos Santos, estava preso e, apesar de ter confessado o crime na época, exigia a perícia de voz para provar sua inocência. Segundo ele mesmo informou, no momento da coleta de voz para exame pericial, sua confissão foi falsa, ele não era o homem com quem Fernandinho Beira-Mar falava dando ordens para torturar. O Ministério Público então solicitou a perícia para esclarecer os fatos. O resultado do exame pericial foi negativo, Chapolin não era o “Bomba”.

Desse primeiro contato com esses diálogos, muitas perguntas foram surgindo. A primeira delas tinha relação direta com o trabalho de fonoaudióloga. Seria do

¹ Gênese dos Discursos, p. 12.

suspeito preso a voz que acata as ordens para torturar a vítima? Para responder a essa pergunta, foi necessário ouvir por diversas vezes os diálogos e, assim, as outras questões foram surgindo naturalmente. Apesar de o conteúdo dos diálogos ser completamente surpreendente, a forma como essas vozes se comportavam dentro de seus papéis assumidos era ainda mais surpreendente. O dito, o como foi dito e o não dito caminhavam juntos em direção ao que intuitivamente entendi como sendo o que Maingueneau considera como uma constituição dos sentidos em planos de uma semântica global. Esse material então foi escolhido como *cópus* de trabalho.

O material objeto dessa análise é composto por duas ligações telefônicas, interceptadas com autorização judicial durante uma investigação da Polícia Federal. Apesar de a autora ter tido acesso ao material para a realização da já mencionada perícia de identificação de falante, o conteúdo foi amplamente divulgado pela mídia nacional, que o tornou público. O áudio e a transcrição encontram-se disponíveis na internet, no sítio *Youtube*². Esses diálogos, como já dito, oriundos de interceptação telefônica, têm como personagens principais: Luiz Fernando da Costa, mais conhecido como Fernandinho Beira-Mar, o executor das ordens de Beira-Mar, um homem identificado por “Bomba”, que é aquele que acata as ordens e realiza as ações, e a vítima Michel Anderson Nascimento dos Santos³ e mais dois homens, identificados apenas como “amigos” de Beira-Mar. Nas ligações, Fernandinho Beira Mar comanda a tortura e a execução de Michel.

O crime ocorreu no ano de 1999. Fernandinho Beira Mar foi denunciado pela 27ª Promotoria de Investigação Penal, a partir do Inquérito Policial de número 1397/99 da 59ª Delegacia Policial, com base nos artigos 121, §2º, incisos I, III, IV c/c artigo 62, inciso I, do Código Penal Brasileiro ao juízo da 4ª Vara Criminal de Duque de Caxias no dia 29 de fevereiro de 2000. Segundo o processo, Michel foi morto em decorrência de ter mantido relacionamento amoroso com uma das ex-mulheres de Fernandinho Beira-Mar, Joelma, a quem se atribui pretensa “preferência” e

² <https://www.youtube.com/watch?v=m0XjOWWHaIY>; <http://extra.globo.com/casos-de-policia/bau-do-crime/fernandinho-beira-mar-comanda-execucao-de-rapaz-por-telefone-408028.html>;
<http://www1.folha.uol.com.br/fof/pol/beira-marintegra.htm> Visitados em 19 de dezembro de 2014.

³ http://www.istoe.com.br/reportagens/369308_UMA+CIDADE+COM+MEDO
Revista ISTO É; N° Edição: 2326 | 20.Jun.14 - 20:50 | Visitada em 19.Dez.14

constante vigilância por parte dele⁴. O caso também foi tratado na CPI do Narcotráfico, onde mencionam detalhes sobre morte de Joelma.

JOELMA CARLOS DE OLIVEIRA - Ex-namorada de "BEIRA-MAR", viajava com frequência para visitá-lo, auxiliando-o na realização dos contatos entre os integrantes da quadrilha, sendo certo, ainda, que o mesmo utilizava-se de sua conta-corrente para remessa de dinheiro proveniente do tráfico. De suas contas bancárias e das de Luiz da Silva Lira partiram transferências para as poupanças dos filhos de "Fernandinho Beira-Mar". Viajava ao Paraguai para informar-lhe os acontecimentos, enquanto lá esteve o traficante homiziado. Foi assassinada por ter "traído" "Fernandinho Beira-Mar" com Michel Anderson do Nascimento morto em agosto de 1999. Consta que o corpo de Joelma foi esquartejado e exibido em um "carrinho de cimento" ao longo da Comunidade Beira-Mar, intimidando seus moradores. (CPI do Narcotráfico. Novembro de 2002. p. 772-773)

Essas ligações, gravadas através de interceptação telefônica autorizada judicialmente, foram armazenadas pela Polícia Federal em fita cassete, que foi descrita no laudo de transcrição número 217/00 da polícia Federal. Este laudo encontra-se acostado aos autos do processo da 4ª vara Criminal da Comarca de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Os áudios também foram transcritos e periciados pelo especialista Ricardo Molina de Figueiredo em seu laudo de 80 páginas, que identificou positivamente a voz de Fernandinho Beira-Mar, em 12 de setembro de 2003, laudo que também está inserido ao processo. Com a perícia e a identificação da voz de Fernandinho Beira-Mar, não restaram, segundo a denúncia, dúvidas sobre seu papel na morte de Michel.

Michel era funcionário de uma loja de materiais de construção. Trabalhava e estudava. Michel e Joelma estudavam na mesma escola, Colégio Antares localizado na Rua José de Alvarenga no centro de Duque de Caxias. Considerado um rapaz pacato e educado, não foi apurada nenhuma relação de Michel com o narcotráfico, segundo o depoimento do policial responsável pela investigação, que consta nos autos do processo na 4ª Vara Criminal da Comarca de Duque de Caxias. Michel trabalhou normalmente na semana em que foi morto. Alda Inês, uma das mulheres de Fernandinho Beira Mar, foi quem falou à polícia sobre Joelma e Michel, afirmando que ambos foram mortos, pois estavam tendo um caso amoroso. Antes mesmo das gravações se tornarem públicas, já havia uma investigação em curso, que foi iniciada através dos depoimentos de Alda Inês e do irmão de Joelma⁵. Essas

⁴ Retirado do Processo da 4ª Vara Criminal Comarca de Duque de Caxias.

⁵ Informações retiradas do processo.

informações, constantes no processo, são relevantes na medida em que indicam as relações estabelecidas entre os envolvidos no caso.

A Fernandinho Beira-Mar é atribuída uma intensa e sistemática atividade contraventora. A seguir passaremos a expor um breve resumo de sua vida, de forma que fique explicitado seu papel. Sua primeira prisão se deu aos 20 anos. É considerado pela imprensa brasileira um indivíduo extremamente perigoso e um dos maiores traficantes de armas e drogas da América Latina, conforme indica a matéria veiculada no Jornal O Globo no dia 5 de março de 2007:

Luiz Fernando da Costa, mais conhecido como Fernandinho Beira-Mar, é considerado um dos maiores traficantes de armas e drogas da América Latina. Nascido na favela Beira-Mar, no município de Duque de Caxias (Rio de Janeiro), começou a vender drogas antes dos vinte anos de idade, e hoje é um dos líderes de uma das principais facções criminosas do estado. Fernandinho Beira-Mar foi criado pela mãe, Zelina, uma dona-de-casa e faxineira, que morreu atropelada. Não conheceu o pai. Entre os 18 e 20 anos, Luiz Fernando começou a praticar os primeiros assaltos. Lojas, bancos e até depósito de materiais militares eram seus alvos principais. Foi acusado de furtar armas pesadas do Exército e de vendê-las para traficantes do Rio. Aos 20 anos, foi preso por assalto e condenado a dois anos. Cumpriu a pena e, ao sair, voltou a morar na Favela Beira-Mar, onde se tornou um dos “cabeças” do tráfico local. A ascensão de Beira-Mar ocorreu entre 1990 e 1995, quando abriu canais próprios de distribuição de drogas e conquistou morros como Borel, Rocinha, Chapéu Mangueira e a Favela do Vidigal. Preso em 1996, não ficou nem um ano no presídio de Belo Horizonte. Agentes penitenciários foram acusados de ter facilitado a fuga dele. Montou gigantesco esquema de lavagem de dinheiro no maior banco federal estatal do país e teria morado no Paraguai, Uruguai, Bolívia e Colômbia, onde se aliou às Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). Foi recapturado pelo exército colombiano, em atuação conjunta com agentes norte-americanos e repatriado para o Brasil em abril de 2001. Na época, era apontado como responsável por 70% das remessas da cocaína distribuída no país. Em 2002, preso em Bangu I, organizou rebelião com a finalidade de matar Ernaldo Pinto Medeiros, o Uê, e outras lideranças de uma facção criminosa rival. Nos últimos três anos (2003 a 2006), Fernandinho Beira-Mar vem sendo transferido constantemente de presídio e mantido em rigoroso isolamento, tendo em vista a elevada periculosidade. (Jornal O Globo, publicada em 5 de março de 2007).

Ainda segundo a imprensa⁶, a atuação de Fernandinho Beira-Mar se realizava por meio de uma condução que associava atividades de enriquecimento pessoal a um “paternalismo” que explora as carências econômicas e vulnerabilidades sociais na favela, conquistando certa convivência. O comércio ilegal praticado por Fernandinho Beira-Mar estendeu-se para além de substâncias consideradas ilegais,

⁶ Quem é Fernandinho Beira Mar. Por Ricardo Feltrim, editor chefe da folha on line. http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/drogas-beira_mar-perfil.shtml (visitado em 19 de dezembro de 2014)

para especializar-se no comércio ilegal de armas pesadas, principalmente as fabricadas na Rússia. Por meio desse comércio ilegal, também se registrou a aproximação de Beira-Mar com um dos principais líderes das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), de quem se tornou o fornecedor oficial de armamentos de grosso calibre. Ricardo Feltrin, da Folha On-line, chega a denominar Fernandinho Beira-Mar de “supernarcotraficante” internacional.

No relatório final de novembro de 2000, da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o avanço e a impunidade do narcotráfico, há um capítulo destinado a Fernandinho Beira-Mar. Na verdade, ele configura como primeiro item da parte relativa ao Rio de Janeiro, tal como parece ser a sua importância. No referido relatório, atribui-se a Fernandinho Beira-Mar a chefia de uma quadrilha de tráfico internacional de armas e drogas com atuação principal nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Mato Grosso do Sul, além dos seguintes países: Paraguai, Colômbia, Bolívia e Suriname. Ou seja, no referido documento, também é atribuída uma condição de liderança a Fernandinho Beira-Mar, assim como a imprensa o faz.

Ao longo dos trabalhos desta CPI logramos total entrosamento com o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, através da Promotora MÁRCIA VELASCO, com a Polícia Federal por intermédio do Dr. Getúlio Bezerra e com a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro na pessoa do Coronel Josias Quintal, o que possibilitou o intercâmbio de informações necessárias aos resultados obtidos na tarefa de desmantelamento da organização criminosa comandada por LUIZ FERNANDO DA COSTA, vulgo FERNANDINHO BEIRA-MAR. Obviamente o nível de comprometimento do meliante FERNANDINHO BEIRA-MAR com o crime organizado e em especial com o tráfico de entorpecentes e armas pressupõe continua mudança de seus comandados, daí a importância de sua prisão. (Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o avanço e a impunidade do narcotráfico. Relator: Morani Torgan. Novembro de 2000 P. 770)

Em outro trecho, o relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito trata da personalidade e do poder de alcance de Fernandinho Beira-Mar:

Luiz Fernando da Costa, 33 anos, iniciou sua carreira criminosa na Favela Beira-Mar em Duque de Caxias/RJ, onde provavelmente, impregnado de uma personalidade delituosa demonstrando uma enorme frieza e contumácia, teve a oportunidade de expandir seus territórios, abrindo contatos em todo o País conforme ficou demonstrado ao longo da investigação e também no exterior, onde esteve homiziado no Paraguai. Atualmente está sob a proteção das FARC na Colômbia, de onde comanda a distribuição de cerca de 80% da droga comercializada no Estado do Rio de Janeiro, além de enorme quantidade distribuída para outros estados.

(Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o avanço e a impunidade do narcotráfico. Relator: Morani Torgan. Novembro de 2000. p. 771)

Os diálogos gravados entre Beira-Mar e Michel são o objeto de estudo deste trabalho e, para entendermos o pano de fundo dos diálogos que compõem o corpus desta análise, é preciso retomar as circunstâncias do momento dessas gravações. Fernandinho Beira-Mar estava foragido à época e montou, segundo as investigações da CPI do narcotráfico, uma megaestrutura a fim de comandar à distância o seu comércio ilícito de drogas.

Para lograr sucesso nesta empreitada se associou a terceiros, como parentes e amigos, utilizando-os como "testas de ferro", registrando em seus nomes os imóveis adquiridos, fazendo-os movimentar vultosas quantias em contas bancárias, além de constituir "empresas de fachada", entre elas: fábricas de gelo, padarias, lojas de material de construção, empresa transportadora de carga aérea, confecção e outras mais. Montou gigantesco esquema de lavagem de dinheiro no maior banco federal estatal do país e também morou no Paraguai, Uruguai, Bolívia e Colômbia, onde se aliou às Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). Foi recapturado pelo exército colombiano, em atuação conjunta com agentes norte-americanos e repatriado para o Brasil. Na época, era apontado como responsável por 70% das remessas da cocaína distribuída no país⁷. Fernandinho Beira-Mar está preso desde 2002 e já foi sentenciado a mais de 200 anos de prisão⁸. A ele se atribui a liderança da facção criminosa Comando Vermelho.

Por ter sido acusado de mais este crime, que envolve o áudio objeto de análise deste trabalho, Fernandinho Beira-Mar teve o julgamento desse caso marcado somente para o dia 26 de agosto de 2014, ou seja, 15 anos após o ocorrido. A denúncia datada de 29 de fevereiro de 2000 diz que o denunciado, Luis Fernando da Costa, agindo livre e conscientemente, comandou a execução de Michel Anderson do Nascimento Santos. Consta ainda na denúncia oferecida pelo Ministério Público, que o denunciado agiu por motivo torpe e que o crime foi cometido com requintes de crueldade, associando tal ato a um comportamento de vingança por Michel ter tido um relacionamento amoroso com Joelma Carlos de

⁷ <http://extra.globo.com/noticias/rio/conheca-historia-de-fernandinho-beira-mar-649374.html#ixzz3fic9rkLr> visitado em 15 de dezembro de 2015)

⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Fernandinho_Beira-Mar(visitado em 19 de dezembro de 2014)

Oliveira, ex companheira de Beira-Mar, que à época da denúncia, estava desaparecida.

Na presente pesquisa, consideraremos a interceptação telefônica e a repercussão do referido evento. No que tange à repercussão do caso, um fato importante nos dará pistas dos desdobramentos e da relevância de tal questão: o julgamento foi adiado pelo Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro por solicitação do Ministério Público Estadual. Para fundamentar sua solicitação, o Ministério Público afirmou suspeitar de um plano para resgatar o réu, quando o mesmo fosse transportado para o Tribunal do Júri, local onde se daria o julgamento, em Duque de Caxias. Além do risco de fuga, o Ministério Público acreditou que o poder intimidatório do réu pudesse influenciar os jurados⁹, moradores da mesma região em que nasceu Fernandinho Beira-Mar e onde o crime foi cometido, em 1999. Michel Anderson Nascimento dos Santos foi torturado e em seguida assassinado. Teve os pés, as mãos e as orelhas cortadas e ainda foi obrigado a engolir sua própria orelha.

O Ministério Público do Rio conseguiu a suspensão do julgamento do traficante Fernandinho Beira-Mar. A liminar foi assinada pela 3ª Vice-Presidência do Tribunal de Justiça do Rio, Nila Bitar, que vai contra a decisão da 4ª Câmara Criminal que determinava a realização do julgamento em Caxias e não em uma vara da Comarca da Capital. O réu só poderá ser julgado depois que o recurso interposto pelo MP junto ao Superior Tribunal de Justiça for avaliado.

A medida vem depois de o Ministério Público ter descoberto a organização de uma tentativa de fuga de Beira-Mar durante o julgamento que seria realizado em Duque de Caxias, cidade do traficante, no próximo dia 26 de agosto às 10h. Além disso, o MP pretende impedir que Beira-Mar possa intimidar os jurados de Caxias, por ter grande influência na região.

Beira-Mar será julgado por comandar a execução do estudante Michel Anderson Nascimento dos Santos, de 21 anos, no mês de dezembro de 99 na favela Beira-Mar, em Caxias. A vítima foi torturada, teve os pés, mãos e orelhas decepadas e chegou a ser obrigado a engolir uma delas antes de morrer. (Marcus Vinicius Pinto, 01 de agosto de 2014, Portal Terra¹⁰)

A repercussão midiática do caso foi enorme. Como visto, mesmo 15 anos após o crime e Fernandinho Beira-Mar estando preso, as circunstâncias que envolveram o homicídio deixaram um registro marcante. Vários veículos de comunicação noticiaram e reproduziram as gravações. Muitas pessoas tiveram

⁹ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-07/justica-do-rio-suspende-julgamento-de-beira-mar-pedido-do-mp>(visitado em 19 de dezembro de 2014)

¹⁰ <http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/mp-rj-suspende-o-julgamento-de-fernandinho-beira-mar,9b8e71f338197410VgnVCM300009af154d0RCRD.html> (visitado em 15 de dezembro de 2014)

conhecimento dos fatos ocorridos. A revista *Veja*¹¹, em fevereiro de 2011, fala sobre a “força” que o traficante Fernandinho Beira-Mar ainda tem no país. Segundo a revista, Beira-Mar é o bandido mais perigoso do Brasil, e a criação da imagem de um bandido extremamente perigoso e as especulações sobre o porquê de tamanha violência chocaram a sociedade e repercutem até hoje. Como profissional e como pesquisadora, é estimulante aprofundar o olhar e analisar as relações entre discurso e violência.

A análise desses áudios nos permite produzir um encontro entre saberes oriundos da fonoaudiologia e da análise do discurso. Analisando as vozes, o discurso e o não dito é que se objetiva a busca pelos sentidos possíveis desses diálogos. Como se dão essas relações e de que forma esses papéis se constroem no discurso, materializando - se através do diálogo, isso nos instiga. Esses papéis representados por atores de uma cena tão inimaginável que só foi possível termos contato graças à gravação das ligações telefônicas têm um discurso próprio, tem um tom, tem uma voz. A impossibilidade de restituir, no que se diz, aquilo que se realiza no corpo da vítima é algo que nos intriga e convoca a pensar.

¹¹ <http://www.rdnews.com.br/ultimas-noticias/beira-mar-ainda-comanda-o-traffic-diz-veja/25749>
(visitado em 8 dezembro de 2015)

1 CRIME, JULGAMENTO E IMPRENSA

“O homem é uma arma poderosa, carregada pela genética, apontada pela mente e disparada pela sociedade.”

Jason Gideon

Considerando que o primeiro contato com o material a ser analisado nesta dissertação havia se dado inicialmente como peça de um processo judicial e que, na sequência, foi possível observar que o referido material encontra-se divulgado e aberto a consulta pública, em sítio na internet, torna-se importante discutir a prática da interceptação telefônica nas investigações ao crime organizado, bem como sua divulgação na cena midiática.

Neste capítulo, discutiremos as origens do crime organizado, a importância da interceptação telefônica como ferramenta de investigação contra o crime organizado, o crime de homicídio e seu desdobramento no processo judicial e o papel da imprensa na relação do crime com a sociedade.

1.1 O Crime Organizado e a Interceptação Telefônica

Para iniciar nossa discussão, vamos recuperar rapidamente o modo como, nas teorias do direito penal, se definia a criminalidade como o conjunto dos crimes socialmente relevantes e das ações e omissões que merecem a reprovação máxima (LYRA; ARAÚJO, 1990). Observa-se que tal definição aborda a criminalidade como um conjunto de crimes e indica ainda sua reprovação máxima. Desse modo, percebe-se que não é menos importante para essa definição o julgamento que se faz de tais condutas.

Para entendermos esse conceito de criminalidade, precisamos necessariamente da definição legal do que se constitui crime, a partir do que se inscreve nos códigos instituídos. O Código Penal, em seu artigo 1º, prevê que não

há crime sem lei anterior que o defina e que não há pena sem prévia cominação legal. O que se explicita aqui é a condição relativa de uma conduta frente a uma legislação prévia, que a estabeleça como crime. Diferente do que se considera no senso comum, não haveria uma essência para o crime, uma característica em si prévia, mas uma construção sócio-histórica que recusa certas condutas e a elas atribui uma tipificação criminal.

Sendo assim, somente são considerados crimes os fatos que já foram anteriormente previstos na lei. Ou seja, o crime é o resultado de uma prática contrária ao estabelecido, em dada conjuntura, por lei penal, sendo devidamente prevista por ela. Essa prática pode se configurar em uma ação ou uma omissão e a criminalidade pode ser definida como o conjunto ou grau desses crimes cometidos, em determinada região ou comunidade. A título de exemplo, o crime de omissão indica que todos devem ter conhecimento do que se reconhece como crime em nossa sociedade. Isso implica um sujeito que deve saber. Nele os delitos surgem das condutas humanas, sempre classificáveis como ação, um agir positivo, ou a omissão, um agir negativo.

Dessa forma, no que se refere, em especial, ao crime organizado, compreende-se seu modo de investir em circuitos de vulnerabilidade social, constituindo redes de assistência e pretendendo enredar segmentos sociais em condição de precariedade. Muitas vezes, tem um papel fundamental dentro de diversas esferas, assumindo oportunamente o papel de provedor de benefícios e assistência, suprimindo um aparente vazio deixado pelo Estado, o que o aproxima da população. Desse modo particular, o crime organizado provavelmente serve como um tipo de alento social em muitas comunidades, e são estes padrões intrincados e interligados nas funções sociais básicas que parecem explicar seu alcance e sua sobrevivência. Assim, a ausência do Estado ou sua presença precária parece funcionar como agente facilitador da ação do crime organizado.

Nesse sentido, autores como Michael Lyman e Gary Potter consideram o crime organizado como um fato simples e fundamental dentro dessas comunidades e não uma patologia social, algo que estaria à beira do normal, e se infectasse no organismo sociedade, a partir da ideia de que ele se apoia nas fragilidades da estrutura social, política e econômica, aproveitando-se das oportunidades oferecidas por elas mesmas. Aqui a analogia entre o corpo físico individual e o corpo social indica que um corpo é sempre um símbolo.

A expressão “crime organizado”, segundo Ferro (2009), abrange diversas dimensões e circula em diversos campos, a saber, na sociologia, nas ciências políticas, no jurídico e na criminologia por exemplo. Além de sua dimensão criminológica, Ferro (2009) aponta ainda para a sua dimensão dogmática, normativa e político-criminal. Tal expressão é utilizada amplamente pela imprensa, no cinema e na literatura, onde adquire um sentido amplo que pode acabar por nomear grupos nem sempre tão organizados, como quadrilhas, gangues e bandos armados.

Porém, seu caráter de sofisticação estrutural tem como diferencial a sua organização. Nesse sentido, salienta-se aqui a face empresarial do crime organizado como uma de suas características, sendo a outra a conexão estrutural ou funcional com o Poder Público ou com seus agentes, o que nos remete ao que Deleuze (1992), retomando Foucault, descreve como sociedades disciplinares e sociedades de controle, com dispositivos disciplinares, como nos mostra Foucault (2013), há uma espécie de polarização entre a opacidade do poder e a transparência dos indivíduos, como veremos mais adiante.

Para Southwell (2013), a definição de crime organizado é bem simples e este autor adota o que diz a Lei de Controle do Crime Organizado dos EUA, de 1970, que define crime organizado como sendo “qualquer grupo criminoso estruturado que se une para promover suas atividades ilegais” (1970, RICO –*Racketeer Influenced and Corrupt Organization Act*). E, segundo o autor, basicamente a razão de sua existência é o lucro.

A história do crime organizado brasileiro passa pelo Cangaço, segundo Eduardo Silva (2003). O movimento conhecido como Cangaço, no sertão nordestino no final do século XIX teve como protagonistas os jagunços personificados na conhecida figura de Lampião, Virgulino Ferreira da Silva (1897-1938). O apelido de Lampião vem do fato de seu fuzil, nos embates com a polícia, manter um clarão intermitente em decorrência dos disparos efetuados.

Uma das semelhanças apontadas entre o que se observa atualmente e o modo de composição do cangaço reside em uma organização hierárquica. Outro aspecto ressaltado é sua atuação em várias frentes ao mesmo tempo. Para que isso fosse possível, relacionavam-se com fazendeiros, políticos e policiais corruptos, com quem conseguiam armas e munições. Dispunham de maior espaço e de maior poder em suas operações, agindo em plena luz do dia, sendo contratado até para empreitadas políticas, como se lê no trecho abaixo:

“O velho salteador fazia ‘algum serviço de encomenda’, mediante ajuste e paga ou agia de conta própria, atacando e roubando, em centros de pequenas proporções. O cangaceiro dos últimos tempos, porém, muito mais afoito e fartamente provisionado, passou a constituir um perigo permanente, agindo em grandes grupos, sendo até contratado para empreitadas políticas ou liquidação de velhas inimizades pessoais. Destarte, o cangaceiro passou a atuar em ambiente novo, em áreas muito mais extensas e densamente povoadas. Sem temer as represálias dos ‘volantes’, o facinora saiu dos esconderijos, dos buracos das serras e da cobertura dos coiteiros e atirou-se ao ataque das cidades e das comarcas, em plena luz do dia. O fator geográfico da distância e do isolamento entregou as populações sertanejas à fúria e à destruição de homens afeitos ao crime e celerados da pior espécie”. (NONATO *apud* HUNGRIA, 1959, p. 176-177)

A organização de grupos como o de Lampião diferia sobremaneira dos grupos de três ou quatro liderados por um cangaceiro chefe, entre eles: Antonio Silvino, Luiz Padre, Corisco e Aníbal Vieira, o Lampião paulista, que cometiam assaltos e homicídios. Apesar de semelhanças quanto às questões de origem que repousam sobre o analfabetismo, a miséria e demais condições de cunho social, Lampião foi seguido por um grande número de cangaceiros, cerca de duzentos homens.

Seu “reinado” que durou de 1900 a 1938, atingia toda região do nordeste brasileiro, da Bahia ao Ceará, daí o nome “Rei do Cangaço”¹². Esta organização e alcance fizeram com que Ivan Silva (1998) estabelecesse uma interessante comparação entre o fenômeno do Cangaço brasileiro e as origens da Cosa Nostra Siciliana:

“[...] a máfia nasceu na zona rural italiana como forma de manter e aproveitar-se da ordem social e política reinante no campo daquela época. Atente-se para o fato de que a situação social e política naquele momento na Itália era semelhante às circunstâncias que levaram ao aparecimento do cangaço no nordeste brasileiro: dominação política por latifundiário que se utilizava de milícia própria para manter a ordem, presença do Estado através desses latifundiários, opressão social, etc. É *mutatis mutandis*, como se o cangaço houvesse mudado para as zonas urbanas e se profissionalizado no mundo do crime com apoio político.” (SILVA, 1998 p 50-51)

De acordo com o ponto de vista anterior, a ação paramilitar organizada teria origem nas disputas pela manutenção dos domínios territoriais rurais. Já no que se inicia na atualidade, a ação organizada teria origem já no espaço urbano, com atuação e finalidade distintas da ação anterior.

¹²Cf. FERREIRA, Virgulino. In: NOVA Enciclopédia Ilustrada Folha. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/bibliot/enciclop/>>. Acesso em: 08 jan 2014.

Para Eduardo Silva (2003), o denominado “Jogo do Bicho” (categoria de sorteios em que há recolhimento de apostas) que teve início no começo do século XX, é que tem sido identificada como a primeira infração penal organizada no nosso país. Esta contravenção, cuja origem é atribuída ao Barão de Drumond, teria sido criada inocentemente (sem pretensão explicitamente contraventora) a fim de angariar dinheiro para salvar os animais do Jardim Zoológico do Estado do Rio de Janeiro.

Assim é que, querendo aumentar a frequência popular ao zoológico, o tal Barão teria decidido estipular um prêmio em dinheiro ao portador do bilhete de entrada que tivesse a figura do animal do dia, escolhido entre os 25 animais do zoológico e que passava o dia inteiro encoberto por um pano. A retirada do pano ao final do dia revelava o animal premiado. Observa-se no trecho que se segue, retirado de notícia de “O Tempo”, datado de 6 de julho de 1892, o contexto da época e o funcionamento da estratégia de divulgação utilizada.

"A empresa Jardim Zoológico deu domingo último um grande banquete no magnífico restaurant que existe no Jardim. Para esse banquete tinham sido convidados a imprensa e várias pessoas da nossa melhor sociedade. Correu animadíssima a festa, no meio da maior cordialidade e da maior gentileza por parte dos diretores da empresa. Durante todo o tempo em que estiveram presentes os convidados tocou uma excelente banda de música as melhores peças de seu repertório.

A empresa está atualmente organizada sob grandes moldes, procurando o mais possível distrair o público por todos os meios do seu alcance, organizando concertos, bailes públicos, circos de cavalinhos, espetáculos diversos, bilhares, jogos carteados, jogo de bola e outros modos de diversão.

Além disso, a empresa resolveu estabelecer um prêmio de 20\$ por meio de um sorteio original. Cada pessoa ao entrar no jardim receberá por 1\$, um bilhete com a indicação de um animal dos 25 que existem no jardim. Em um poste de 5 metros de altura, numa caixa fechada, será colocado um quadro representando um dos animais e quem tiver no bilhete receberá o prêmio. A empresa deposita como garantia de pagamento dos prêmios 10\$000 em um banco. O serviço de bondes vai ser aumentado proporcionando assim maior comodidade ao público." (O TEMPO, 1892)¹³

Posteriormente, esses animais foram associados a séries numéricas da loteria, o jogo passou a ser praticado largamente fora do zoológico, sendo popularizado e patrocinado por determinados grupos que, desde então, monopolizaram o jogo, corrompendo policiais e políticos.

¹³ O Rio de Janeiro através dos Jornais. Disponível em <http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj04.htm>. Acesso em 21 de maio de 2015.

Nos anos 70 e 80, emergiram das penitenciárias cariocas a Falange Vermelha, o Comando Vermelho e o Terceiro Comando. Para Ivan Silva (1998), as origens do crime organizado no Brasil provêm basicamente de duas fontes. A primeira, vista como uma evolução natural da atividade individual para a atuação em quadrilhas especializadas em determinado crime e, a segunda, a partir de uma contribuição dos presos políticos acerca de conhecimentos de organização aos presos comuns. Ou seja, dissidentes políticos ensinaram estratégias de organização aos criminosos durante o período em que estiveram presos no regime de ditadura militar, instaurado no país à época. Fato associado diretamente à origem do Comando Vermelho, no presídio da Ilha Grande, no Rio de Janeiro, que foi demolido em 1994 (AMORIM, 1993).

Segundo Ferro (2009), o Comando Vermelho superou em vários aspectos seus professores, tanto na infraestrutura como na disciplina e organização interna. E que, logra com certa cooperação da comunidade por ele controlada, seja por meio do assistencialismo, seja por uma política de silêncio ou de intimidação, atuando inclusive no interior das penitenciárias, assumindo o espaço do departamento do serviço social do Sistema Penal do Estado (LAVORENTI; SILVA, 2000).

Apesar de ser difícil defini-lo legalmente (SOUTHWELL 2013; FERRO 2009), o crime organizado apresenta características bem peculiares que impedem sua associação à imagem de uma mera quadrilha. Nesse sentido, observa-se nas palavras de Paulo Borges a preocupação não com uma definição do que é o crime organizado, mas com o que ele faz, tendo em vista que, o que o crime organizado faz não é, necessariamente, o que ele é. Essas organizações atuam em diversas frentes, áreas que não são necessariamente relacionadas ao crime, mas que são utilizadas como fachada e para lavagem de dinheiro, por exemplo.

A conceituação do crime organizado é difícil, mas não é suficiente sua equiparação com a quadrilha ou bando, porquanto estas existem sem nenhuma organização. A definição legal deve valer-se de um critério eclético, tipificando associação do tipo mafioso, destacando alguns de seus elementos, como a intimidação, a hierarquia e a lei de silêncio, além de outros, ao lado da enumeração de delitos que sabidamente são praticados por tais organizações. (BORGES, 2002, p.91-92)

Da natureza do crime organizado bem como de suas constantes mudanças e adaptações podemos identificar que há uma característica comum entre todos eles, grupos antigos ou modernos, que é o “patrocínio” do Estado, seja de forma direta ou

indireta. Na antiguidade, piratas e traficantes de escravos, por exemplo, usufruíam de uma sanção oficial. Quando este apoio findou, para garantir a continuidade de suas atividades, se instituiu o suborno, prática que se tornou uma das características que compõe a definição de crime organizado. "Não preciso mais de pistoleiros. Agora eu quero deputados e senadores." Esta frase atribuída a "Big" Paul Castellano, o homem que por mais de vinte anos chefiou a família Gambino, uma das mais importantes famílias da Máfia em Nova York, deixa claro o grau de comprometimento do Estado (SOUTHWELL, 2013; FERRO, 2009; GOMES; PRADO; SANTOS, 2000).

No Brasil houve uma Comissão Parlamentar de Inquérito chamada de CPI do Narcotráfico, destinada a investigar o avanço e a impunidade deste crime no Brasil. O trecho abaixo, retirado do relatório final entregue em novembro de 2000, resume o tema da comissão, seus objetivos e justificativas. A preocupação com a proximidade da criminalidade com setores que, em tese lutam contra a própria criminalidade, é um elemento importante nesse texto.

A Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o avanço e a impunidade do narcotráfico foi instituída pela Câmara dos Deputados em função da existência, à época de sua criação, do sentimento (generalizado por toda a sociedade brasileira) de que os traficantes de drogas ilícitas vinham aumentando e intensificando seu campo de ação, dada a ineficácia da atuação estatal. Iniciada a investigação, logo a Comissão percebeu que a questão é muito mais complexa: se é verdade que o consumo de drogas espalhou-se por toda a sociedade – particularmente junto aos jovens – e os traficantes não encontram grandes dificuldades em abastecer esse mercado, o narcotráfico, hoje, é apenas mais uma atividade, uma divisão (a mais lucrativa) de vastas redes do crime organizado. Essas redes exploram vários ramos criminosos (roubo de cargas, de automóveis e outros), ao mesmo tempo em que detêm negócios lícitos e incorporam, à sua área de influência, juízes, parlamentares, policiais e autoridades do Poder Executivo. Em alguns estados, estiveram e estão próximos de tomar para si o poder político. E a verdade é que a sociedade e o aparelho estatal nacionais não estão preparados para enfrentar essa ameaça. (Relatório da CPI do narcotráfico. Novembro de 2000. P.14)

A aludida Comissão Parlamentar de Inquérito, presidida pelo então deputado Magno Malta, ouviu mais de 400 pessoas, dentre eles: militares, empresários, banqueiros, estrangeiros e esposas de traficantes. Esta comissão definiu o crime organizado como “grupos que, a par de mesclarem atividades criminosas e lícitas, corrompem o Estado e as instituições.” Deixando claro que essa corrupção não está limitada ao simples suborno, alertando para o fato de haver inclusive uma influência na política. Se de um lado o crime organizado se aproveita da “ausência do estado”

para se estabelecer em determinadas regiões, fica evidente que suas redes de ação também se articulam com as redes do poder público.

A citada Comissão indicou ainda a possibilidade de encontrar agentes do Poder Público fazendo parte da estrutura de tais organizações, bem como, casos em que agentes do Poder Público favorecem o seu funcionamento. Em um dos depoimentos cujo nome do depoente foi suprimido alegando-se o motivo de salvaguardar sua vida, o depoente afirmou que Sérgio Japonês, um conhecido traficante, chegou à cadeia pública de Anápolis dizendo que havia acertado com o advogado e o juiz para “cair fora” da prisão. Disse o depoente:

“O juiz andou soltando uns caras lá... Soltou o Maciel duas vezes, o Cícero traficante, atual assaltante de banco, soltou duas vezes também... Também soltou o Maurício, da quadrilha do Cícero, ou Ciro.” (CPI do narcotráfico. Novembro de 2000. P. 461)

O texto do relatório destaca também o fato de que essas atividades criminosas são extremamente lucrativas, avaliando que o faturamento do tráfico de drogas no Brasil estaria entre 300 e 500 bilhões de dólares. Esse dinheiro passa por um processo de “lavagem” que envolve várias etapas e tem diversos atores. Como visto, todo o processo que proporciona o sucesso das operações criminosas envolve diversos setores da sociedade o que se configura em uma característica deste tipo de atividade criminosa.

Outra característica importante do crime organizado é o desafio do monopólio estatal (SOUTHWELL, 2013), ou seja, a instituição de um poder paralelo, realizado a partir de uma cultura de violência e medo, utilizada como estratégia de controle, como pode ser visto na citação de Borges (2002) em que ele menciona a intimidação e a lei do silêncio. Borges (2002) também menciona a hierarquia, outra característica peculiar destas organizações. Estes grupos possuem um sistema hierárquico e um código interno e as concepções acerca da constituição e estrutura desses grupos permitem uma melhor compreensão desses modelos organizacionais, da natureza das relações entre os membros e as atividades correspondentes.

O mais famoso grupo relacionado ao crime organizado, sem dúvida, é a Máfia Italiana. Como bem diz o ditado tradicional italiano, “Tutto è Máfia in Italia” (Tudo é

Máfia na Itália). O Comando Vermelho, organização criminosa à qual se vincula a figura de Fernandinho Beira-Mar, é considerado uma versão nacional da Máfia, o crime organizado de raiz tupiniquim. Segundo Carlos Amorim¹⁴, Fernandinho Beira-Mar substituiu Toninho Turco, após sua morte, nas negociações internacionais do tráfico de drogas, até ser preso na Colômbia, atuando junto ao Bloco 16 das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). O criador do Comando Vermelho, Francisco Viriato Correa, o Japonês, afirmou em entrevista concedida a Geraldo Carneiro em 1996¹⁵ que o comando Vermelho nunca chegou a ser uma organização, mas a imprensa brasileira insistiu em associar o Comando Vermelho à organização criminosa mais famosa que existiu, ou seja, a Máfia. Ferro (2009) explica:

A imprensa brasileira parece tê-lo transformado na nossa Máfia, dedicando-lhe grande parte de suas matérias sobre o crime organizado no Brasil, muitas das quais centradas na figura um tanto glamorizada e superdimensionada do anti-herói Fernandinho Beira-Mar, enquanto outros “comandos” recebem menos atenção: o terceiro Comando, o Primeiro Comando da Capital e assim por diante”. (FERRO, 2009, p. 273)

O trecho citado traz à baila uma interessante constatação. Parece haver uma preferência pelo termo “comando” no Brasil, as “instituições” mais reconhecidas se nomeiam como Comando Vermelho (CV), Terceiro Comando Puro (TCP), Primeiro Comando da Capital (PCC). A palavra comando está relacionada a poder, dispositivo de controle, autoridade, ato ou efeito de comandar, diferentemente da palavra Máfia.

Uma primeira corrente¹⁶ defende que a origem da palavra Máfia estaria no árabe, *muafah*, que significa “proteção”. Já a segunda corrente acredita que a origem do vocábulo vem da luta siciliana, no século XIII, contra o domínio francês, cujo brado era “*Morte alla Francia, Italia anela!*”, que teria gerado o acrônimo *MAFIA* (LYMAN; POTTER, 1999). De todo modo, na atualidade, a palavra Máfia é um sinônimo para todos os grupos criminosos organizados da Itália envolvidos em uma teia de corrupção e que estão associados à violência, poder, dinheiro, conspiração e sangue, bem como às palavras tradição, família e honra (SOUTHWELL, 2013).

¹⁴ Revista História Viva. Disponível em http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/empresarios_do_submundo.html (acesso em 3 de junho de 2015).

¹⁵ Em: Discursos Sediciosos: crime, direito e sociedade. V.1 Nº1. P. 16-17, Jan/Jun, 1996.

¹⁶ A Sicília esteve durante três séculos sob dominação dos árabes.

Nos parece interessante neste momento resgatar as características da Máfia, a fim de entender a relação entre esta e o Comando Vermelho, sob a liderança de Fernandinho Beira-Mar, tido como o “Poderoso Chefão dos Trópicos” (FERRO, 2009). Afinal, os papéis assumidos nos diálogos travados entre Beira-Mar e Michel, nas gravações analisadas neste trabalho, têm relação direta com esses textos produzidos e essa imagem de Beira-Mar como “O Poderoso Chefão”. Esses sentidos ganham força e encontram outros que surgem a partir desse encontro .

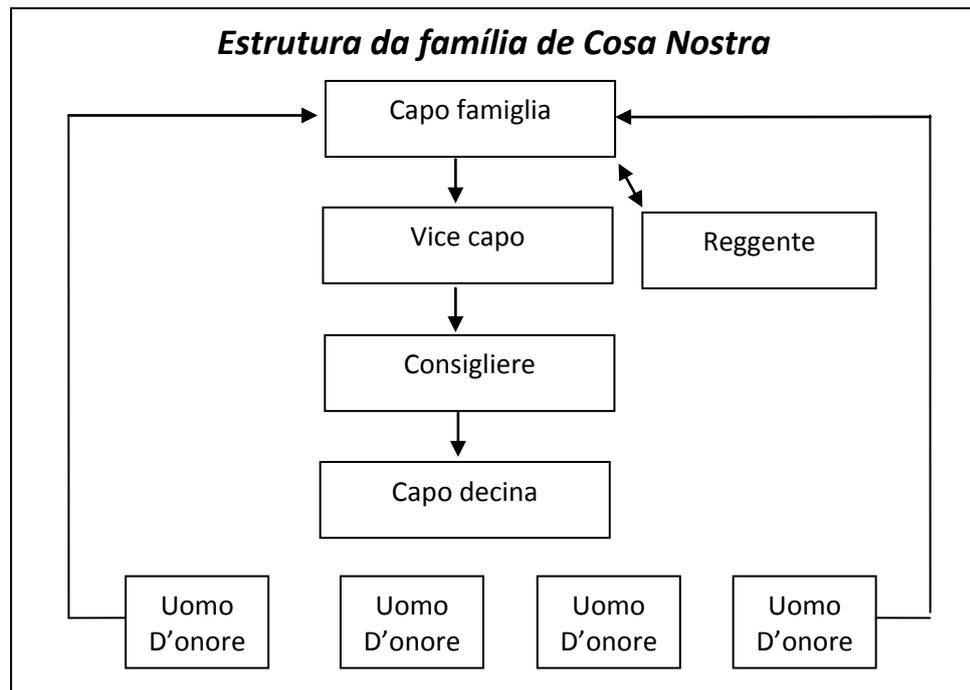
A Máfia original teve origem e sede na Sicília (PELEGRINI, 1999), e durante muito tempo não conheceu rivais à altura, segundo Giovane Falcone, magistrado morto pela Máfia em maio de 1992.

Para o Juiz Falcone, a máfia siciliana não tinha igual. “Existe apenas uma máfia, a *Cosa Nostra*, a mais perfeita e feroz organização da face da terra”, disse. Próximo ao fim da vida, contudo, reconheceu que se podiam apontar também outras grandes máfias, desde que fossem formalmente estruturadas, flexíveis versáteis, extremamente violentas, capazes de garantir proteção aos mais altos níveis, e riquíssimas. Organizações como as Tríades, a *Yakusa* e os clãs russos, “crescendo de modo exponencial”, eram todas essas coisas, concluiu. (STERLING, 1997, p. 38)

Como visto acima, a estrutura de uma organização criminosa é um elemento importantíssimo. A estrutura da máfia, por exemplo, é descrita como piramidal (ABADINSKY, 2003). Essa estrutura típica da célula familiar - a noção de família é essencial da *Cosa Nostra* siciliana (FERRO, 2009) - foi descoberta a partir do depoimento dado por Tommaso Buscetta, que foi preso no Brasil, ao Juiz italiano Giovane Falcone.

A partir destes relatos identificou-se que, no nível superior figuram, em sequência de relevância, o *capo famiglia* (chefe de família), o *vice capo* (vice-chefe) e o *consigliere* (conselheiro), tendo o *reggente* (regente) em posição paralela ao do vice-chefe. Na parte inferior da pirâmide o *capo decina* (o chefe de dezena, que comanda um grupo de 10 pessoas) e abaixo estão os homens de honra (*uomo d'onore*), como se observa no esquema apresentado por Angiolo Pellegrini e Paulo da Costa Jr (1999, p. 108).

Figura 1 – Estrutura da família de Cosa Nostra



Fonte: PELLEGRINI, Angiolo e COSTA JR. Paulo José, 1999.

Outras organizações criminosas como a Yakusa do Japão, as Tríades na China, a Máfia Russa, as Gangues dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha também possuem uma estrutura característica, porém a Comissão Presidencial sobre o crime organizado de 1986, instituída pelo então presidente Ronald Reagan, apresentou em seu relatório final um modelo de contingência no qual ficou configurado um quadro geral de estruturação que atende a todos os grupos organizados (FERRO, 2009).

Figura 2 – Modelo da Contingência do Crime Organizado



Fonte: Comissão Presidencial sobre o Crime Organizado (1986)

A estrutura da máfia é diferente da estrutura do Comando Vermelho, mas seus chefes se colocam da mesma forma, como homens de negócios. Al Capone, filho de imigrantes italianos, um dos maiores gângsteres norte-americanos no começo do século XX, chefe da máfia de Chicago, frequentemente alegava que era como qualquer outro homem de negócios (SOUTHWELL, 2013). J. Edgar Hoover, diretor do FBI, considerava que muitos mafiosos eram bons empresários americanos, impecavelmente anticomunistas e verdadeiramente patriotas. Da mesma forma, Fernandinho Beira-Mar também se colocou como sendo apenas um homem de negócios em um de seus julgamentos. Parece que o assistencialismo e a intimidação funcionam como modulações do exercício do poder atendendo de certa forma à sociedade e ao Estado.

No cenário da criminalidade organizada no Rio de Janeiro temos o Comando Vermelho (CV), o Terceiro Comando Puro (TCP) e uma terceira organização, criada em 1994 a partir de um conflito interno no Comando Vermelho, chamada de Amigos dos Amigos (ADA). Essa divisão é tão expressiva que nos presídios há a necessidade de separação dos presos em função de sua vinculação com

determinada facção criminosa. Apesar das divergências e diferentes comandos, em comum todas têm o seu principal negócio, o tráfico de drogas. Para Walter Maierovitch (1995) essas organizações criminosas fluminenses podem ser caracterizadas nestes termos:

Atualmente, pelo noticiado, associações criminosas dedicam-se no Rio de Janeiro, ao chamado gangsterismo empresarial. Dominam territórios, contam com força armada, elegem políticos e dominam estabelecimentos prisionais oficiais. Intimidam e assim impõem a cultura do silêncio. (MAIEROVITCH, 1995, p. 77-88)

No estado de São Paulo, em meados da década de noventa nasce, também nos estabelecimentos prisionais, o Primeiro Comando da Capital (PCC), patrocinando rebeliões, resgate de presos, roubos a bancos e a carros de transporte de valores, sequestros e tráfico de drogas. O domínio das comunidades se instaura na medida em que esses grupos, no Rio de Janeiro e em São Paulo, ampliam seu alcance. Surgem então os “dez mandamentos do crime”, reproduzidos abaixo:

- 1- Na favela, ninguém ouve, ninguém vê. Os delatores ou informantes da polícia são punidos com a morte;
- 2- O comércio é obrigado a fechar as portas quando um líder do tráfico é morto;
- 3- Não se pode cantar funks ou raps que falem de facções inimigas;
- 4- É proibido usar roupas com as cores da gangue rival;
- 5- Os moradores são proibidos de chamar a polícia em qualquer hipótese;
- 6- A qualquer momento, um morador pode ser obrigado a esconder armas em casa;
- 7- Nas brigas entre vizinhos, o líder do tráfico é o árbitro;
- 8- Empresas que trabalham no morro têm de empregar moradores da favela;
- 9- Os traficantes decidem quais os crimes permitidos no local e quem pode cometê-los. As penas são a expulsão da favela, espancamento, mutilação ou morte;

10- Em algumas favelas, os moradores são obrigados a pintar todas as casas da mesma cor, para confundir a polícia.

(OLIVEIRA FILHO, 2002, p. 168; Crueldade: o que vale é a lei do bandido. Revista Veja 19/06/02 p.4-5)

Como vimos, esses indivíduos considerados criminosos pela sociedade, criam suas próprias leis e normas de conduta, se desenvolvem e acompanham os avanços tecnológicos e também se constituem como uma sociedade de controle, como diria Deleuze:

“estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento [não que os mesmos ainda não persistam], mas por controle contínuo e comunicação instantânea”. (DELEUZE, 1992, p. 216)

O surgimento de novas tecnologias também foi aproveitado e incorporado no mundo da criminalidade. A globalização foi a palavra de ordem do século XX e nenhuma outra atividade humana ilustra melhor a interconexão internacional do que as organizações criminosas, que são verdadeiras organizações globais que desenvolvem complexas redes, conexões e alianças (SOUTHWELL, 2013) onde, por exemplo, possibilitam que as atividades de um cartel de cocaína colombiano possa ter impacto no Brasil. O crime também se modernizou.

A criminalidade acompanhou a evolução da sociedade e os avanços tecnológicos potencializaram o fluxo da comunicação entre os criminosos. Segundo o adido do FBI, David Brassanini, em entrevista ao portal R7¹⁷ durante o 5º Fórum Internacional de Justiça (2010), o barateamento da tecnologia e a velocidade com que ela se aprimora têm sido o principal desafio para identificar e combater o crime organizado ao redor do mundo. Cada vez mais, grupos criminosos agem se beneficiando do baixo custo do aparato tecnológico. Aparelhos de telefonia celular possibilitam falar de qualquer lugar para qualquer lugar a qualquer momento.

Diante deste panorama, foram criados programas especializados que permitem monitorar um terminal telefônico por meses. No Brasil, o sistema Guardião é o equipamento utilizado para monitorar e gravar esse material de interceptação telefônica. O Guardião é um sistema de *software* e *hardware* fabricado

¹⁷ <http://noticias.r7.com/brasil/noticias/avanco-da-tecnologia-e-obstaculo-para-coibir-crime-organizado-diz-representante-do-fbi-20100513.html> (visitado em 10 de dezembro de 2015).

exclusivamente pela empresa Dígito, de sede em Santa Catarina, com tecnologia própria¹⁸. É capaz de gravar simultaneamente centenas de ligações e conteúdo dessas gravações muitas vezes proporciona prova substancial de crimes.

A interceptação de comunicações telefônicas como meio de investigação e de prova no Processo Penal Brasileiro é um procedimento cada vez mais utilizado. Caracteriza-se pela “escuta e eventual gravação da conversa telefônica, quando praticada por terceira pessoa, diversa dos interlocutores” (GRINOVER, 2009). O uso dessa tecnologia de captação e armazenamento de informações advindas da conversação possibilita a produção de dados investigativos e probatórios com os quais trabalham, principalmente, os atores do mundo jurídico.

Nesse contexto investigativo e processual, grande parte da oposição entre acusação e defesa se dá em torno da análise e interpretação desses dados, o que torna essa tarefa importantíssima para o processo e conseqüente condenação dos suspeitos. Quem fala, com quem fala, e o que fala, são elementos utilizados pelo delegado, na fase investigatória, pelo promotor de justiça, no oferecimento da denúncia e, pelo juiz, para o seu convencimento.

A Constituição Federal de 1969¹⁹ proibia quase que de forma absoluta a violabilidade das comunicações telefônicas. Nela, as únicas possibilidades de permissão da interceptação telefônica seriam a decretação do estado de sítio ou de emergência. De forma paralela à Carta Constitucional de 1969, o Código Brasileiro de Telecomunicações – Lei 4.117/1962 previa a possibilidade da quebra do sigilo telefônico, em seu artigo 57, para fins de investigação criminal ou instrução em processo penal, caso precedido de autorização judicial.

Na Constituição Federal de 1988, foi assegurada a inviolabilidade do sigilo das comunicações, porém, não de forma absoluta, condicionando a exceção à permissão judicial e para fins de investigação criminal ou instrução processual penal, transferindo sua regulamentação para o legislador infraconstitucional. Porém, condenações baseadas em provas obtidas por meio de interceptações telefônicas foram anuladas pelo Supremo Tribunal Federal, mesmo quando autorizadas judicialmente e foi a concessão de ordem judicial para a realização de interceptação

¹⁸ http://www.conjur.com.br/2007-ago-04/guardiao_ao_faz_gravacoes_indiscriminadamente_digitro (visitado em 23 de julho de 2015)

¹⁹ Muitos doutrinadores consideram a Emenda Constitucional nº 1 de 1969 uma nova Constituição outorgada por ter modificado substancialmente a Constituição Federal de 1967.

telefônica com a Lei 9.296 de 24 de julho de 1996 que veio a esperada regulamentação do dispositivo constitucional²⁰.

A lei nº 9.296, de 24 de julho de 1996 que regula o uso da interceptação telefônica diz:

Art. 1º A interceptação de comunicações telefônicas, de qualquer natureza, para prova em investigação criminal e em instrução processual penal, observará o disposto nesta Lei e dependerá de ordem do juiz competente da ação principal, sob sigilo de justiça. Parágrafo único. O disposto nesta Lei aplica-se à interceptação do fluxo de comunicações em sistemas de informática e telemática. Art. 2º Não será admitida a interceptação de comunicações telefônicas quando ocorrer qualquer das seguintes hipóteses: I - não houver indícios razoáveis da autoria ou participação em infração penal; II - a prova puder ser feita por outros meios disponíveis; III - o fato investigado constituir infração penal punida, no máximo, com pena de detenção. Parágrafo único. Em qualquer hipótese deve ser descrita com clareza a situação objeto da investigação, inclusive com a indicação e qualificação dos investigados, salvo impossibilidade manifesta, devidamente justificada. Art. 3º A interceptação das comunicações telefônicas poderá ser determinada pelo juiz, de ofício ou a requerimento: I - da autoridade policial, na investigação criminal; II - do representante do Ministério Público, na investigação criminal e na instrução processual penal. Art. 4º O pedido de interceptação de comunicação telefônica conterá a demonstração de que a sua realização é necessária à apuração de infração penal, com indicação dos meios a serem empregados. § 1º Excepcionalmente, o juiz poderá admitir que o pedido seja formulado verbalmente, desde que estejam presentes os pressupostos que autorizem a interceptação, caso em que a concessão será condicionada à sua redução a termo. § 2º O juiz, no prazo máximo de vinte e quatro horas, decidirá sobre o pedido. Art. 5º A decisão será fundamentada, sob pena de nulidade, indicando

²⁰ Raugir Lima Cruzin. Revista Âmbito Jurídico

também a forma de execução da diligência, que não poderá exceder o prazo de quinze dias, renovável por igual tempo uma vez comprovada a indispensabilidade do meio de prova. Art. 6º Deferido o pedido, a autoridade policial conduzirá os procedimentos de interceptação, dando ciência ao Ministério Público, que poderá acompanhar a sua realização. § 1º No caso de a diligência possibilitar a gravação da comunicação interceptada, será determinada a sua transcrição. § 2º Cumprida a diligência, a autoridade policial encaminhará o resultado da interceptação ao juiz, acompanhado de auto circunstanciado, que deverá conter o resumo das operações realizadas. § 3º Recebidos esses elementos, o juiz determinará a providência do art. 8º, ciente o Ministério Público. Art. 7º Para os procedimentos de interceptação de que trata esta Lei, a autoridade policial poderá requisitar serviços e técnicos especializados às concessionárias de serviço público. Art. 8º A interceptação de comunicação telefônica, de qualquer natureza, ocorrerá em autos apartados, apensados aos autos do inquérito policial ou do processo criminal, preservando-se o sigilo das diligências, gravações e transcrições respectivas. Parágrafo único. A apensação somente poderá ser realizada imediatamente antes do relatório da autoridade, quando se tratar de inquérito policial (Código de Processo Penal, art.10, § 1º) ou na conclusão do processo ao juiz para o despacho decorrente do disposto nos arts. 407, 502 ou 538 do Código de Processo Penal. Art. 9º A gravação que não interessar à prova será inutilizada por decisão judicial, durante o inquérito, a instrução processual ou após esta, em virtude de requerimento do Ministério Público ou da parte interessada. Parágrafo único. O incidente de inutilização será assistido pelo Ministério Público, sendo facultada a presença do acusado ou de seu representante legal. Art. 10. Constitui crime realizar interceptação de comunicações telefônicas, de informática ou telemática, ou quebrar segredo da Justiça, sem autorização judicial ou com objetivos não autorizados em lei. Pena: reclusão, de dois a quatro anos, e multa.

Em entrevista à Revista Isto é, Paulo Lacerda, ex-diretor geral da Polícia Federal disse que “o monitoramento é necessário. Até pouco tempo atrás, o maior problema era a guerra; hoje é o crime organizado, cada vez mais sofisticado”. E foi graças ao monitoramento realizado pela Polícia Federal que os áudios objeto deste trabalho foram capturados. Essas interceptações são de extrema relevância para a sociedade, por ser importante meio para as investigações envolvendo organizações criminosas, com a finalidade de elucidar fatos e de obtenção de prova.

Apesar de ser medida cautelar admitida apenas em caráter excepcional pela Constituição Federal, para a investigação de crimes punidos com reclusão em função de ser instrumento que viola o direito à intimidade não apenas do investigado, como de terceiros envolvidos na comunicação telefônica, e seu uso é sem dúvida motivo de reflexões, esta ferramenta tem se mostrado de grande valia para as investigações. Lincoln Nolasco, Procurador Federal na Procuradoria Seccional Federal em Uberlândia, Minas Gerais, afirma que “a interceptação das comunicações telefônicas tornou-se um dos mais eficazes meios probatórios, principalmente para os crimes que não deixam vestígios materiais.”²¹

Contudo, o uso da interceptação telefônica tem sido objeto de diversas discussões, em função de sua importância significativa enquanto instrumento de investigação e meio de prova, bem como por constituir-se poderoso mecanismo de ingerência no direito à intimidade dos indivíduos, direito fundamental assegurado constitucionalmente. Este recurso cada vez mais utilizado no Brasil requer grande cuidado. Na prática forense, depara-se com diversos excessos e irregularidades nos procedimentos de interceptações telefônicas, sendo assim seus resultados demandam um exame pormenorizado de admissibilidade como meio de prova, visto que nossa Carta Constitucional prevê, em seu art. 5º, LVI, a vedação do uso de provas obtidas ilicitamente (AVOLIO, 2010).

Além das questões legais relacionadas ao uso das interceptações temos que a simples transcrição de uma gravação telefônica não garante o pleno entendimento destes conteúdos gravados. A quem ouve cabe o estabelecimento de sentidos e práticas, e não se pode garantir uma restituição total e plena já que há um sentido

²¹ Nolasco, L. Mecanismos de investigação e interceptação telefônica. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XVII, n. 121, fev 2014. Disponível em: <http://ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14265&revista_caderno=2> Acesso em dez 2015.

prévio, que não se tem acesso apenas ouvindo-se aquelas gravações. A quem ouve atribui-se um papel de um terceiro no diálogo e, nessas condições, atribuir sentidos a esses enunciados indica que uma análise discursiva é necessária. Nesse aspecto, tais limitações nos conduziram ao mestrado em linguística.

Neste item, resgatamos o desenvolvimento do crime organizado, seu alcance e o motivo das interceptações que deram origem as gravações que compõem o presente trabalho. As mencionadas gravações foram obtidas através de investigação da Polícia Federal referente à organização criminosa envolvendo tráfico de armas e drogas de Fernandinho Beira-Mar. Essas gravações foram entregues à Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro e ajudaram a elucidar o desaparecimento de Michel Anderson Nascimento dos Santos.

1.2 O Crime e o Processo Jurídico

As interceptações telefônicas que deram origem ao presente estudo elucidaram o desaparecimento de Michel. O conteúdo dessas gravações foi utilizado no procedimento investigatório conduzido pela 59ª Delegacia Policial. O Inquérito Policial, que é procedimento preparatório da ação penal, de caráter administrativo, conduzido pela Polícia Judiciária e voltado a colheita preliminar de provas para apurar a prática de uma infração penal e sua autoria, foi remetido ao Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro.

No dia 29 de fevereiro de 2000, os Promotores de Justiça Márcio Almeida e Márcia Velasco, da 27ª Promotoria de Investigação Penal, ofereceram denúncia em face de Fernandinho Beira-Mar, pelo homicídio de Michel, como se observa no trecho abaixo retirado do processo. Ao final, solicitam que, procedente a solicitação, o réu seja julgado pelo Tribunal do Júri. Fundamentando a denúncia, encontramos menção ao meio pelo qual os promotores descrevem que o denunciado praticou o crime. O denunciado comanda a tortura e a execução através de ligações telefônicas, ou seja, mesmo ausente da cena, seu texto oral produziu um efeito físico, um crime. Os diálogos entre Beira-Mar, Bomba e Michel configuram a prova necessária para o oferecimento da denúncia.

“O MINISTÉRIO PÚBLICO, através dos Promotores de Justiça infra firmados, no uso de suas atribuições legais, vêm oferecer denúncia em face de LUIZ FERNANDO DA COSTA, vulgo “Fernandinho Beira-Mar”, brasileiro, solteiro, filho de Zenilda Laurentina da Costa, atualmente foragido, pela prática do seguinte fato delituoso: nos últimos dias do mês de agosto de 1999, em horário não precisado da noite, através de conversas telefônicas interceptadas com autorização judicial pela Polícia Federal, cujo laudo pericial instrui a presente (vide fls.181 e seguintes do laudo), o denunciado, agindo de livre e conscientemente, comandou a execução de Michel Anderson do Nascimento Santos. No decorrer das citadas conversas, o denunciado comanda as condutas dos executores ainda não identificados, que se encontravam no interior da Favela Beira-Mar, determinando que estes submetam a vítima a um intenso sofrimento até final determinação para que Michel seja morto. (...) Isto posto, requer a V.Ex^a que, recebendo a presente, determine a citação do acusado para responder à imputação ora deduzida, esperando vê-la, ao final, julgada procedente com a prolação de sentença de pronúncia, levando o réu a julgamento por este Tribunal do Júri. (...)” (Processo 2000.021.003044-6, p. 2-3)

Mas, o que significa levar o réu a julgamento pelo Tribunal do Júri? Com base na Constituição da República, ao Tribunal do Júri cabe o julgamento dos crimes dolosos contra a vida, quais sejam, os de homicídio, infanticídio, aborto e instigação ou auxílio ao suicídio. Integrado por pessoas do povo, e sob a presidência de Juiz de Direito, o Tribunal Popular, mediante prévio sorteio dos membros que o compõem, é então chamado a julgar o destino das pessoas acusadas da prática destes crimes.

No sistema vigente, o processo e julgamento dos crimes dolosos contra a vida se apresenta de duas fases distintas. Num primeiro momento, sem qualquer participação dos jurados, o Juiz de Direito conduz a primeira fase do processo, onde então decidirá se aquela causa deve ou não ser submetida ao julgamento pelo Tribunal do Júri. Nesta fase são produzidas as provas testemunhais e técnicas e, alfim, interrogado o acusado. Com lastro nos elementos de prova produzidos nesta fase, o juiz determina ou não se aquele processo será apreciado pelo Tribunal do Júri.

Havendo indícios suficientes de que o acusado é o autor daquele crime, será então prolatada a chamada decisão de pronúncia, com a admissão da acusação, seguindo-se então a segunda fase do processo, onde caberá aos jurados condenar ou absolver o réu, sem qualquer interferência do juiz. Inexistindo indícios suficientes de autoria, ou afastada de plano a prática de crime, o juiz decidirá pela não submissão do réu ao julgamento pelo Tribunal Popular.

Admitida a acusação, e, portanto inaugurada a fase do julgamento propriamente dito, é que ganha relevância a figura do jurado. O Tribunal do Júri será então instalado, e quando da sessão de julgamento serão sorteados sete jurados

para comporem o Conselho de Sentença. Após nova produção de provas na sessão de julgamento, acusação e defesa terão a oportunidade de exporem suas teses acerca daquele fato submetido ao conselho de sentença.

Ao final dos debates travados entre acusação e defesa, em não havendo necessidade de outros esclarecimentos, o juiz presidente da sessão de julgamento determinará que os sete jurados se dirijam à sala secreta, onde estarão presentes apenas o próprio magistrado, o promotor de justiça responsável pela acusação, o defensor do réu, os auxiliares da Justiça e o jurados que compõe o conselho de sentença.

O juiz presidente apresenta aos jurados a série de quesitos que tratam da acusação. Esses quesitos são perguntas objetivas que indagam se o crime em julgamento de fato existiu e se o réu é o autor, além de outras circunstâncias que majoram a pena ou isentam o réu da responsabilidade penal. A resposta dos jurados às perguntas formuladas é que encerra o julgamento propriamente dito. E para tanto, os jurados recebem duas cédulas. Uma com a palavra “sim”. Outra com a palavra “não”.

Diante da leitura de cada pergunta, o jurado, individualmente, de forma secreta, e sem a possibilidade de se comunicar com outro jurado, depositará em uma urna a cédula com o “sim” ou com o “não”. A depender, portanto, da resposta afirmativa ou negativa a cada pergunta, o réu será absolvido ou condenado. Encerrada a votação, o juiz presidente, sem poder se afastar da decisão dos jurados, irá proferir sentença condenatória, caso em que fixará a pena nos termos da lei, ou sentença absolutória, que ocorre quando o juiz reconhece a inocência do réu, conforme o caso.

No que tange ao julgamento deste caso específico, o júri deverá resolver se os enunciados de Beira-Mar produziram um efeito de ordenamento para torturar e matar Michel. Beira-Mar é culpado ou inocente? Ele mandou ou não torturar e matar Michel? As ligações telefônicas e o conteúdo dos diálogos são apresentados como prova que fundamenta a denúncia. A voz de Beira-Mar foi identificada positivamente através de laudo pericial e, sendo assim, não resta dúvida de sua participação nos diálogos. Nesse contexto, só resta julgar se seu discurso foi de autoridade, de ordenamento, ou não.

Beira-Mar seria levado ao Tribunal do Júri em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, no dia 26 de agosto de 2014, há exatos 15 anos após a ocorrência do fato, mas segundo foi veiculado na imprensa²², um suposto plano de resgate e o medo dos jurados em participar da audiência, levaram o Ministério Público a entrar com recurso impedindo o julgamento neste local, tendo em vista ser este um local inapropriado já que é a localidade origem de Beira-Mar, onde este exerceria um grande poder intimidatório que poderia influenciar os jurados, além de o local não apresentar uma estrutura suficientemente segura para um julgamento desta natureza.

A Justiça Estadual optou então por suspender o julgamento até que o Supremo Tribunal de Justiça opinasse sobre o pedido e, no dia 8 de setembro de 2015 o Ministério Público obteve da 5ª Turma do Superior Tribunal de Justiça, a transferência do julgamento do caso do homicídio de Michel, para evitar uma possível tentativa de resgate do traficante, e impedir que o acusado pudesse intimidar e influenciar os jurados.

O folclore é uma ferramenta poderosa para inspirar medo e promover o silêncio (SOUTHWELL, 2006), e este crime teve grande repercussão na imprensa. Toda a surpreendente frieza de Beira-Mar pode ser conhecida pelo público em geral. Os áudios foram divulgados na televisão e podem ser ouvidos na internet por qualquer pessoa, a qualquer momento.

1.3 O Crime e a Imprensa

No jornalismo policial escolher uma pessoa como símbolo é parte da cartilha básica do jornalista (RAMOS e PAIVA, 2007). No passado houve até a invenção de personagens como, por exemplo, o Mão Branca, suposto assassino de ladrões que aterrorizou o Rio de Janeiro, na década de 70. O depoimento de Luarlindo Ernesto, com 50 anos de experiência em redações de diversos jornais cariocas e referência para jornalistas investigativos jovens, conta esta história:

²² Em 30/07/2014, Jornal O DIA por Adriana Cruz; Em 31/07/2014, Vitor Abdala, Agência Brasil.

As histórias inventadas eram muitas. Não tinha esse negócio de ética na imprensa. Desde o monstro da praia de Ramos, inventado por um repórter do Última Hora, até o caso mais famoso, do Mão Branca [...], um matador de bandidos que nunca existiu. Os repórteres encontraram um cadáver e colocavam uma cartolina com a frase: 'Esse não mata mais'. E depois davam a notícia. Isso era anos 70. Depois do Mão Branca, teve o China, o Kung Fu, todo mundo foi nessa onda. (Depoimento de Luarlindo Ernesto em *Mídia e Violência*, p.16).

A reportagem policial costumava ser um dos setores menos valorizados nos jornais e frequentemente delegada a profissionais menos experientes ou menos preparados que os de outros setores (Ramos e Paiva, 2007). Violência e criminalidade para a imprensa, até algum tempo atrás, estavam relacionados ao uso de recursos sensacionalistas e apelativos. Alguns periódicos eram chamados de “espreme que sai sangue”. Ramos e Paiva (2007) acreditam que a máxima “violência vende”, tantas vezes usada para justificar o mau jornalismo e embasar um discurso pessimista e genérico contra a mídia, já não representa a realidade da cobertura da violência e da criminalidade pela imprensa.

Segundo o sociólogo Claudio Beato²³, ambiguidade, conflitos e sentimentos controversos marcam as relações entre a mídia e o setor de segurança pública. Se, de um lado, temos a mídia como grande divulgadora de criminosos que através dela alcançam notoriedade e se comunicam com o público, tendo em vista que a imprensa tem na violência e na criminalidade um dos grandes interesses dos leitores, por outro, mesmo criticada, o papel das coberturas jornalísticas da segurança pública, influenciam e provocam mudanças sociais. Heloisa Buarque de Almeida, antropóloga e professora da Universidade de São Paulo, afirma que a mídia tem um poder de persuasão e de criar novos comportamentos²⁴.

Hoje, para ser eficaz, a polícia tem de atuar de forma legal, dentro das normas do estado de direito, e ainda conquistar legitimidade. Legitimidade é dada pela opinião pública, e quem nos ajuda a formar a opinião pública é a imprensa. [...] A relação entre a polícia militar e a mídia é de amor e ódio. (Coronel PM Augusto Severo, presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Em *Mídia e Violência*, 2007, p. 47)

A imprensa é um órgão importante na disseminação de informações. A sociedade contemporânea está tão permeada pela mídia que ela pode ser considerada como algo que faz parte das instituições culturais e sociais. Tais

²³ Diretor do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da UFMG

²⁴ Em Qual é o poder da mídia? Revista SescTV nº82. Edição 782. Janeiro, 2014.

informações são sem dúvida veículo de normas de comportamento, crenças e valores que podem interferir no comportamento dos indivíduos. Fatos sociais são fatos históricos. Da sociedade emanam, entre outros, fenômenos abstratos que informam ao indivíduo sobre como deve ser o agir social, o comportamento propriamente dito e a imprensa, como instituição social, tem seu papel nessa propagação das informações. Um dos efeitos da mídia é a mobilização para que as vítimas de algum tipo de violência tenham seu lugar de exposição pública e todos reconheçam o seu sofrimento (Brasiliense, 2014).

Uma combinação de sigilo, poder e violência do que configura a sombra que representa o crime organizado é, sem dúvida, material desejável para matérias jornalísticas. O crime organizado é um negócio trilhonário (SOUTHWELL, 2013) e parece exercer certo tipo de fascínio em muitas pessoas. Ele desperta o interesse, seja por representar uma ameaça, ou mesmo apenas pela curiosidade que o tema gera. Grandes líderes, grandes organizações, estatutos, tipos de crimes, histórias de vingança, lutas entre facções, transformam a matéria jornalística em algo bastante interessante.

Segundo Fernando Molica²⁵, jornalista diretor da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – ABRAJI, a imprensa ao longo dos últimos 25 anos, em especial a carioca, tem se dedicado a registrar o poder das organizações criminosas que estão presentes nas favelas. Esse fenômeno de proliferação de reportagens sobre os “comandos” que engloba tráfico de drogas, posse de armamento pesado, lutas por domínios territoriais, cumplicidade com a polícia e a inserção cada vez maior de menores na vida do crime fez com que a criminalidade estivesse sempre nas manchetes.

A mídia exerce influência sobre a representação do crime e também do delinquente em razão do constante destaque que se dá aos crimes violentos. Assim, a mídia vai colaborando com o processo de construção de imagem do criminoso (BAYER, 2013). Ramos e Paiva (2007) também questionam se a imprensa não contribui para construir uma aura mítica em torno de alguns criminosos no que diz respeito à qualidade das informações utilizadas em seus perfis. Para a inspetora da Polícia Civil do Rio de Janeiro, Marina Maggessi²⁶, a imprensa ajuda a consolidar a liderança do criminoso em sua comunidade.

²⁵ Em *Mídia e Violência*, 2007.

²⁶ Em *Mídia e Violência*, 2007.

Como exemplo disso podemos citar as matérias jornalísticas envolvendo Marcola, Marcos Willians Herbas Camacho, criminoso brasileiro considerado o líder da organização criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC)²⁷. Nas reportagens Marcola é considerado um intelectual que teria lido 3 mil livros. Na reportagem do jornal O Globo de 21 de maio de 2006, o jornalista Noblat escreve sobre Marcola, seu percurso na vida do crime e sobre suas declarações, chamando-o de “o líder máximo do Primeiro Comando da Capital”:

O Estado deveria aproveitar e negociar conosco. Ainda bem que somos sensatos. Porque existem outros que são sanguinários, verdadeiros psicopatas. Se eles assumem a liderança do partido, aí é que o caldo vai entornar. (Retirado da matéria intitulada: O homem que parou São Paulo. O Globo, 21/05/2006)

A ênfase ao poder que os criminosos possuem é tema de discussões também do ponto de vista ético. Essas discussões giram em torno do papel da imprensa na supervalorização de um criminoso, tornando-o uma celebridade, o que parece fortalecer sua liderança. Nesse sentido, Marina Maggessi acredita que isso só serviria para reforçar a auto-estima desses indivíduos, sugerindo que os jornais evitassem publicar fotos de bandidos em suas primeiras páginas. Segundo a inspetora “o menino pega a capa do jornal com o Fernandinho Beira-Mar sorrindo e bota na porta do quarto dele, como se fosse o Homem-Aranha.”

Nesse sentido, evidencia-se que um dos efeitos produzidos por esse tipo de abordagem centrada nos indivíduos, é o apagamento das condições históricas de sua emergência. O destaque conferido ao indivíduo que vai de encontro às regras da sociedade lhe confere um destaque e o aproxima de uma figura que pode causar admiração e conquistar seguidores. Se ele passa a ser uma figura famosa seu alcance também é maior.

O assassinato de Michel foi divulgado amplamente pela imprensa brasileira. Grandes redes de televisão apresentaram a gravação das interceptações telefônicas. Isso deu grande visibilidade a Beira-Mar. Beira-Mar passou de “o maior traficante de drogas e armas da América latina” para o personagem que causa medo

²⁷ <http://noblato.globo.com/reportagens/noticia/2006/05/o-homem-que-parou-sao-paulo-37397.html> ; <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2804200620.htm> (visitados em 30 de julho de 2015)

nos jurados e faz com que tenham receio de participar de seu julgamento. Várias reportagens sobre o caso estão disponíveis na internet. Em um levantamento realizado para este trabalho, em novembro de 2014, havia mais de dez páginas no Google sobre o assunto.

A imprensa se refere à Beira-Mar como um bandido perigoso. O advogado Dirceu de Mello, da PUC de São Paulo afirma que, "a periculosidade é medida pela natureza do crime cometido, pela reincidência e pelo comportamento dentro do presídio". No "a Gazeta Bahia" a matéria sobre o julgamento de Beira-Mar é descrita assim: "segurança máxima no julgamento de Fernandinho Beira-Mar, um dos bandidos mais perigosos do Brasil"²⁸. No caso do homicídio de Michel, ao determinar a transferência do julgamento de Beira-Mar para a capital, o ministro Félix Fischer declarou na imprensa:

"Dessarte, o excerto acima destaca a periculosidade do réu, nacionalmente reconhecido como líder de facção criminosa voltada para o tráfico ilícito de entorpecentes e armas, bem como realça dados concretos que evidenciam a dúvida sobre a imparcialidade dos jurados: a manifestação de alguns jurados que, ao comparecerem na data designada para a realização do julgamento - frise-se, não realizado por falta de quórum -, afirmaram ter os jurados faltantes receio dele participar. Fez-se referência, ainda, cumpre assinalar, a possível tentativa de resgate do acusado, ora recorrido, durante a sessão de julgamento, conforme notícia anônima veiculada em jornal de grande circulação". (G1. 08/09/2015. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/beira-mar-tem-juri-transferido-para-o-rio-para-evitar-tentativa-de-fuga.html>. Acesso em 9 de fevereiro de 2015)

²⁸ <http://www.noticiasaoiminuto.com.br/13/05/2015>. Acesso em 03/12/2015.

2 DA VOZ AO DISCURSO

A voz é a respiração sonora, a vida manifestada num tom, a diferença mais profunda dos seres, diferença dos sexos, espelho das idades, particularidade individual. É a projeção do homem na esfera do som. É a visibilidade corporal transformada em invisibilidade sonora.

Paul Bekker

Neste capítulo, abordaremos a relação entre voz e prática discursiva, considerando duas entradas distintas. De um lado, iniciaremos, em “a voz para o discurso”, uma discussão a respeito da materialidade sonora que se realiza em situações de troca verbal. Em seguida abordaremos “a voz no discurso”, em que trataremos da voz como a corporalidade da fala.

2.1 A voz para o discurso

Neste item, abordamos o funcionamento e a importância da voz como materialidade que dá consistência à comunicação oral. Seu aspecto anatômico e fisiológico, bem como seu papel na interação social e na produção dos sentidos do discurso.

Esse sistema organizado e complexo, através do qual o homem age cotidianamente, expondo opiniões, dando ordens, opondo resistência, produzindo afetos, tem propriedades particulares que desempenham funções de codificação, estruturação e consolidação de informações. Não obstante a corrente oposição entre linguagem e extralinguístico, vimos discutindo, ao longo deste trabalho, a produtividade de se assumir a perspectiva segundo a qual a linguagem integra as ações humanas cotidianas, em vez de apenas relatá-las.

Uma das formas de se colocar essa habilidade em uso é através da comunicação oral, ou seja, da fala. Existimos falando, e Agamben (2011), em *O sacramento da linguagem*, nos faz refletir sobre a relação entre capacidade e exercício da linguagem.

Quando se busca compreender a linguagem como uma capacidade biologicamente constituída, vislumbramos que, mesmo em primatas que têm regiões cerebrais que funcionam como áreas primitivas de linguagem, a capacidade de gerar um enunciado e compreender essa linguagem falada é algo que apenas os humanos possuem. Sua evolução é algo que não nos deixou registros e, provavelmente, nunca saberemos como, nem exatamente quando ela se originou. Mas, sabemos que algo ocorreu na laringe de nossos ancestrais quando eles começaram a andar eretos, especialmente com o osso hióide (Abitbol 2006), e que essas mudanças afetaram a variedade e o detalhamento dos sons que poderíamos produzir.

Muito antes da invenção da escrita, a força da comunicação se manifestava através da voz. A liderança em grandes momentos da nossa história foi marcada pelo exercício da voz que soube utilizar essa ferramenta para a propagação de suas ideias e um maior alcance de seus objetivos. Se liderança é poder e poder é influência, o convencimento é uma forma de influência (Amato, 2011).

No filme *O discurso do Rei* (2010), George VI (Colin Firth), assume o trono de rei da Inglaterra quando seu irmão, Edward (Guy Pearce), abdica do posto em 1936, o novo rei então pede o auxílio de um especialista em emissão vocal, Lionel Logue (Geoffrey Rush), para superar seu problema de falar em público. Problema que prejudica sobremaneira sua imagem de rei e sua relação com seus súditos. Nessa história, observamos de forma clara o quanto a utilização da emissão vocal pode influenciar na compreensão do conteúdo de uma mensagem. O que se explora, nesse relato de um evento histórico, é a associação entre o exercício de uma função pública, na constituição de novos contornos para a cena midiática: a emergência das tecnologias de radiodifusão e ressonância da voz para além dos limites físicos, no contexto da Primeira Grande Guerra.

Do ponto de vista fisiológico, toda informação sonora recebida durante a vida, desde que nascemos, é percebida, elaborada e registrada em nossa memória e, sob essa perspectiva, o papel da voz na relação entre os falantes em interação é

fundamental. Santo Agostinho (354-430 d.C.), em seu tratado *De Magistro* (Sobre o mestre), escrito em 389 d.C. diz:

Santo Agostinho: Reparas, creio eu, que tudo quanto, com algum significado, se profere pela articulação da voz fere o ouvido de forma a ser percebido, e é enviado à memória para ficar conhecido.

Adeolato: Sim, reparo.

Agostinho: Acontecem, portanto, duas coisas quando emitimos a voz.

Adeolato: Assim é.

Santo Agostinho: Que dirias tu se por uma dessas qualidades fosses chamadas palavras (“verba”, de “verbare”: percutir, bater) e pela outra nomes (“nomina”, de “nosco”, conhecer)? E o primeiro termo assim se denominasse por causa dos ouvidos e o segundo do espírito.

Adeolato: Concordarei [...]

Do ponto de vista da fonologia, os saberes oriundos da fisiologia humana são importantes na descrição e caracterização do fenômeno vocal. Apesar de a função inicial da laringe não ser a fonação, mas sim a respiração²⁹, ao abordarmos as questões relacionadas à emissão sonora, devemos partir da laringe e entendê-la como órgão principal da fonação, “equipamento” gerador desse som que nos permite a comunicação oral, ou seja, dessa emissão sonora chamada de voz. Esse som da fala dá corpo ao código sonoro que utilizamos para a comunicação interpessoal e as características sonoras de determinados enunciados variam em função de diversos fatores, entre eles os anatômicos e os funcionais.

Nossa laringe é um órgão músculo cartilágneo, situado na região cervical anterior, logo acima da traquéia. Anatomicamente constituída por um esqueleto cartilaginoso³⁰, essas cartilagens são unidas entre si por articulações e ligamentos, proporcionando movimentos ântero-posteriores, laterais e basculantes. Sua musculatura intrínseca, constituída de músculos³¹ que têm sua origem e inserção dentro da própria laringe, realiza movimentos de precisão, com ajustes posturais de abdução, adução e tensão. O trato vocal médio masculino tem um comprimento de cerca de 17,5 cm da glote³² até os lábios, e o feminino é cerca de 10% a 15% menor do que o masculino (Kent, 2015).

²⁹ Filogeneticamente, a função primordial da laringe é a condução do ar na respiração, seguida da função de proteção das vias aéreas inferiores na deglutição, eliminação de secreções e corpos estranhos e de apoio nos mecanismos de esforços, como defecação e parto.

³⁰ Cartilagens: tireóide, cricóide, aritenóides, epiglote, corniculadas e cuneiformes.

³¹ Músculos: Tireoaitenoídeos, Cricotireoideo, Aritenoideos (transversos e oblíquos), Cricoaritenoideo lateral, Cricoaritenoideo posterior.

³² Espaço da laringe.

A matéria prima da voz é o ar armazenado nos pulmões e, por isso, ela pode ser considerada como uma expiração sonorizada (Allali, Le Huche 2005). Durante a fonação, esse ar sai através dos alvéolos pulmonares, bronquíolos, brônquios e traqueia, ou seja, faz o trajeto inverso ao da inspiração. Esse ar é expulso dos pulmões pela ação de músculos específicos (os expiradores) e essa expiração ativa, também chamada de “sopro fonatório” (Allali, Le Huche 2005), é necessária para que se produza a voz. O ar percorre todo o caminho com a pressão e a velocidade reguladas em função da voz que será produzida. Na laringe estão localizadas as pregas vocais, vulgarmente conhecidas como: cordas vocais.

Em verdade, a prega vocal é um músculo, denominado tireoaritenóideo interno, que é revestido por mucosa e mede poucos milímetros no recém-nascido, mas aumenta consideravelmente na idade adulta, atingindo cerca de 9 a 13 mm na mulher e 15 a 20 mm no homem (Sundberg, 2015). O ar expulso dos pulmões faz vibrar as pregas vocais e esse som produzido na glote é um som puro, também chamado de tom fundamental, repleto de harmônicos³³, que pode ser medidos em ciclos por segundo (c/s). Esses harmônicos são amplificados nas cavidades de ressonância (faringe, boca, fossas nasais e seios da face). Então, o som gerado, já amplificado, é moldado e articulado na cavidade oral. Dentes, língua e bochechas atuam formando bloqueios a essa passagem do som, produzindo os fonemas.

O órgão fonador pode produzir uma grande quantidade de sons (produção fônica) e parte desses sons é utilizado na fala (produção fonética). O funcionamento laríngeo influencia diretamente as características físicas da voz, sendo assim, uma maior ou menor contração dos músculos envolvidos nessa atividade influencia diretamente a qualidade da emissão sonora em relação, como por exemplo, à frequência. Tons agudos exigem o alongamento das pregas vocais enquanto que tons graves implicam um encurtamento do músculo e conseqüentemente um menor nível de tensão.

A emissão vocal pode se apresentar sob vários aspectos em um mesmo indivíduo, sofrendo influência de certos ajustes. São eles: a) anátomo-funcionais, como no caso do alongamento ou tensionamento da prega vocal que gera um registro agudo ou grave, como já visto acima; b) fisiológicos, que abrangem alterações hormonais e envelhecimento; c) de saúde, como estados gripais ou

³³ Frequências múltiplas do tom fundamental.

outras patologias que acometem a voz; d) emocionais e contextuais. Sendo este último, o que tem mais relação com a Análise do Discurso.

Como vimos, o mecanismo de produção vocal é extremamente complexo e exige interação de diversos sistemas do organismo, desde o trato respiratório até o sistema nervoso central. Acredita-se (Springer; Deutsch, 1998) que o hemisfério cerebral esquerdo processe a informação verbal, ou seja, linguística e, o hemisfério cerebral direito processe, principalmente, a informação não-verbal, mas parece ter também a responsabilidade primária pelos componentes vocais que conferem emoção ao nosso discurso. Tais elementos seriam a entoação, a altura e o ritmo.

Ao lado dessa caracterização físico-fisiológica da emissão vocal, pretendeu-se igualmente estabelecer reflexões a respeito dos sentidos atribuídos à produção verbal, ressaltando principalmente elementos segmentais e suprasegmentais. Com efeito, as manifestações vocais, materialidade de expressão e comunicação, também contribuem na produção do sentido e na informação quanto ao estado emocional do falante. O aspecto expressivo da voz tem relação com os diversos estados emocionais capazes de conferir à voz uma tonalidade afetiva específica. Muitos pesquisadores estudaram a relação da voz com as emoções. Piccolotto e Soares (1977) afirmam que a voz reflete o dinamismo emocional e intelectual de um indivíduo, assim, estados de tensão, medo, ansiedade, insegurança e excitação são “traduzidos” pela voz. Da mesma forma refere Gonçalves (2000), quando afirma que por meio da voz as pessoas revelam sensações e intenções, refletindo entusiasmo, preocupação e mudanças de humor.

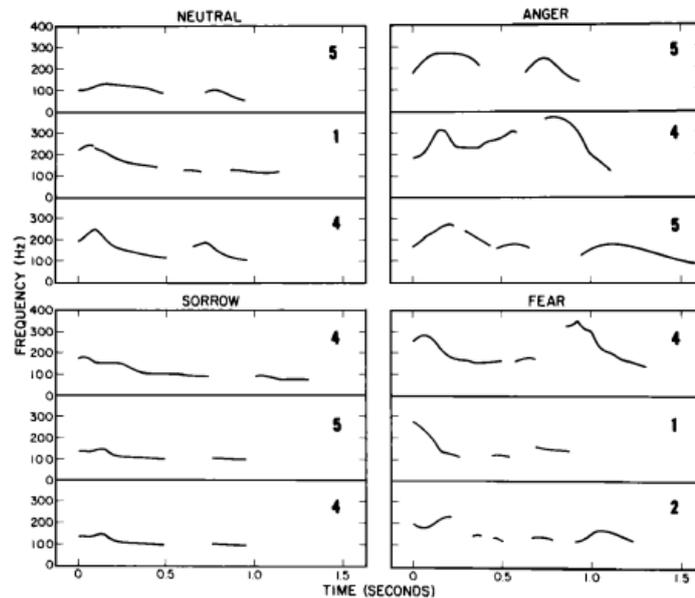
Nessa direção, Kyrillos *et al* (2003) afirma que informações sobre a emoção podem ser percebidas em variações muito sutis que contemplam características na fala, na frequência da voz, na inflexão ou melodia e citam como exemplo a velocidade de fala, a ressonância, a articulação e a intensidade da emissão. Bloch (1984) afirma que toda emoção tem seu reflexo na voz. A tensão gera um timbre diferenciado e a felicidade um tom mais agudo que a depressão, por exemplo. Observa-se diminuição da intensidade na tristeza e um ganho de harmônicos na alegria. Como vimos, vários autores já comprovaram a relação entre a voz e as emoções. Suas variações são expressivas, características e mensuráveis. Estudos de Petri Laukka (2014) classificaram a expressão das emoções através da voz com base em suas características acústicas. Uma vasta gama de emoções foi

classificada. Seus estudos também sugerem que as emoções expressas através da voz compartilham características importantes entre as culturas.

Sundberg (2015) usa o termo “estado de humor do falante” quando se refere aos contornos melódicos que um enunciado pode expressar. Esse estado de humor englobaria a atitude do falante, seu estado emocional, uma reação de surpresa, indagação ou afirmação, uma contestação ou uma complementação do que foi dito anteriormente. Crystal (2011), Kramer (1963) e Sherer (1995) tratam das relações entre o estado de humor e a voz discutindo, inclusive, até que ponto a personalidade do falante é manifesta pelo comportamento vocal. Esses estudos indicam que o contorno melódico de um enunciado pode sofrer modificações dentro de limites bastante amplos em função do estado emocional do falante, sem que com isso tenha havido qualquer mudança quanto ao conteúdo linguístico. Essas variações podem ser causadas a partir de uma mudança no padrão respiratório, por exemplo, que produziria efeitos no processo fonatório. Como vimos anteriormente, a matéria prima para a voz é o ar que sai dos pulmões.

Williams e Stevens (1972) investigaram sobre os efeitos de quatro estados emocionais sobre a voz, são eles: tristeza, raiva, medo e neutralidade. Os resultados demonstraram que o estado neutro se caracterizou por variações gradativas, não abruptas da frequência. Em contrapartida, a raiva apresentou elevação da frequência com picos em determinadas sílabas. Já a tristeza foi caracterizada por padrões de frequência baixos, com poucas variações e queda lenta e ininterrupta nos finais de sentença. Para o medo foram encontradas variações caracterizadas por elevações rápidas e mudanças bruscas da frequência de fonação, como demonstra a figura abaixo. Essas variações, características bem marcadas nas emissões, permitem ao ouvinte inferir sobre o estado emocional do falante, contribuindo para o sentido do enunciado.

Figura 3 – Voz e emoção



Legenda: Na figura observa-se a emissão de um mesmo enunciado por três indivíduos diferentes, em diferentes estados de humor. Na tristeza a frequência fundamental decaiu lentamente e nos estados de humor mais ativos teve variações amplas e rápidas.

Fonte: Williams e Stevens, 1972

Outro aspecto importante da manifestação vocal é aquele que envolve o contexto comunicativo. Quando falamos monitoramos, na maioria das vezes, nosso comportamento vocal. Assim, nossa postura se modifica sobremaneira quando falamos com uma criança pequena e quando estamos em uma reunião de trabalho. Quando queremos fazer uma ameaça ou quando contamos uma piada. Quando estamos em um ambiente silencioso e quando estamos em um ambiente ruidoso. Nossa audição e nossa capacidade de raciocínio proporcionam isso. Esses ajustes podem se realizar de duas formas: a) de forma consciente, uma adaptação necessária ou requerida e; b) de forma inconsciente e involuntária.

Como se vê, os estudos que associam a voz às emoções sustentam-se a partir de uma perspectiva que privilegia as emoções como formas que seriam prévias ao ato de enunciação. Primeiro, haveria emoções que, em seguida, seriam emitidas e reproduzidas em certas características da voz. Do ponto de vista discursivo, interessa compreender não apenas esse plano das emoções, mas, principalmente, o plano dos afetos, das forças que nos levam ao contato com o outro

e contribuem para compor a situação. Os afetos são sensíveis às variações da emissão vocal.

Dessa forma, o uso da voz em um pronunciamento político é diferenciado do uso em uma conversa espontânea, por exemplo, que também difere sobremaneira da voz de recitação, da voz salmodeada³⁴, da voz do camelô, do professor, etc. As circunstâncias de utilização da voz e o papel desempenhado pelo sujeito naquele momento vão proporcionar uma categoria de realização vocal específica. Esses ajustes fonatórios realizados têm relação direta com a demanda exigida, o público alvo, o conteúdo e o objetivo do discurso.

Mais uma questão que guarda estreita relação com o sentido é o uso da voz baseado na intencionalidade do sujeito. Ao expressar-se vocalmente o sujeito permite distinguir o tipo de ação que realiza. Uma voz de alerta corresponde a um comportamento com caráter de urgência. A expressão de descontentamento, uma afirmação categórica ou uma ordem vão solicitar o uso projetado ou não projetado da voz³⁵. Nesse sentido, a intenção do sujeito, demonstrada por seu comportamento vocal também contribui para a significação.

O interessante é que esse som, essa produção sonora, é passível de mensuração. Ele pode ser gravado, medido e monitorado. Programas especializados de análise acústica nos fornecem informações relacionadas ao tempo (duração das emissões), à frequência (faixa média e alterações), e a intensidade (volume). Através da análise espectrográfica de Fourier, podemos visualizar as frequências presentes no sinal sonoro da voz. Como nossa habilidade para identificar uma emoção expressa vocalmente recebe influencia do contexto conversacional ou ambiental e do grau de conhecimento do interlocutor, informações suplementares dadas através de outros meios, como no caso da análise visual da onda sonora, é uma ferramenta interessante na análise do comportamento comunicativo a fim de se obter dados objetivos e confiáveis do sinal vocal.

A representação acústica da fala é um referente básico para se entender como usamos a linguagem. Várias estruturas da linguagem são refletidas no sinal acústico e ele pode codificar vários tipos de informação linguística, o que nos estimula a utilizar a análise desse sinal como um instrumento para entender a

³⁴ Voz produzida em um único tom, sem variações de altura, como, por exemplo, o canto Gregoriano e cânticos religiosos.

³⁵ O mecanismo psicofisiológico do ato vocal de projeção vocal é um reflexo estimulado pela intenção do falante. (Allali, Le Huche 2005); Voz projetada não quer dizer voz forte.

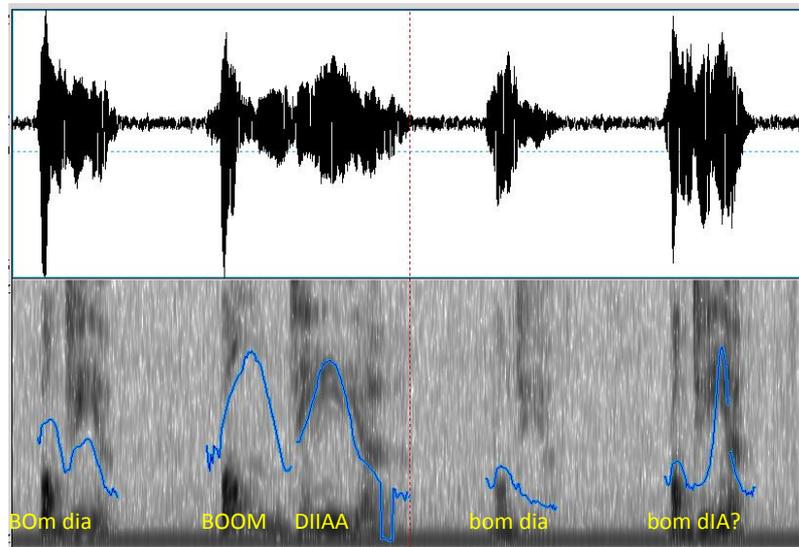
comunicação humana (Kent, 2015). A fala é mais que uma produção sonora de constituintes fonéticos (segmentais), ela apresenta informações outras, chamadas suprasegmentais³⁶ (entoação, padrões acentuais, ritmo, altura e velocidade) que lhe conferem maior riqueza e força. Como já dito, um falante pode ajustar seus padrões comunicativos de diversas formas e para vários propósitos de acordo com o discurso.

Imaginemos alguém, o chefe de um setor, por exemplo, entrando pela porta e, no momento em que diz “bom dia”, uma expressão corriqueira, quase que automática. E, nesse momento ele passa uma mensagem muito importante a seus funcionários. Depois desse simples “bom dia”, todos já sabem se o dia será bom, ou não. Nesse simples enunciado, carregado de sentido, duas palavras podem significar muito mais do que um simples cumprimento matinal. Se forem ditas que forma animada configuram um sentido, em contrapartida, um tom de voz sisudo indica outra significação. Já um “bom... dia...” cheio de pausas pode ser até motivo de preocupação. Em termos da situação de enunciação, o que se instaura é uma bifurcação: um “bom dia” mal dado pode nos convocar a uma cena de ameaça, em que algum tipo de repreensão pode ser antevista, ou uma cena de reação, em que uma resistência se monta diante de uma possível reprovação.

As pausas, elemento distribuído através do fluxo discursivo, são mais facilmente identificadas e caracterizadas através da inspeção visual do espectro sonoro. As pausas podem ser usadas para reabastecimento aéreo (como visto, precisamos de ar para falar), para permitir que o ouvinte reflita sobre a mensagem, para dar ênfase, realce ou destaque a uma palavra ou frase e, seu número e sua duração variam de acordo com nossas intenções comunicativas bem como as emoções vivenciadas no ato da fala. Portanto, seu uso tem grande valor expressivo e estratégico em um discurso.

³⁶ São características prosódicas e outras modificações, cujos efeitos transcendem as fronteiras dos elementos fonéticos individuais. (Kent, 2015)

Figura 4 – Imagem da emissão: “bom dia”



Legenda: análise da expressão “bom dia” no Praat, em quatro entoações diferentes. As letras em maiúsculo representam a maior ênfase dada.

A análise acústica nos permite observar as variações na entoação utilizadas como recurso nos diversos tipos de enunciados. Essas variações relacionam-se, de acordo com Cagliari (2007), com:

“as noções de modo (tipo de orações declarativas, interrogativas...), com a noção de modalidade (asserção de possibilidade, probabilidade, validade, relevância... do que se está dizendo), com os atos de fala (ordem, pedido, sugestão...) e com as atitudes do falante, seu comportamento protocolar linguístico, como: polidez, indiferença, surpresa, etc”.

A análise do comportamento comunicativo através do sinal acústico nos fornece informações sobre como algo foi dito e não somente sobre o que foi dito (análise dos fonemas). Essas nuances dão sentido à fala e, por outro lado, podem configurar incongruências entre o que foi dito e como foi dito. No sarcasmo a mensagem passada pela voz contradiz a mensagem verbal, o que nos dá dicas sobre o “real” sentido do enunciado. Contornos entoacionais, padrões de duração e intensidade caracterizam os enunciados em assertivos, continuativos ou interrogativos, dessa forma, a entoação é um dos elementos de maior importância na produção oral, pois funciona como marca de orientação para inferências e marca de expressão de intenções comunicativas.

Sherer (1985) apresenta em seu estudo uma série de características acústicas de diferentes situações. Segundo o autor, nos estados de relaxamento, satisfação e contentamento expressam-se vocalizações breves com a frequência fundamental relativamente baixa. Na dominação, hostilidade e competitividade, a frequência fundamental se apresenta descendente, e ocorrem mudanças na qualidade vocal, onde se podem observar rugosidade e aspereza. Nos estados defensivos e de medo, as vocalizações são breves com *pitch*³⁷ relativamente definido e frequência fundamental ascendente com ataques vocais de grande amplitude e espectro sonoro rico em agudos. Já na submissão e na resignação as vocalizações têm *pitch* relativamente definido com frequência fundamental alta e padrões repetidos de frequência fundamental.

Chamamos de prosódia uma gama variada de fenômenos que abarcam os traços suprasegmentais da fala, e a entoação é uma parte importante dela. Esses traços suprasegmentais são compostos pelos seguintes correlatos acústicos mensuráveis: frequência fundamental³⁸ (ou tom vocal), intensidade (altura) e duração da emissão (comprimento) e indicam que os fenômenos de interesse não estão confinados a segmentos fonéticos. Podem cobrir um grande leque de emoções desde uma concordância graciosa até uma manifestação de rancor e isso quer dizer que, a análise do componente entoacional nos permite identificar a dinâmica da emissão vocal dentro de um enunciado.

Nesse sentido, a entoação possui várias funções, dentre elas, a mais importante está em assinalar uma estrutura gramatical (CRYSTAL, 2000) desempenhando um papel similar ao da pontuação do texto escrito, como no contraste entre declarações e interrogações, por exemplo. Outra função da entonação é a de comunicar, instaurar atitudes, tais como sarcasmo, dúvida, etc. Podemos dizer que a entonação compreende, então, as variações de *pitch*³⁹ que Madureira (1999) chama de “inflexão tonal”⁴⁰, cujo efeito promove contrastes de significação no nível das palavras e conseqüentemente, do enunciado. No sarcasmo, por exemplo, a mensagem vocal contradiz a verbal, e o enunciado tem um tom que garante o sentido e substitui o conteúdo verbal (HALL; KNAPP, 1999).

³⁷ *Pitch* se refere à propriedade do som que nos permite classificá-lo como grave ou agudo. Está relacionado com a frequência, quanto maior a frequência, mais agudo e, quanto menor a frequência, mais grave é o som.

³⁸ Refere-se ao número de ciclos completos da vibração das cordas vocais

³⁹ Correlato perceptual da frequência fundamental

⁴⁰ Em “Estudos de Prosódia”. Ester M. Scarpa (org)

Por outro lado, um enunciado irônico faz ouvir uma voz diferente da do emissor, a voz de um enunciador que expressa em palavras um ponto de vista que não se sustenta, onde o sentido é dado pela marca de distanciamento entre as palavras ditas e o que elas significam. O tom amenizador de um enunciado insustentável caracteriza o fenômeno da ironia, onde a dupla leitura se articula nessa ambiguidade. “A ironia subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor” (MAINGUENEAU, 1997, p.77).

Kent e Read (2015) atribuem uma forte relação entre os sentimentos do falante e os aspectos prosódicos. Atitude, compromisso, diversos estados emocionais e intencionais provocam padrões entoacionais específicos. Tanto com pessoas próximas, que já conhecemos, quanto para completos estranhos, somos capazes de acessar as emoções que estão por trás de um enunciado. Nesse aspecto, estudos indicam que ouvintes podem julgar as emoções de um falante em taxas bem maiores do que a sorte (BACHOROWSKI, 1999). Interessantes e instigantes, esses experimentos mostram que somos muito competentes em interpretar informações auditivas.

Fónagy (1983) estudou os contornos entoacionais associados a dez diferentes estados emocionais ou atitudes: alegria, ternura, saudade, flerte, surpresa, medo, lamento, deboche, raiva e sarcasmo. Esses estudos deram sustentação à hipótese de que o estado emocional do falante produz efeitos importantes na configuração laríngea. Fónagy também analisou como os movimentos das línguas e dos lábios se modificam de acordo com os diferentes estados de humor e constatou o efeito destes sobre o processo articulatorio da emissão falada. Segundo o autor, na fala em situação de ameaça, por exemplo, a língua assume uma posição extrema e tensa e se desloca abruptamente em direção à posição articulatória seguinte. Já a expressão articulatória de decepção é caracterizada por um relaxamento progressivo da língua e do véu palatino, bem como uma desaceleração do movimento articulatorio, o que nos leva a compreender que cada atitude do falante, correspondente a um estado emocional, está associada a padrões articulatorios e fonatórios típicos.

Bakhtin atribui à entonação expressiva o caráter de expressão da avaliação do enunciado e o considera o traço constitutivo mais importante que estabelece, entre a palavra e o contexto não-verbal, uma relação estreita (2011, p. 449). Exemplificando através do enunciado “Ele morreu”, que dependendo do contexto da

enunciação, poderá traduzir uma expressão de alegria e por outro lado, e a oração “Que alegria” que, no contexto de determinado enunciado pode assumir um tom irônico ou sarcástico (2011, p. 290), pontua que é através da entoação que o falante contata seu ouvinte e daí, seu caráter social.

“Um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva que soa nitidamente na execução oral. A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado.” (BAKHTIN, 2011, p. 290)

A partir da interação contínua e influência mútua de três elementos, a saber: o locutor, o ouvinte e o objeto do enunciado, é que se define a entoação que vai promover a compreensão social do enunciado.

Dessa forma, todo texto oral tem um sentido transmitido através das palavras e outro complementar, transmitido pela voz, que podemos considerar como sendo a dimensão não-verbal da própria fala. A fim de ilustrar o dito até o momento e introduzir a questão da voz como elemento constituinte da significação no discurso, passemos a um exercício de reflexão. A análise de Amato (2011) acerca de dois discursos distintos, disponíveis em: <http://www.youtube.com.br/watch?v=IAi7UnXp9Aw> e http://www.youtube.com.br/watch?v=dk_RtLayZqY, serve como exemplo de como a voz e o discurso tendem a caminhar em sincronia. Neste exercício, a sugestão é que se identifique os autores de cada pronunciamento, com base nas características da emissão vocal.

Primeiro pronunciamento:

Voz áspera, metálica, enérgica, rude. Articulação precisa e ritmada. Grandes variações de dinâmica atreladas ao conteúdo do discurso. Postura rígida com coordenação pneumofonoarticulatória (respiração e fonação-produção vocal-articulação dos sons) adequada a discursos de convencimento, com ênfase em finais de frases.

Segundo pronunciamento:

Voz aguda, clara, limpa, pequena (harmoniosa). Articulação precisa e compassada (ritmada). Dinâmica vocal com pequenas variações, refletindo tranquilidade.

Acima pudemos observar descrições que se referem a dois grandes líderes mundiais. Seria possível termos uma pista de seus emissores através dessas

características reveladas? O conteúdo do pronunciamento poderia ser presumido com base nas características de sua emissão? Vejamos. Uma das descrições corresponde ao homem de nome Mohandas, formado em Direito, que viveu entre 1869 e 1948. Por sua grande força, vinda de seu discurso de paz e não violência, ficou conhecido como Mahatma (magnânimo ou grande alma). Um dos pronunciamentos pertence a Mohandas Karamchand Gandhi. Em contrapartida temos Adolf Hitler (1889-1945), falando para 20.000 jovens alemães em 1934.

A voz pode refletir vários e diferentes sentidos, e a análise do sinal acústico da fala nos permite caracterizá-los. A presença da informação suprasegmental serve a funções importantes na comunicação, às vezes sutis, às vezes essenciais para a compreensão de uma mensagem e conseqüentemente, na produção de um discurso. Nesse sentido, Maingueneau (1997, p.46) refere que: o que é dito e o tom com que é dito são igualmente importantes e inseparáveis. Longe de ser um mero instrumento de propagação, a voz desempenha um papel crucial no discurso.

2.2 A voz no discurso

Neste item, vamos propor uma discussão sobre a articulação entre os saberes da Análise do Discurso e da voz como emissão sonora, através da revisão de autores que discutem o funcionamento da voz na prática discursiva, enquanto corporalidade da fala no texto.

A partir de uma abordagem pragmática da linguagem, compreende-se a voz, enquanto corporalidade da fala, não apenas como veículo para a expressão do pensamento de um indivíduo. A maneira como ela transporta as palavras constitui seu caráter extralinguístico. Os atos de fala, independente de sua formulação gramatical, podem ser compreendidos através de um funcionamento prosódico. Esse componente extralinguístico confere certa potencialidade às palavras (TEDESCO, 2008) e possibilita pensar mundos discursivos possíveis nos quais a voz se reporta mostrando em si a variedade do dizer (Souza, 2009). Têm-se, nesse sentido, duas modalidades de uso que se articulam no linguístico e no extralinguístico e que nos permitem ultrapassar a fronteira do plano das significações postas pelo dito que, simultaneamente, configuram processos de

subjetivação, uma no âmbito do ato vocal e outro na instância do ato da enunciação com as vozes que o perpassam, que Foucault chama de voz material (2007, XI).

Dentro do universo polifônico de Bakhtin, ele reinventa o conceito de voz quando o introduz em sua análise da entoação, restabelecendo uma ligação entre intenção comunicativa, palavra e voz. É a voz que vai permitir definir, a partir do dialogismo, a polifonia da palavra. A compreensão da representação de todas as vozes constituídas na concepção adquirida por uma única voz é um dos conceitos bakhtinianos.

Cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existe palavra sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente (BAKHTIN, 2011, p. 330).

Para a análise do discurso, ao analisarmos um texto, não se trata simplesmente de examinar a fala de um indivíduo, mas sim considerar sua enunciação como o reflexo de uma determinada posição sócio-histórica, que o texto contribui para constituir, simultaneamente. Nessa perspectiva, todo discurso se relaciona com um já-dito, em que esse já-dito não é apenas uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um discurso sem um corpo específico que Foucault, em *A Arqueologia do saber*, caracteriza como “uma voz tão silenciosa como um sopro”, mas que deixa seu rastro, que ele chama de formações discursivas e as define da seguinte forma:

“Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa.” (FOUCAULT, 2014, p. 43)

Parece ser útil recorrer ao conceito de formação discursiva para entender o que são essas vozes presentes no discurso. Uma formação discursiva representa uma articulação entre uma série de acontecimentos discursivos ou não, processos e transformações que se estabelecem entre diversas séries temporais. Todo enunciado tem uma relação com o próprio falante (emissor) e com os outros participantes da comunicação. Ele é um elo nessa cadeia discursiva e representa a

posição do falante em uma ou outra formação discursiva. Com isso, constrói redes de sentido que nos permitem especificar uma relação com o mundo.

Para Maingueneau (2008), o conjunto de formações discursivas de todos os tipos, que interagem numa determinada conjuntura, pode ser denominado de “universo discursivo”. Este universo discursivo define apenas uma extensão máxima e, já que não pode ser apreendido em sua globalidade, funciona apenas como horizonte a partir do qual serão construídos os “campos discursivos”, que são domínios passíveis de serem estudados. Esses campos representam uma Voz. Personificam-se através das palavras e possuem uma representatividade.

Em consonância com a relação que se estabelece entre discurso e voz, o enunciador, no que diz respeito aos efeitos que pretende produzir sobre seu ouvinte, desempenha um papel e tal papel é moldado de acordo com uma determinada formação discursiva. O que é dito e como é dito, configuram um lugar de enunciação, em que o tom é uma das dimensões da discursividade. Mesmo o texto escrito é sustentado por uma “voz” específica (Maingueneau, 2008). A oralidade aqui não é o falado, mas uma tonalidade que se impõe, associada necessariamente as características que o ouvinte atribuirá a figura do enunciador em função de seu modo de dizer.

A esse respeito Foucault se posiciona afirmando que de modo algum se deve excluir a voz que habita a enunciação do texto. Essa voz é concebida por ele como uma das dimensões da formação discursiva. Nesse sentido, Maingueneau (1997) refere que:

“Parece-nos que a fé em um discurso, a possibilidade de que os sujeitos se reconheçam, presume que ele seja associado a uma certa voz (que preferimos chamar de tom, à medida que seja possível falar do tom de um texto do mesmo modo que se fala de uma pessoa). Retomando o exemplo do discurso humanista devoto, pode-se localizar as características mais marcantes que a formação discursiva impõe ao tom de seus autores e definir o ideal de entonação que acompanha seus lugares de enunciação...” (1997, p. 43)

Isso quer dizer que, a partir das características de uma formação discursiva, existe um “tom”, um ideal de entonação presumível que deve acompanhar esse enunciado. E, na medida em que os sujeitos se reconheçam associados a essa voz e que ela presuma características marcantes e assumam um lugar dentro da enunciação, podemos observar a importância da oralidade (do ritmo, da entonação,

etc.) marginalizada pela visão estruturalista, mas que a Análise do Discurso retoma de forma transversal à oposição entre o oral e o escrito (Maingueneau, 1997), já que mesmo um corpus escrito é dotado de uma voz, tem um tom.

Esse tom, como visto, está associado a um conjunto de traços que o ouvinte identifica e atribui à figura do emissor. Nessa dimensão, podemos nos remeter à retórica, em que Aristóteles classificava os oradores através de sua maneira de “dizer”, e não através do que diziam a propósito deles mesmos. Identificamos, por exemplo, que o discurso religioso tem um tom e o político outro, ou seja, a forma de dizer acompanha o lugar de enunciação e está intimamente imbricada a um caráter e uma corporalidade. O caráter em função de um modo específico de dizer e a corporalidade que nos remete a uma representação do corpo do enunciador da formação discursiva (MAINGUENEAU, 1997).

Não se trata de entrar em detalhes sobre uma análise fonética acústica, onde a voz é esmiuçada em componentes numéricos, mas de compreender o funcionamento prosódico posto em ato pela voz (Souza, 2009), entendendo como o quanto a voz enquanto emissão sonora, e suas nuances, é capaz de fazer repercutir na enunciação, no próprio ato de dizer e as imagens dos sujeitos acopladas a uma formação discursiva.

Novamente nos reportamos ao filme *O discurso do Rei*. George parece ser o melhor governante. Seu irmão, rei coroado, é irresponsável e displicente, mas seu discurso tem uma voz que o representa, lhe dá autoridade. Em contrapartida, George ao apresentar disfluência, ou seja, uma fala entrecortada que não suporta a transmissão do conteúdo do texto, faz com que seu discurso remeta a uma voz de insegurança, desconfiança, fraqueza. Todo texto tem uma voz e ela é um dos planos constitutivos da discursividade (Maingueneau, 2008)

Dessa forma, entendemos que a propriedade da voz não se restringe à forma sonora, mas também se constitui a partir de outras vozes, que ela faz soar a partir de sua materialidade. Vozes que antecedem a enunciação como ato em si, e compõem um cenário, uma cenografia discursiva.

“A injustiça avança hoje a passo firme.

Os tiranos fazem planos para dez mil anos.

Nenhuma voz além da dos que mandam.

O poder apregoa: as coisas continuarão a ser como são.

Quem ainda vive nunca diga: nunca!”

(BERTOLD BRECHT, 1898-
1956)

“A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega o destino pra lá...”

(CHICO BUARQUE, Roda
Viva)

“A minha alma tá armada e apontada
Para cara do sossego
Pois paz sem voz, paz sem voz
Não é paz, é medo!”

(O Rappa, Minha Alma)

3 METODOLOGIA E ANÁLISE

“Em meio ao objetivismo científico, às fórmulas numéricas contrastantes e à metodologia sistemática, há meu coração que sustenta uma vida carregada de subjetivismos.”

Ana Carolina

Neste capítulo será apresentada a metodologia de análise bem como seus resultados.

O percurso metodológico desta análise se inicia na escolha do material de trabalho. Como já colocado, o primeiro contato com este corpus se deu diante da atividade profissional como fonoaudióloga técnica pericial no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Da atuação de um profissional em Fonoaudiologia em contexto jurídico espera-se o exame dos áudios para atribuir uma emissão vocal, gravada em áudio, a determinado indivíduo. No caso em questão, pretendia-se reconhecer a emissão vocal em uma ligação telefônica e averiguar sua possível atribuição ao homem denominado Bomba, acusado, no processo em questão, de ser aquele que fala ao telefone com Beira-Mar, acata suas ordens para torturar e, em seguida, matar Michel. A voz atribuída a Beira-Mar já havia sido identificada por perícia anterior, mas sua voz não podia deixar de ser ouvida durante esse processo de análise pericial, assim como a de Michel. A partir dessa escuta vários questionamentos foram surgindo.

O primeiro questionamento estava relacionado às características das emissões vocais. Beira-Mar e Michel conversavam. Beira-Mar o mandante da tortura e Michel, o torturado, conversavam calmamente sobre o estado de Michel. Uma vocalização surpreendentemente tranquila, foi a sensação no momento da escuta. Em seguida, pensar sobre o porquê de Michel responder à Beira-Mar foi um segundo questionamento. Michel não só respondia à Beira-Mar como atendeu à sua solicitação de descrever seu estado para outras pessoas ao telefone. E ainda, por que Beira-Mar precisava que Michel verbalizasse seu castigo? Esses diálogos

tinham um sentido que ia além do dito, das palavras, das emissões vocais. Essas perguntas motivaram esta análise.

Para a análise acima descrita, a voz de Bomba foi recortada e analisada separadamente. Já para a análise discursiva que propomos neste ensaio teórico, nenhuma voz foi priorizada ou descartada, como foi feito no exame pericial para identificação de falante. O conteúdo dos diálogos das duas ligações foi transcrito na íntegra, totalizando cinco páginas e encontra-se no Anexo 1.

Como material a ser submetido à análise, elegeram-se as duas ligações telefônicas, presentes no processo judicial acima referido e divulgadas publicamente na página eletrônica *youtube.com.br*. Na primeira ligação, Beira-Mar conversa com Bomba e com Michel, e passa o telefone duas vezes para dois homens que estão ao seu lado, para que falem com Michel e com Bomba. Esta primeira ligação tem duração de seis minutos e nove segundos. A segunda ligação é uma continuação do diálogo anterior e dura dois minutos e dois segundos. Nesta segunda ligação, Beira-Mar fala com Michel e dá o comando para que Bomba o mate.

Para a análise proposta foram destacados dos diálogos os trechos considerados interessantes a partir da visão da autora. Aqui a palavra interessante significa exatamente que tais trechos atraíram a atenção, intrigaram ou despertaram curiosidade. Com o intuito de explicitar o encontro produzido entre uma atuação em fonoaudiologia e a perspectiva discursiva, faremos inicialmente a seleção dos segmentos a serem submetidos a análise. Para isso, serão apresentados os gráficos correspondentes à emissão vocal do trecho do texto transcrito em forma de oscilograma e espectrograma, com a correspondente transcrição abaixo, seguida dos achados acústicos e textuais.

O oscilograma é o gráfico que representa as magnitudes de tempo, no eixo horizontal, e amplitude no eixo vertical, ou seja, uma representação bidimensional da emissão vocal. O espectrograma é a representação acústica tridimensional desse som, em que o tempo é representado no eixo horizontal, a frequência no eixo vertical, e a intensidade é determinada pelo grau de escurecimento, sendo que quanto maior o escurecimento, mais forte é o sinal.

Com esta descrição acústica dos trechos selecionados pretende-se extrair algumas informações relacionadas aos aspectos entoacionais, as pausas, a intensidade e duração dos segmentos, elementos que contribuem para o sentido das emissões. Para esta apresentação será utilizado o programa PRAAT. O PRAAT é

uma ferramenta de análise acústica desenvolvida por *Paul Boersma* e *David Weenink* do *Institute of Phonetic Sciences*, da Universidade de Amsterdam.

A partir da transposição do texto oral para o texto escrito, foi possível a utilização do programa *WordSmith Tools*. O *WordSmith Tools* é um programa de autoria de Mike Scott, da Universidade de Liverpool, que nos auxilia no levantamento de dados linguísticos. Esta ferramenta foi utilizada para a listagem das palavras utilizadas, bem como suas ocorrências, e facilita sobremaneira a extração dos segmentos ou trechos que queremos destacar, facilitando sua localização e resgate. As listas de palavras utilizadas e suas ocorrências estão no Anexo 2. A utilização desta ferramenta não implica uma análise de conteúdo como Bardin (1995 pág. 19) define: “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”, já que este não é o objetivo desta análise.

Importante pontuar que foi necessário adotar uma terminologia específica, tendo em vista que esta análise aponta a emissão sonora dentro do aspecto discursivo como fazendo parte da rede de interação semântica, um dos planos constitutivos da discursividade e, portanto, os termos voz e tom, por exemplo, poderiam causar certa confusão quanto ao seu significado e sua utilização. Dessa forma, adotamos o termo ENTOAÇÃO ao que se refere ao dado acústico, às modulações da emissão sonora, algo objetivo e mensurável, ou seja, todas as variações sonoramente realizadas. Nesse sentido, serão apresentados alguns gráficos que ilustrarão as colocações textuais. Em contrapartida, o termo TOM estará ligado ao que Bakhtin esclarece corresponder à relação do locutor com a pessoa de seu parceiro. Esse TOM, mais do que uma característica, sustenta o ato, produz efeito de sentido. O tom imprime ao texto um acento avaliativo em função do qual se antecipa a reação do interlocutor. Para Maingueneau (2008), todo texto tem um tom, um caráter, um sentido que se impõe e que o define dentro de um espaço discursivo.

Outra diferenciação que se fez necessária durante o processo de análise foi relacionada à questão da Voz. Optou-se por utilizar o termo VOCALIZAÇÃO para designar o processo comunicativo, ato físico, produção vocal que engloba não somente a emissão sonora (a voz propriamente dita), a articulação das palavras (a fala) e o conteúdo linguístico explícito (a linguagem). Por outro lado, o termo VOZ é utilizado quando nos referirmos ao que Maingueneau chama de uma dimensão

irredutível da “significância generalizada” que governa seu projeto de uma semântica global, compreendendo que o discurso produz um espaço onde se desdobra uma voz que lhe é própria⁴¹, um corpo textual que dá corpo ao enunciador e o caracteriza socialmente, assegurando uma corporalidade “imaginária”⁴² ao destinatário.

Para iniciarmos a análise, foi realizado um levantamento das expressões linguísticas que representam o modo como os participantes dos diálogos se trataram. Na vertical, em cinza, temos o participante e ao lado encontramos como este nomeou cada outro participante listado na linha horizontal. Assim temos que Beira-Mar chama Bomba de “meu Choque” e de “Bomba”; chama Michel de “ele”, “meu sócio” e “Michele”; e chama os outros dois interlocutores, para quem passa o telefone, de: “Amigo desenhista” e “Amigo Médico”. No quadro abaixo é possível visualizar como todos os interlocutores se chamaram durante os diálogos.

Figura 5 – Quadro de participantes dos diálogos

	MODO COMO CADA INTERLOCUTOR É NOMEADO				
PARTICIPANTE	FERNANDINHO BEIRA-MAR	BOMBA	MICHEL	AMIGO 1	AMIGO 2
FERNANDINHO BEIRA-MAR	-	“Meu Choque” “Bomba”	“Meu sócio” “Michele”	“Amigo desenhista” ”	“Amigo médico”
BOMBA	“Patrão” “O homem”	-	-	-	-
MICHEL	“Seu Fernando” “Senhor”	“Bomba”	-	-	-
AMIGO 1	-	-	“Meu filho”	-	-
AMIGO 2	“Nosso amigo”	“O rapaz” “Bomba”	“Companheiro”	-	“Amigo do amigo”

A partir deste quadro conseguimos vislumbrar algumas considerações. Beira-Mar é nomeado como o “chefe”, sugerindo uma relação de trabalho,

⁴¹ Gênese dos Discursos. Pág.91.

⁴² Gênese dos Discursos. Pág. 93.

hierarquicamente organizada, como observamos abaixo, nos trechos retirados da transcrição, sequências 1 e 2.

SEQUÊNCIA 1

BOMBA: Alô.

BEIRA-MAR: Fala, meu choque!

BOMBA: E aí, patrão.

BEIRA-MAR: Tranquilo?

BOMBA: Tranquilo pô, já... a outra orelha dele já comeu também mané.

SEQUÊNCIA 2

BEIRA-MAR: Cadê, deixa eu falar um pouquinho com ele.

BOMBA(ao fundo com Michel): Fala aí com o homem aí.

MICHEL: Alô.

BEIRA-MAR: E aí tudo tranquilo?

MICHEL: Tô, tô todo cortado, sem as duas orelha.

Já nas falas atribuídas a Michel, o distanciamento se reitera, com o emprego de “senhor”. Com isso, constitui-se uma relação de formalidade e hierarquia. Demonstra-se respeito, aceitando o status de poder de Beira-Mar. Michel se refere à Beira-Mar como “senhor”. “Senhor” é um pronome de tratamento, termo empregado no tratamento cerimonioso. Sua utilização configura uma posição, designa cargos ou posições sociais de prestígio e possui um caráter de formalidade.

SEQUÊNCIA 3

MICHEL: Se eu soubesse, eu nunca, nunca tinha me envolvido Seu Fernando.

BEIRA-MAR: É mermo, é? Caramba...

MICHEL: Tô falando de coração pro senhor, eu num tô conseguindo nem andar, eles tentaram colocar eu pra andar, num dá não, eu consigo dá só três passo e as perna dói muito, dói tudo.

Se o estatuto conferido a Beira-Mar o situa em relação de distanciamento e de formalidade em relação aos interlocutores, não se pode negligenciar que a Michel se atribui genericamente a posição conferida a “ele”, ou com o nome próprio marcado pelo gênero feminino. Em outras ocorrências, Beira-Mar o chama de “sócio”:

SEQUÊNCIA 4

BOMBA: Alô patrão.

BEIRA-MAR: Fala meu choque, deixa eu falar com meu sócio.

BOMBA: Oi?

BEIRA-MAR: Deixa eu falar com meu sócio, com MICHELE, com a MICHELE.

Beira-Mar ao chamar Michel de “meu sócio”, coloca Joelma (a mulher que se relacionou com ambos) com o status de propriedade. Apesar de o termo estar relacionado a uma associação ou compartilhamento, é mais comumente associado à esfera empresarial, onde o termo sócio designa cada uma das partes de um contrato de uma sociedade. Dado o conflito em questão, o emprego de “sócio” sugere que ambos mantiveram relações afetivas com a mesma mulher. A pretensa traição é aqui nomeada como “sociedade” entre ambos. Independente da simultaneidade temporal ou não das relações estabelecidas entre os dois homens e a mulher, o que se sugere é que, ao estabelecer relação com uma mesma mulher, uma certa associação entre os homens se cria, partilham um mesmo “negócio”, firmam inevitavelmente um contrato. A mulher torna-se então uma entidade, uma instituição, algo que pode ser dividido em cotas.

O feminino que se aprisiona como um “negócio” partilhado entre homens, portanto signo de uma entificação é agora marca de um rebaixamento: Beira-Mar também se refere a Michel como “Michele”, o feminino do nome Michel.

A feminilização de Michel por parte de Beira-Mar, chamando-o de Michele logo em seguida da utilização do termo sócio, pode indicar que Beira-Mar, apesar de chamá-lo de sócio, coloca Michel em uma posição inferior, menor, indicando que os dois são sócios, pois partilharam do mesmo “bem”, mas não ocupam o mesmo status. Essa tentativa de feminilização de Michel é reforçada com a utilização do artigo feminino “a” na segunda ocorrência do nome “Michele”.

Dessa forma, a análise das expressões utilizadas pelos interlocutores para se nomearem mutuamente contribui para evidenciar os estatutos atribuídos a cada um dos interlocutores, já indicando uma tensão que, ao lado do tratamento formal e cerimonioso de uma relação de comandante e comandado, explicita uma disputa pela masculinidade.

Outra entrada que nos parece produtiva remete à frequência dos verbos. Com relação aos verbos utilizados, temos três grandes ocorrências na fala de Beira-Mar. O verbo “ser”, na forma flexionada da terceira pessoa do indicativo – “é” – com 28 ocorrências; o verbo “estar” na forma contraída da flexão em 3ª primeira pessoa do singular do presente do indicativo que é 'está' – “tá” – com 23 ocorrências; e o verbo “falar”, na sua forma infinitiva, no seu imperativo e no gerúndio, com um total de 22 ocorrências.

Nos quadros abaixo relacionados é possível visualizar a utilização dos verbos estar e falar, considerados relevantes para esta análise, e ainda, como se deu a sua utilização.

Figura 6 – Quadro de ocorrências do verbo estar.

DESCRIÇÃO DA OCORRÊNCIA		CONTEXTUALIZAÇÃO
1	Sem as dua mão e ainda tá falando?	Com Bomba, sobre Michel
2	Ahhhh, porra, mas tu tá bonzinho ainda.	Com Michel, sobre seu estado
3	Tá doendo muito?	Com Michel, sobre

		seu estado
4	Alô... alô... ele <u>tá</u> com dedo ainda, não?	Com Bomba, sobre Michel
5	<u>Tá</u> mais não.	Com o amigo, sobre Michel
6	Então <u>tá</u> tranquilo, dá lo, dá só mais um corinho nele.	Com Bomba, sobre Michel
7	<u>tá</u> bom	Com Bomba, sobre tiros
8	<u>tá</u> bom	Com Bomba, sobre tiros
9	Então <u>tá</u> , daqui a pouco eu ligo aí	Com Bomba
10	<u>Tá</u> sentindo nada?	Com Michel, sobre seu estado
11	<u>tá</u> bom	Com Bomba, sobre tiros
12	<u>Tá</u> bom	Com Bomba, sobre tiros
13	É mermo? Mas você <u>tá</u> bem	Com Michel, sobre seu estado
14	<u>tá</u> falando pra caramba	Com Michel, sobre seu estado
15	<u>tá</u> bem	Com Michel, sobre seu estado
16	meu amigo aqui como é que cê <u>tá</u> , fala com meu amigo	Com Michel, sobre seu estado

17	amigo qué sabê como é que cê <u>tá</u> que ele, ele gosta, ele é	Com Michel, sobre seu estado
18	Pô, mas ele <u>tá</u> reagindo bem pra caramba	Com Bomba, sobre Michel
19	reagindo bem pra caramba hein, <u>tá</u> falando pra caramba né?	Com Bomba, sobre Michel
20	la pro meu amigo comé que você <u>tá</u>	Com Michel sobre seu estado
21	num <u>tá</u> tão mal não	Com Michel sobre seu estado
22	Hã... Ah <u>tá</u> bom, então	Com Michel sobre mandá-lo pra casa
23	avisar a tua família, tá legal?	Com Michel sobre avisar a família dele

Das 23 ocorrências, 17 têm relação com o estado físico de Michel. É solicitado saber sobre o estado de Michel. É solicitado que Michel fale sobre seu estado. Pelo número de ocorrências verificado é possível afirmar que o principal tema dos diálogos é o estado físico de Michel. Sendo repetidamente solicitado a falar sobre seu estado, a tortura física passa para outra esfera, a verbal. A vocalização produz um texto, materializa o enunciado em ondas sonoras que se propagam através do telefone.

Esse texto tem vozes distintas, vozes que se apresentam e se corporificam no discurso. A modulação restrita de Beira-Mar e a modulação de submissão de Michel dão o tom. A entoação que se assemelha a uma conversa entre amigos, sobre amenidades, dá o tom dos papéis que representam seus interlocutores. Esse tom sugere o sentido. Conforme vimos demonstrando, a relação que se estabelece por meio da ligação telefônica configura lugares, atribui marca, confere uma formalidade

que se associa a uma tensão que se expressa igualmente na disputa pelo gênero – a conquista do feminino, por um lado, e seu rebaixamento, por outro. Nele, temos o poder e a submissão lado a lado, onde cada um sabe seu lugar e, esse tom, se apresenta pelo não dito.

Os enunciados, emitidos entoação de pergunta, não esperam resposta distinta da que já se antecipa. A fala de Beira-Mar encena uma pergunta, cujas respostas já são conhecidas. Apesar de uma entoação de pergunta, sua vocalização é neutra. Perguntar o que já se sabe encena uma autoridade de quem “dá a voz” que já se tem. É a voz do poder, como o professor que pergunta aos alunos, já sabendo a resposta, apenas para testá-los. A fala do poder pode ser questionadora. A voz da autoridade que convoca o outro a falar usa do imperativo, é insistente, espera que através da fala seu poder seja reafirmado.

Figura 7 – Quadro de ocorrências do verbo falar.

DESCRIÇÃO DA OCORRÊNCIA		CONTEXTUALIZAÇÃO
1	<u>Fala</u> pro meu amigo aqui	Com Michel
2	<u>fala</u> pro meu amigo cume que	Com Michel
3	<u>fala</u> com meu ami, não chama e	Com Michel
4	Caralho! Deixa eu <u>falar</u> com ele.	Com Bomba sobre falar com Michel
5	Alô, <u>fala</u> meu choque	Com Bomba
6	amigo aqui como é que cê tá, <u>fala</u> com meu amigo	Com Michel
7	Hum, então <u>fala</u> com meu amigo aqui como	Com Michel
8	<u>Fala</u> , meu choque! Tranquilo?	Com Bomba
9	Espera aí, alô, alô, é <u>fala</u> com meu ami	Com Michel
10	xô <u>fala</u> com o BOMBA.	Com Michel
11	ele qué te desenhá, <u>fala</u> com o meu amigo aqui.	Com Michel

12	Deixa eu falar com meu sócio	Com Bomba
13	meu choque, deixa eu falar com meu sócio.	Com Bomba
14	Deixa eu falar com o BA, com o BOMBA a	Com Michel
15	Deixa eu falar com o garoto aí pra ele	Com Michel
16	tem mais alguma coisa pra falar ainda, ô não?	Com Michel
17	Cadê, deixa eu falar um pouquinho com ele.	Com Bomba
18	que tem um amigo meu querendo falar com ele, chama ele.	Com Bomba
19	Deixa eu falar com o BOMBA aí	Com Michel
20	Sem as duas mão e ainda tá falando?	Com Bomba
21	reagindo bem pra caramba hein, tá falando pra caramba	Com Bomba
22	mas você tá bem, tá falando pra caramba, tá bem	Com Michel

No quadro acima temos Beira-Mar solicitando cinco vezes falar com Michel e três vezes para falar com Bomba. Beira-Mar solicita oito vezes que Michel fale. Em contrapartida, por três vezes questiona que Michel está reagindo muito bem, pois ainda está falando. Nesse sentido, observamos que Beira-Mar figura como sujeito que solicita e questiona o falar, e Michel é o único solicitado a falar, tendo em vista que na sentença “fala meu choque” (5 e 8) dirigida ao Bomba, o verbo é utilizado como cumprimento inicial do diálogo.

E Michel responde. Espera-se que Michel, ao falar com o mandante de seu suplício, se rebele. Isso não acontece e ele responde passivamente a todas as perguntas. Ele se silencia falando, o que exemplifica a ideia de que o dizer tem uma relação com o não dizer (Orlandi. 2007). Nesse silêncio o dizível dá acesso ao indizível, e nesse caso, o que não pode ser dito por Michel. Mas o silêncio faz parte da retórica tanto do torturador como do torturado. A fala da força, da dominação, do opressor, é recheada de silêncio. Beira-Mar não se identifica como chefe, como

mandante, como quem tem o poder sobre a vida de Michel. Ele não precisa dizer e seu silêncio indica que seu poder já está instituído.

Em contrapartida, o silêncio da resistência, do oprimido, não é permitido. Ele precisa verbalizar sua dor. Beira-Mar inflige a Michel o suplício da exposição. Pede que ele fale e que conte como está seu corpo. Sua *performance* cínica é materializada através da sua vocalização, ato sonoro da enunciação que dá o tom amigável de quem conversa com um amigo sobre amenidades. Essa ação vocal age no discurso e, essa voz do poder em ato de enunciação também é um operador de força, sítio de sentidos (Souza. 2012:40).

Desse modo a vocalização entoa e destoa. Entoa, embalando a frieza do ato e destoa do conteúdo do enunciado, produzindo um sentido que nos remete a algo que não é real, que está fora do imaginável. A presença dessa entoação afeta o modo de produzir sentidos pelo modo de articulação entre essa vocalização e a materialidade do discurso. Também nela há o silêncio. Falta a modulação e a sonoridade da ameaça, falta a raiva. E essa ausência produz sentidos.

O posicionamento discursivo que Michel assume nos leva a crer que ele conhece seu torturador. O que é dito e, mais importante, como é dito, nos traz a sensação de distanciamento entre o que Michel está vivendo e o que está verbalizando através de suas palavras, fazendo nos refletir sobre os processos de produção de sentidos e o que está sendo silenciado.

Esse silenciamento indica uma interdição, um não poder dizer, é o posto em silêncio. Essa produção de sentidos silenciados é imposta ao discurso de Michel e no seu silenciamento habita um sentido de autopreservação, de medo, de dor. Sentido de opressão e humilhação. Se por um lado Michel é posto a falar, fato que fica claro ao contabilizarmos o número de vezes que Beira-Mar o manda falar, por outro, Michel é silenciado. O significado de silenciamento aqui não é o silêncio, mas “o pôr em silêncio” (Orlandi. 2007).

Esse movimento, essa ação, mostra o funcionamento do interdiscurso, lugar dos modos de construção da produção de sentidos. Pré-requisito indispensável para pensarmos os processos discursivos e a materialidade da linguagem na construção de uma realidade. A fala de Michel só reforça o discurso que pretende seu torturador, o discurso da submissão, do dito que pode ser dito. E Michel continua respondendo.

No mundo do crime o silêncio pode significar (a) não querer falar de si, por autoproteção, medo ou enfrentamento; (b) não querer falar do outro, o que no meio da criminalidade é chamado “X9”; (c) negação de um fato, e nesse caso “o dizer outro”; (d) tentativa de manipulação, onde se diz o que interessa ser dito; (e) construção do enunciado, onde o silêncio corresponde a um apoio, um suporte, dando o tempo suficiente à reformulação do discurso; (f) opressão, aquele que vem da intimidação; (g) ameaça, aquela que parte de quem tem o poder⁴³.

Se destacarmos as falas de Michel podemos observar uma relação de submissão, pistas de um discurso composto de formações discursivas permeadas pela violência e pelo medo. É em seu discurso onde algo significa antes e em outro lugar pré-construído que vemos determinadas formações discursivas.

SEQUÊNCIA 5

MICHEL: Alô.

AMIGO1: Oi.

MICHEL: Eu tô sem os dois pé, os dedo tá tudo pen, pendurado.

AMIGO1: Tá pendu... hã?

MICHEL: Tá pendurado, eu, eu, a orelha direita ran, rancaram tudo! Não dá para ouvir não, eu tô escutando só um barulho fazer assim ó... e na orelha esquerda...

AMIGO1: Hã...

MICHEL: Rancaram um pedaço só para mim tentar ouvir, senão não ia conseguir falar cum vocês.

SEQUÊNCIA 6

BEIRA-MAR: Já tiraram seus dois pé já tamém?

MICHEL: Rancaram os dois pé meu.

⁴³ Retirado da experiência de 8 anos da autora atuando como perita no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro em investigações e interceptações telefônicas autorizadas judicialmente.

BEIRA-MAR: Seus dois pés?

MICHEL: Tá, tá tudo pendurado. Tá só, só sobrô só o calcanhar.

BEIRA-MAR: Caraaamba! E os dedinho?

MICHEL: Os dedinho tá tudo pendurado.

BEIRA-MAR: É mermo é, e a orelha, orelha é gostoso?

MICHEL: ãh?

BEIRA-MAR: Orelha é gostoso?

MICHEL: É muito grande, desceu na boca...

BEIRA-MAR: É mermo...

MICHEL: Qua, quase que eu num engoli.

Michel, durante o processo de tortura, não foi impedido de falar, ao contrário foi estimulado, convocado, provocado a falar sobre a penalidade imposta ao seu corpo. Esse processo tornou-se um castigo-espetáculo, onde não bastou infligir a punição, ela teve que se constituir em uma cena, uma cena de enunciação. Seu dizer foi orientado pelas regras da política do silêncio imposta e já naturalizada constituída pelo que Maingueneau (2001) chama de cenografia. Essa cenografia construída interpela a vítima que assume uma determinada posição, escolhe silenciar-se falando.

Nesse contexto, Beira-Mar tem o poder e não há espaço para qualquer fala. É dele a decisão da sobrevivência ou morte, e a Michel só resta falar o que deve ser falado. Sua fala sugere uma luta pela permanência de sua condição vital. Uma tensão entre o corpo que é retalhado e, simultaneamente, se mantém falando. Mas essa fala de Michel, mesmo que silenciada, não pode durar. Ela tem tempo de vida e, em determinado momento esse sentido muda de caminho. Essa fala já silenciada provoca e afronta na medida em que permanece viva através da materialidade vocal da enunciação, ou seja, da vocalização de Michel.

A voz da resistência que se manifesta através da emissão vocal. A voz que resiste, que ao mesmo tempo em que materializa a enunciação da submissão e seu efeito de silenciamento, desafia, constituindo-se em um elemento de produção de sentido, que não se deixa silenciar. Um sentido de força e de esperança de sobrevivência. Esse ato vocal ultrapassa a linguagem e o processo de silenciamento.

SEQUÊNCIA 7

MICHEL: Rancaram um pedaço só para mim tentar ouvir, senão não ia conseguir falar cum vocês.

AMIGO 1: Mas você tá falando ainda ...

SEQUÊNCIA 8

BEIRA-MAR: Pô, mas ele tá reagindo bem pra caramba hein, tá falando pra caramba né?

BOMBA: Tá, tá, ele é sinistro.

SEQUÊNCIA 9

BEIRA-MAR: Sem as dua mão e ainda tá falando?

BOMBA: Tá falando ainda, tá desenrolando aqui ó, tá sem as duas mão, sem as dua orelha, sem os dois pé.

BEIRA-MAR: Caralho...

SEQUÊNCIA 10

MICHEL: Tô falando de coração pro senhor, eu num tô conseguindo nem andar, eles tentaram colocar eu pra andar, num dá não, eu consigo dá só três passo e as perna dói muito, dói tudo.

FERNANDO: Dói muito? É mermo? Mas você tá bem, tá falando pra caramba, tá bem, num tá tão mal não...

Em seguida, listamos alguns substantivos que se destacaram nos diálogos, e não somente na fala de Beira-Mar. O substantivo masculino “amigo”, uma das palavras que mais se repete ao longo dos diálogos e que segundo o dicionário Michaelis é o mesmo que: “indivíduo unido a outro por amizade; pessoa que quer bem a outra; colega, companheiro; defensor, protetor; partidário; simpatizante; aliado. Aparecendo 7 vezes na fala de Beira-Mar. E “orelha”, substantivo feminino: pavilhão do ouvido; expansão de pele, sustentada por uma cartilagem, que cerca a abertura externa do conduto auditivo; também segundo o dicionário Michaelis e tem 10 ocorrências, sendo um dos temas do primeiro diálogo e também aparece no segundo.

O terceiro quadro descreve a utilização do substantivo feminino “maldita”, que segundo definição do dicionário Michaelis significa: designação popular de doenças impressionantes (erisipela, lepra etc.); impigem rebelde; pústula maligna. Sua recorrência está sempre associada à palavra “boceta”, o mesmo que vulva, segundo o dicionário Michaelis e sua utilização sempre parte de Beira-Mar.

Esses três substantivos foram escolhidos não somente por sua expressiva ocorrência nos diálogos, mas por que auxiliaram na análise das emissões sonoras, ou seja, as vocalizações, tendo em vista que “amigo” é uma palavra que tem conotação positiva, “orelha” apresenta-se como uma palavra neutra, e “maldita”, uma palavra que nos reporta a algo negativo. O objetivo é analisar as relações entre a semântica, o contexto de utilização, a vocalização e o tom do discurso.

Figura 8 – Quadro de ocorrências da palavra “amigo”

DESCRIÇÃO DA OCORRÊNCIA		CONTEXTUALIZAÇÃO
1	chama ele que tem um <u>amigo</u> eu querendo falar com ele	Beira-Mar com Bomba
2	Fala pro meu <u>amigo</u> aqui	Beira-Mar com Michel
3	fala pro meu <u>amigo</u> comé que você tá , que	Beira-Mar com Michel
4	quer te desenhá, fala com o meu <u>amigo</u> aqui.	Beira-Mar com Michel
5	Hum, então fala com meu <u>amigo</u> aqui como é que cê tá	Beira-Mar com Michel
6	fala com meu <u>amigo</u> , meu amigo quer saber	Beira-Mar com Michel
7	meu <u>amigo</u> quer saber	Beira-Mar com Michel
8	Tem um <u>amigo</u> dele querendo falar com ele aqui...	Bomba falando
9	Aqui é o <u>amigo</u> do nosso amigo	Amigo 2 se identificando
10	amigo do nosso <u>amigo</u> aqui	Amigo 2 se identificando

Figura 9 – Quadro de ocorrências da palavra “orelha”

DESCRIÇÃO DA OCORRÊNCIA		CONTEXTUALIZAÇÃO
1	a outra <u>orelha</u> dele já comeu também	Bomba para Beira-Mar, sobre Michel

2	tô todo cortado, sem as duas <u>orelha</u>	Michel para Beira-Mar
3	a <u>orelha</u> direita ran, rancaram tudo	Michel para Beira-Mar
4	um barulho fazer assim ó... e na <u>orelha</u> esquerda	Michel para Beira-Mar
5	É mermo é? E a <u>orelha</u> ?	Beira-Mar para Michel
6	<u>Orelha</u> é gostoso?	Beira-Mar para Michel
7	<u>Orelha</u> é gostoso?	Beira Mar para Michel
8	Eu tô sem <u>orelha</u>	Michel para Amigo 2
9	tô sem as duas <u>orelha</u> .	Michel para Amigo 2
10	<u>Orelha</u> é gostoso?	Beira Mar para Michel
11	<u>Orelha</u> é gostoso?	Beira Mar para Michel
12	sem as duas mão, sem as dua <u>orelha</u> , sem os dois pé.	Bomba para Beira-Mar, sobre Michel

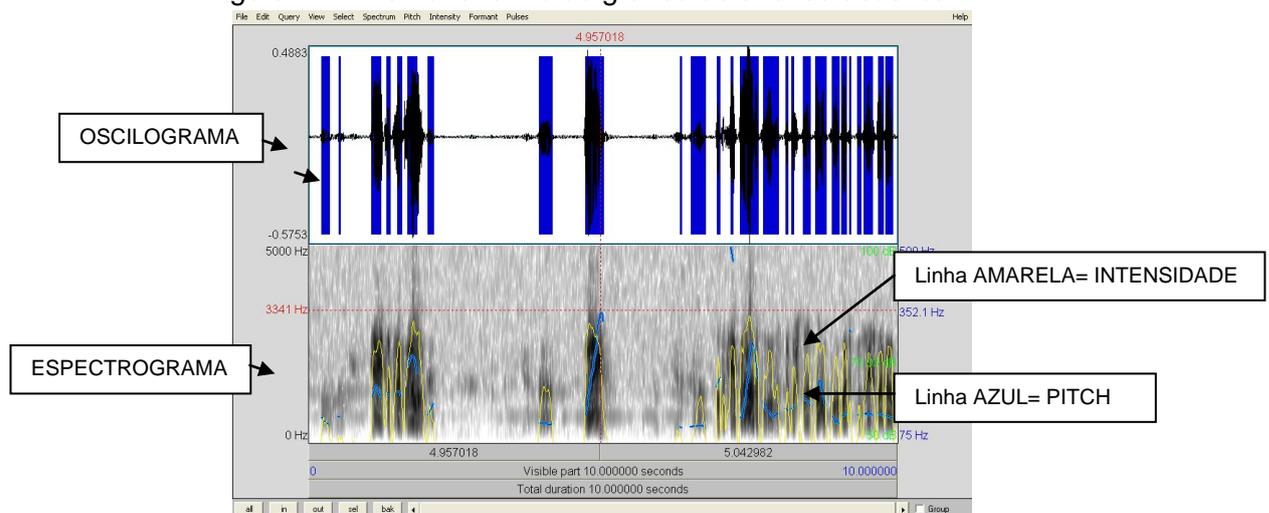
Figura 10 – Quadro de ocorrências da palavra “maldita”

	DESCRIÇÃO DA OCORRÊNCIA	CONTEXTUALIZAÇÃO
1	Mas que buceta <u>maldita</u> heim, cara... Caralho	Beira-Mar a Michel
2	Essa buceta é <u>maldita</u> né não?	Beira-Mar a Michel
3	Num é buceta <u>maldita</u> ?	Beira-Mar a Michel

4	Que buceta <u>maldita</u> hein?	Beira-Mar a Michel
5	E o, sim, vem cá, que buceta <u>maldita</u> hein?	Beira-Mar a Michel
6	que buceta <u>maldita</u> hein, quantas fodas	Beira-Mar a Michel

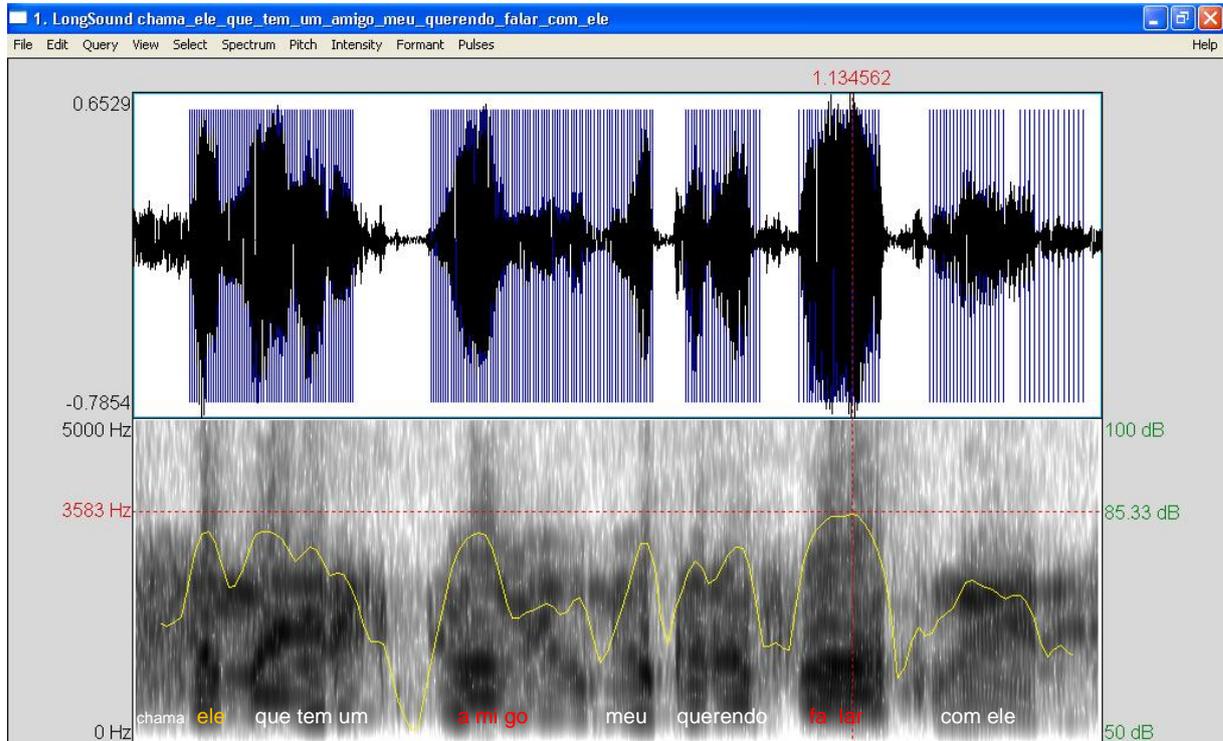
A seguir apresentaremos alguns gráficos que ilustram a análise acústica realizada. Para isso é necessário explicitar a maneira como estas informações são apresentadas no gráfico.

Figura 11 – Demonstrativo do gráfico de análise acústica



Abaixo serão apresentados os gráficos da representação acústica da emissão das seguintes frases de Beira-Mar: “chama ele que tem um amigo meu querendo falar com ele”; “então fala pro meu amigo comé que cê tá”; “oi, fala pro meu amigo aqui, fala pro meu amigo aqui comé que cê tá”. Em seguida o quadro com a duração dessas emissões.

Figura 12 – Representação acústica de “chama ele que tem um amigo meu querendo falar com ele”



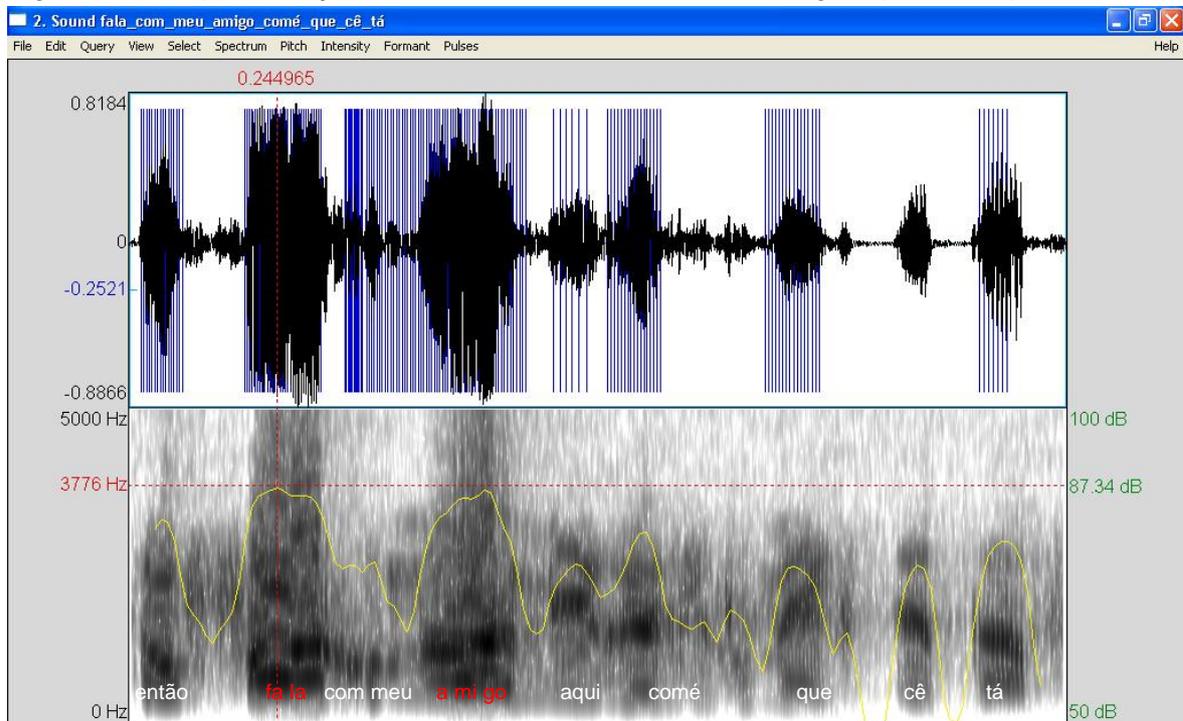
Legenda: Demonstra o maior pico de intensidade na palavra “falar” e o segundo maior pico na palavra “amigo”.

Figura 13 – Análise da duração das emissões de “chama ele que tem um amigo meu querendo falar com ele”

PALAVRA	DURAÇÃO
CHAMA	0:00:097
ELE	0:00:127
QUE	0:00:030
TEM	0:00:033
UM	0:00:040
AMIGO	0:00:247

MEU	0:00:065
QUERENDO	0:00:125
FALAR	0:00:158
COM	0:00:57
ELE	0:00:117

Figura 14 – Representação acústica “então fala com meu amigo aqui comé que você tá”



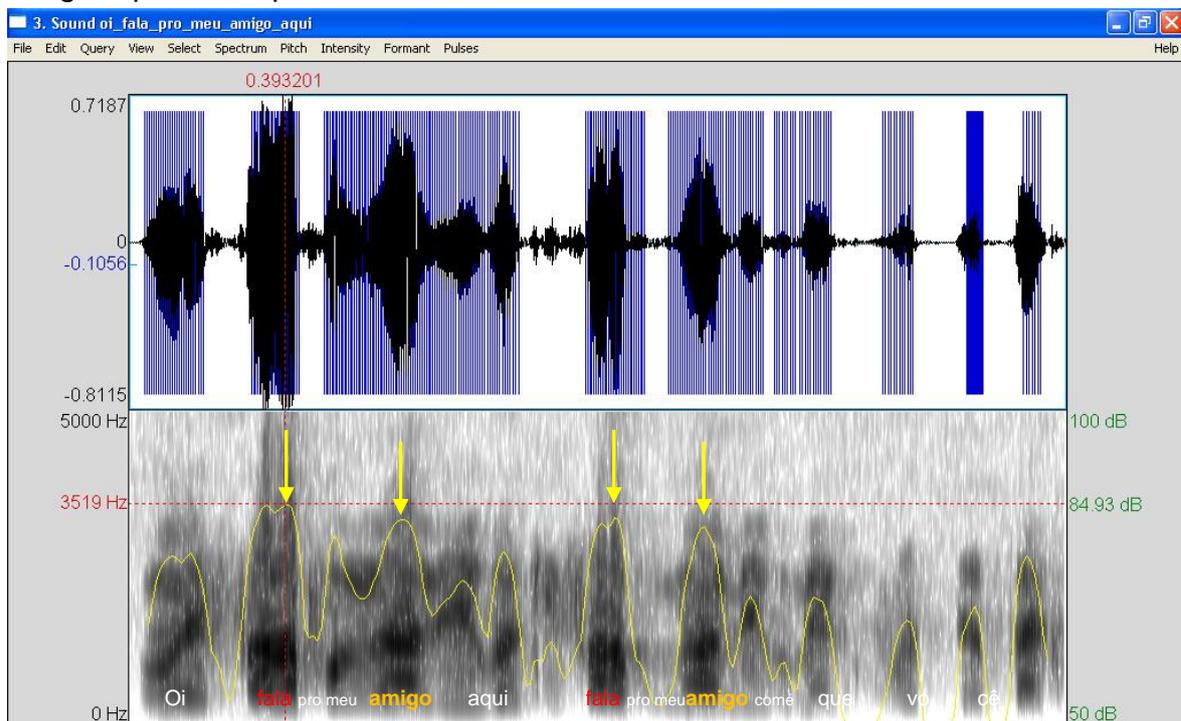
Legenda: Demonstra o pico de intensidade na palavra “fala”, e na palavra “amigo”.

Figura 15 – Análise da duração das emissões “então fala com meu amigo aqui comé que você tá”

PALAVRA	DURAÇÃO
ENTÃO	0:00:073
FALA	0:00:146

COM	0:00:067
MEU	0:00:042
AMIGO	0:00: 268
AQUI	0:00:083
COMÉ	0:00:097
QUE	0:00:041
CÊ	0:00:069
TÁ	0:00:093

Figura 16 – Representação acústica de “oi, fala com meu amigo aqui, fala com meu amigo aqui comé que você tá”

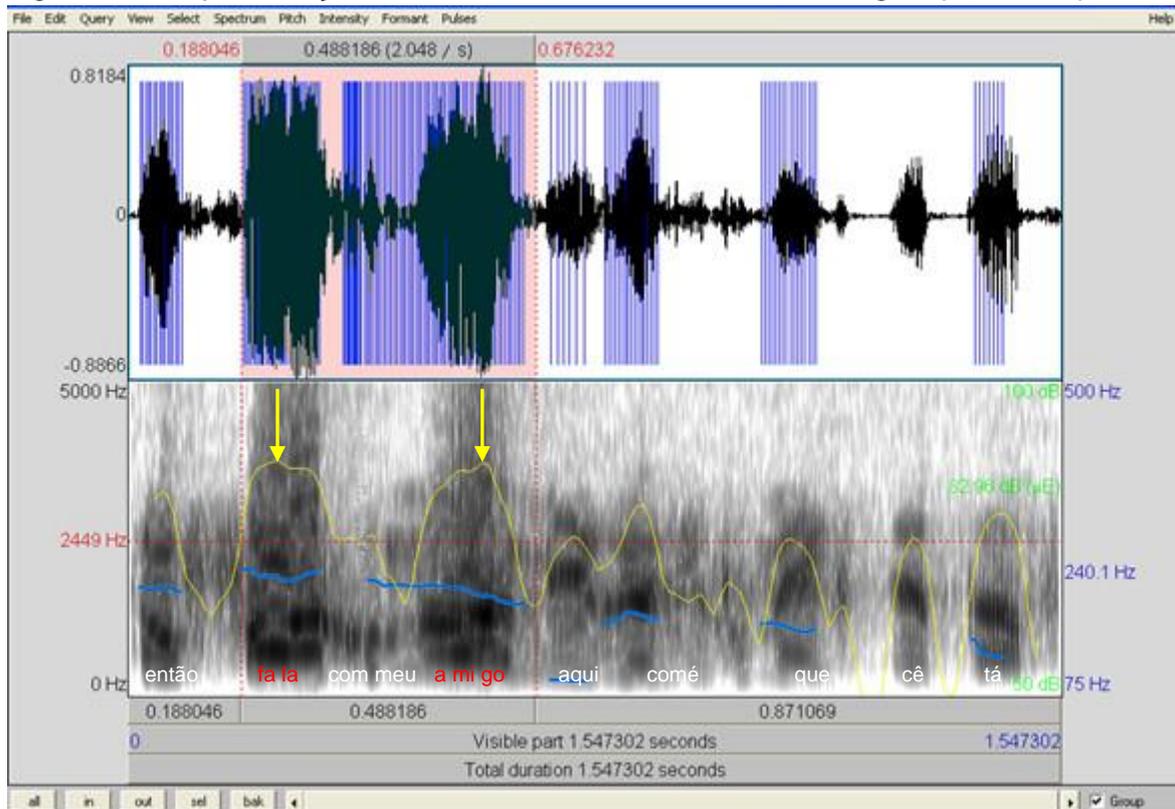


Legenda: Demonstra o pico de intensidade na palavra “fala”, e em seguida na palavra “amigo”.

Figura 17 – Análise da duração das emissões de “oi, fala com meu amigo aqui, fala com meu amigo aqui comé que você tá”

PALAVRA	DURAÇÃO
OI	0:00:065
FALA	0:00:158
PRO	0:00:46
MEU	0:00:071
AMIGO	0:00:325
AQUI	0:00:089
FALA	0:00:117
PRO	0:00:041
MEU	0:00:050
AMIGO	0:00:247
COMÉ	0:00:068
QUE	0:00:35
VOCE	0:00:196
TÁ	0:00:82

Figura 18 – Representação acústica de “Então, fala com meu amigo aqui, comé que cê tá”



Legenda: Demonstra o pico de intensidade na palavra “fala”, e em seguida na palavra “amigo”.

Variações na intensidade e duração das emissões têm relação com a ênfase dada pelo falante. Segundo Kent e Read (2007), o acento frasal é o fenômeno de proeminência lexical em um sintagma, ou seja, uma palavra em um grupo de palavras é considerada como mais proeminente ou mais saliente. Um falante coloca mais proeminência em determinadas palavras que em outras. Isso pode acontecer de forma consciente ou inconsciente. Ainda segundo os autores acima citados, a duração das emissões e as pausas são pistas que marcam estruturas linguísticas importantes na conversação. Como se observa nos gráficos apresentados, as palavras “fala” e “amigo”, apresentam picos de intensidade elevada, bem como maior duração da emissão.

Figura 19 – Análise do pitch em “fala com meu amigo”.

SENTENÇA	PITCH MIN	PITCH MÁX	PITCH MÉDIO
Fala com meu amigo	198.9	447.6	240.1

O *pitch* tem relação com a frequência medida em Hertz. Estudos de Sedlacek e Sychra (1963) indicam que a média de valores de frequência de fonação mais alta está relacionada à expressão de alegria.

Abaixo temos a representação acústica das emissões de Beira-Mar questionando se “orelha é gostoso”.

Figura 20 – Representação acústica “É mermo, é? Orelha, orelha é gostoso? É mermo?”

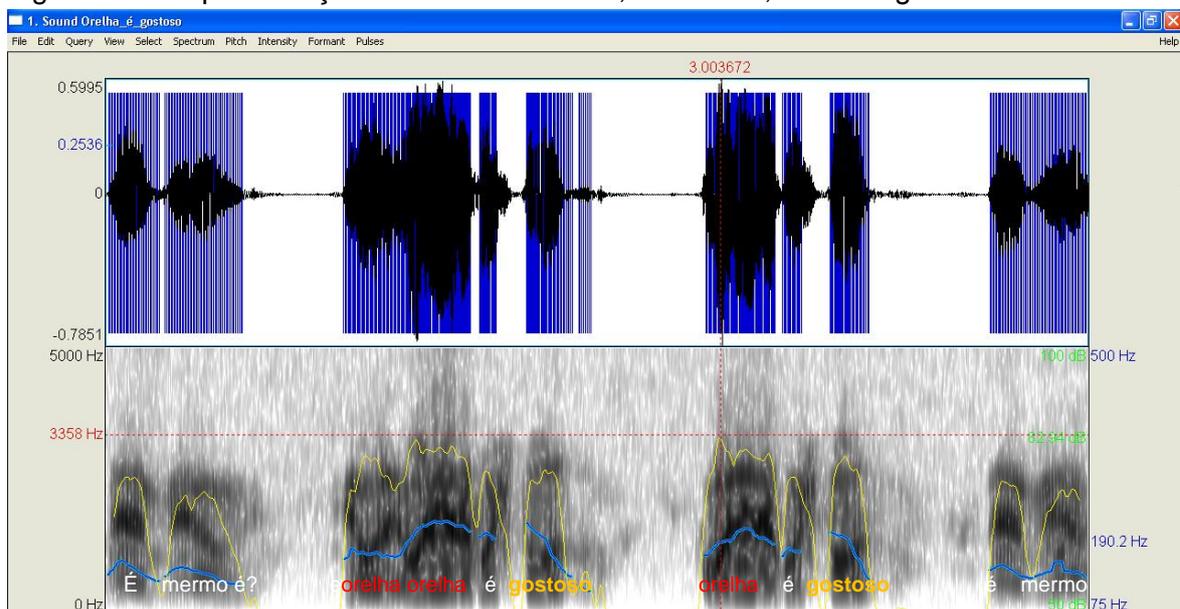


Figura 21 – Análise do *pitch*

PALAVRA	PITCH MIN	PITCH MÁX	PITCH MÉDIO
Orelha	168Hz	223Hz	216Hz
Gostoso	153Hz	200Hz	198Hz
É	145Hz	158Hz	151Hz
Mesmo	134Hz	150Hz	145Hz

Aqui a análise individual do *pitch* foi apresentada tendo em vista que se mostrou com alterações significativas nos trechos relacionados ao segmento “orelha é gostoso”. Houve elevação do *pitch* na emissão da sentença destacada, principalmente na palavra “orelha”, que corresponde, segundo a bibliografia já destacada, à expressão de alegria. As durações das emissões das palavras: “orelha” e “gostoso” também se destacaram.

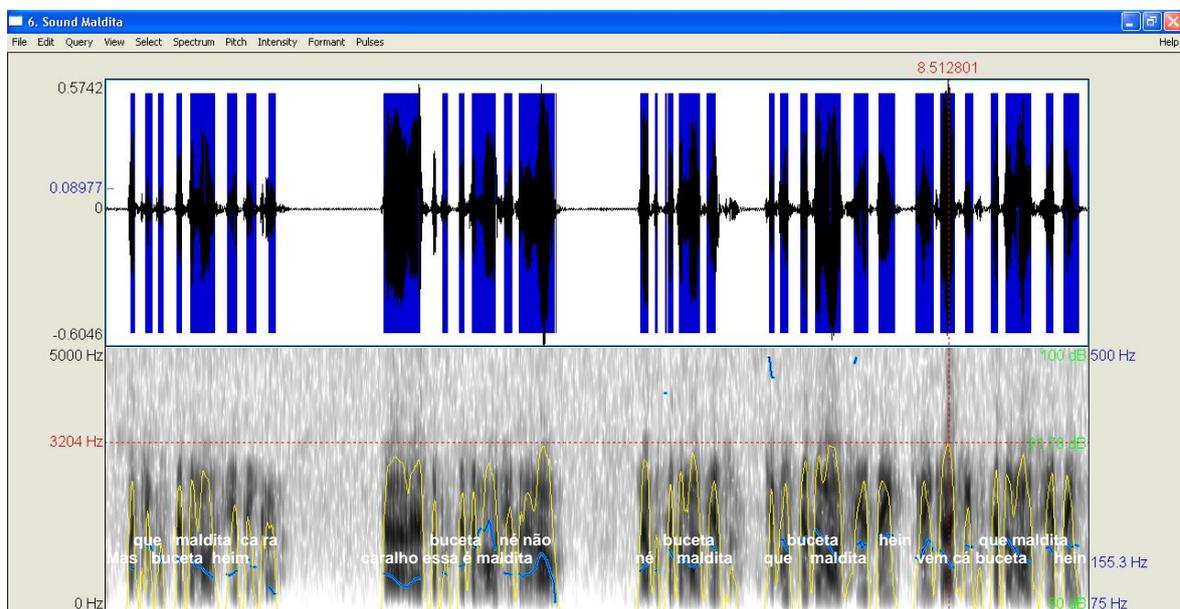
Figura 22 – Análise da duração das emissões de “É mermo, é? Orelha, orelha é gostoso? É mermo?”

PALAVRA	DURAÇÃO
É	0:00:236
Mesmo	0:00:273
É	0:00:209
Orelha	0:00:297
Orelha	0:00:335
É	0:00:080
gostoso	0:00:630
Orelha	0:00:429

É	0:00:085
gostoso	0:00:512
é	0:00:189
Mesmo	0:00:292

A seguir, a representação acústica dos momentos em que Beira-Mar utiliza a expressão “boceta maldita”. Não foram observados elementos indicadores de ênfase, duração prolongada ou pausa reflexiva que se destacassem se comparados com as demais falas de Beira-Mar, o que indica que essa expressão, apesar de usada repetidas vezes, não carrega nenhuma modulação específica em sua emissão. Se pensarmos que uma palavra é sempre fragmento de um discurso, é importante pensarmos nos diferentes ou possíveis empregos e sentidos dela.

Figura 23 – Representação acústica das ocorrências de “boceta maldita”



O substantivo feminino “boceta” relacionado ao órgão sexual feminino aqui associado ao substantivo “maldita” representam Joelma, que seria o motivo de Michel estar sendo torturado. Ao todo foram 6 ocorrências da expressão “boceta”

associada ao substantivo “maldita”, mas se compararmos com a primeira utilização do termo “boceta” que foi associado ao adjetivo “gostosa”, “maldita” passa a atuar como adjetivação.

Como visto, Beira-Mar questiona Michel o tempo todo. Michel atende a todas as solicitações. Ao todo, nas duas ligações, foram 25 perguntas, frases questionadoras, e Michel respondeu a todas. Dos seis minutos da primeira ligação, Michel fala por 1 minuto e quarenta e oito segundos. A segunda ligação durou dois minutos, mas Michel fala por apenas quinze segundos.

Figura 24 - Respostas de Michel na primeira ligação.

1	Tô, tô todo cortado, sem as duas orelha.
2	Tô sem os dois pé.
3	Eu tô sem os dois pé, os dedo tá tudo pen, pendurado.
4	Tá pendurado, eu, eu, a orelha direita ran, rancaram tudo! Não dá para ouvir não, eu tô escutando só um barulho fazer assim ó... e na orelha esquerda...
5	Rancaram um pedaço só para mim tentar ouvir, senão não ia conseguir falar cum vocês.
6	Não, porque eu tô ouvindo baixinho.
7	Rancaram os dois pé meu.
8	Tá, tá tudo pendurado. Tá só, só sobrô só o calcanhar.
9	Os dedinho tá tudo pendurado.
10	É muito grande, desceu na boca...
11	Qua, quase que eu num engoli.
12	Falei tudo pro senhor...

13	Se eu soubesse eu nunca, nunca tinha me envolvido seu Fernando.
14	Tô falando de coração pro senhor, eu num tô conseguindo nem andar, eles tentaram colocar eu pra andar, num dá não, eu consigo dá só três passo e as perna dói muito, dói tudo.
15	É porque...ó, parece que eles passaram um trator em cima de mim...
16	E as minhas costela, acho que tá fraturada, tanto que eles me passaram.
17	Não... Não...
18	Pro Duque...
19	Eu tô sem orelha, tô sem as duas orelha.
20	Só tenho só o calcanhar só, e parece que passou um trator em cima de mim.
21	Quê que o senhor falou?
22	Fala mais alto que o sangue tá tampando a ore, o, o, ouvido.
23	Fa, fala mais alto.
24	Seu FERNANDO?
25	Pega só um taxi pra avisar minha mãe, por favor.

Figura 25 - Respostas de Michel na segunda ligação.

1	Tô todo quebrado.
2	Todo quebrado.
3	Só essa, que eu larguei ela.

4	Só uma depois ela contou a verdade.
5	Não, três foi que ela foi na minha casa.
6	Eu num tô sentindo nada.
7	Não.

A fala de Michel representou a sua submissão aos atos que sofreu. Suas respostas produzem um texto em que há uma voz que aceitou a sua punição. A fala de Michel não foi questionadora.

Mas, sua vocalização foi perdendo força ao longo do seu suplício, como pode ser visualizado nos gráficos abaixo. Essa vocalização de Michel foi perdendo intensidade e energia. Nas imagens a seguir apresentamos as respostas de Michel na primeira e na segunda ligação. Houve nítida perda de intensidade das emissões e respostas mais curtas, ou seja, utilização de um menor número de palavras.

Michel responde aos questionamentos de forma detalhada, repetidas vezes. Atende ao solicitado. Fala de si próprio, de seu estado, como se apenas fornecesse uma informação. Responde para Beira-Mar e responde para os “amigos” de Beira-Mar. Apenas em cinco momentos não está respondendo a questionamentos, mesmo assim sua fala é de submissão. Chama Beira-Mar de “senhor”, solicita que falem mais alto para poder entender e responder as perguntas, e pede “por favor”. Esse posicionamento discursivo de Michel é de quem está subjugado.

Abaixo, os gráficos com a representação da intensidade das emissões de Michel:

Figura 26 – Representação acústica da primeira ligação

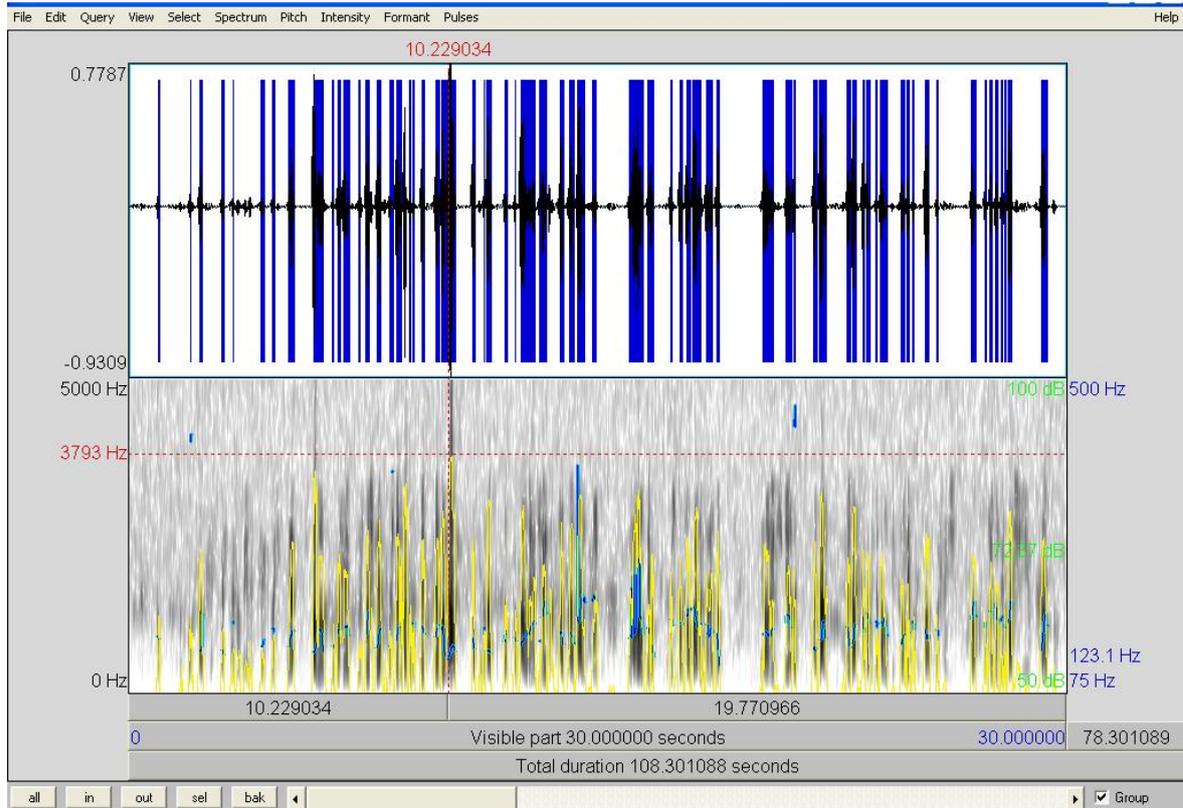


Figura 27 – Representação acústica da segunda ligação

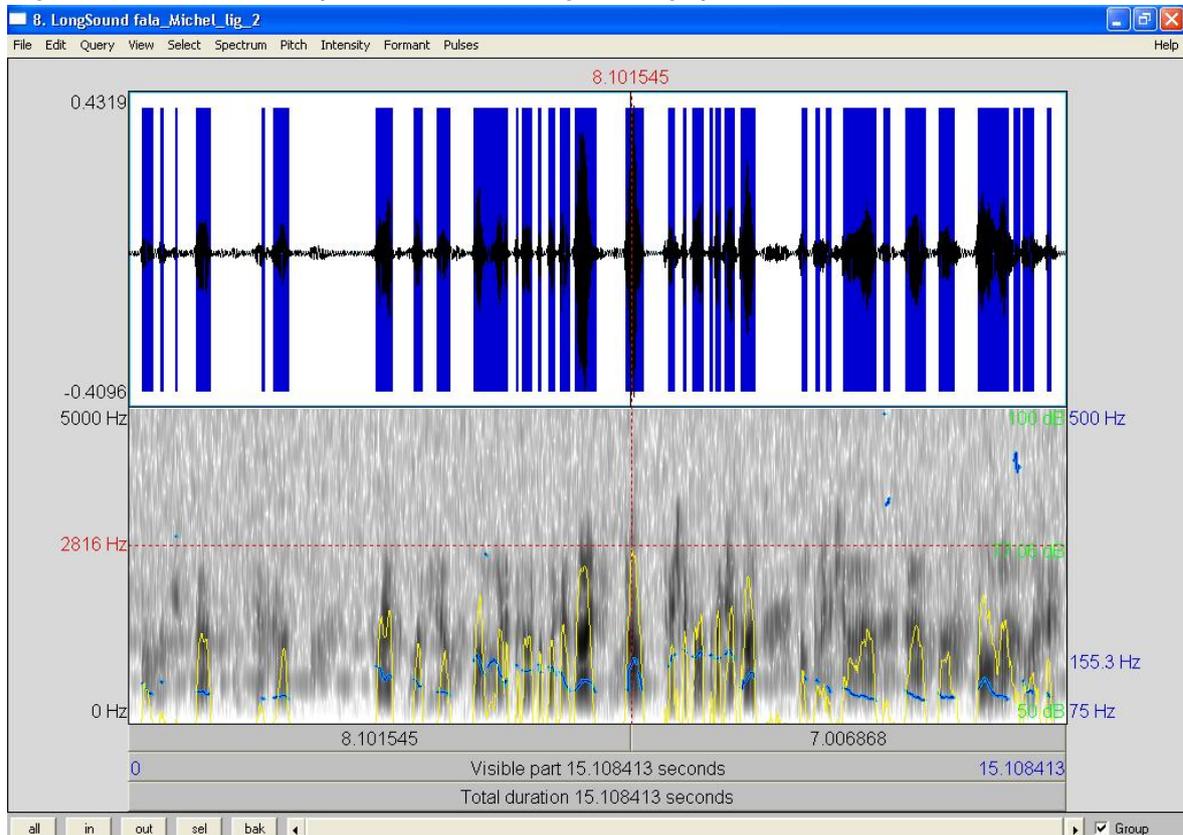


Figura 28 – Descrição dos valores de intensidade das emissões

LIGAÇÃO	INTENSIDADE MÍNIMA	INTENSIDADE MÁXIMA
PRIMEIRA	35,73dB	87,59dB
SEGUNDA	34,57dB	77,09dB

Na segunda ligação, apesar de constantemente questionado, Michel fala pouco. Ainda assim resiste e continua respondendo, mas sua vocalização é fraca, e a sua resposta “Eu num tô sentindo nada” parece desencadear em Beira-Mar um desinteresse por Michel. É nesse momento que Beira-Mar dá a ordem: “ Demorô, já é”, em seguida ouvem-se cinco tiros e Beira-Mar ri.

Na primeira ligação Bomba faz uma pergunta, mas Beira-Mar deixa claro que ainda não é o momento.

SEQUÊNCIA 11: Trecho da primeira ligação

BOMBA: Vai fazer agora o serviço?

BEIRA-MAR: Não, não, dá mais um corinho nele, mais um corinho legal, daqui a pouco eu ligo, dá mais um coro bem dado, bem dado, daqui a pouco eu ligo. Valeu?

SEQUÊNCIA 12: Trecho da segunda ligação:

BEIRA-MAR: Ahhhh, porra, mas tu tá bonzinho ainda. Caralho... puta que pariu. Tá doendo muito?

MICHEL: Eu num tô sentindo nada.

BEIRA-MAR: Tá sentindo nada?

MICHEL: Não.

BEIRA-MAR: Não? Caramba... puta que pariu... pô vou ter que mandá lá no Duque agora hein, vou chamar o taxi pra tu ir pro Duque, valeu? Deixa eu falar com o garoto aí pra ele chamar o taxi pra tu ir pro Duque... Deixa eu falar com o BA, com o BOMBA aí.

MICHEL: BOMBA, é pra você.

BOMBA: Fala.

BEIRA-MAR: Demorô, já é.

Em Michel falam várias vozes. A voz do erro, do reconhecimento, da culpa, do merecimento:

SEQUÊNCIA 13

MICHEL: Se eu soubesse eu nunca, nunca tinha me envolvido seu Fernando.

FERNANDO: É mermo é, caramba...

MICHEL: Tô falando de coração pro senhor.

Do homem, do filho, do morador:

SEQUÊNCIA 14

FERNANDO: Tu qué ir primeiro pro Duque ou quer ir primeiro direto pra tua casa?

MICHEL: Seu FERNANDO?

FERNANDO: ãh...

MICHEL: Pô, pro Duque, pega só um taxi pra avisar minha mãe, por favor.

FERNANDO: A tá bom, então vou mandar o taxi te levar até o Duque aí do Duque o mermo taxi que te levou, vou mandar pra tua casa avisar a tua família, tá legal?

MICHEL: Tá legal.

E Beira-Mar faz uso desse sentido produzido, seja pelo corpo propaganda, corpo recado, corpo mensagem, através da tortura física, seja através do que Foucault chama de “corpo político”⁴⁴, conjunto de elementos que servem de reforço, comunicam, são armas e pontos de apoio para as relações de poder e saber que nos investem e nos submetem, nos tornando objetos de saber.

Michel tem uma vocalização calma, suave, não resistente, não desafiadora, muito menos questionadora. Seu corpo torturado tem um estatuto e fala funcionando como um texto a ser lido. Por outro lado sua voz personifica a corporalidade dos que estão submetidos a uma punição. Aqui, não só o corpo físico é produtor de sentidos, como a voz, corporalidade do texto, personificação do subjugado, do que aceita o poder do outro e que se posiciona como merecedor do castigo.

O desencontro entre o corpo dilacerado e o corpo “tranquilo” da vocalização choca. Causa um efeito. Tem um sentido. A análise do conteúdo dos diálogos remete a uma cena impensável, inimaginável. Como alguém que tem seus pés, suas mãos e suas orelhas cortadas pode falar sobre seu estado tranquilamente? O ato de narrar a cena protagonizada por ele próprio, por si só já se configura em algo absurdo, mas quando associada à qualidade da emissão sonora, remete a algo falso, teatralizado. Algo que não poderia estar acontecendo.

Foram retirados da internet, do sítio YOUTUBE⁴⁵, local onde está disponibilizada matéria jornalística sobre o homicídio de Michel, junto com o áudio gravado, alguns comentários que demonstram essa sensação de impossibilidade dos diálogos serem reais. O material foi enviado para o YOUTUBE no dia 2 de julho de 2011 e teve 1.393.760 visualizações até o dia do acesso para retirar esses comentários⁴⁶. Os textos abaixo são uma reprodução fiel do que foi postado na internet.

⁴⁴ Vigiar e Punir. Pág. 31.

⁴⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=m0XjOWWHaY>

⁴⁶ Última visita em 21 de novembro de 2015.

Figura 29 - Comentários retirados da internet

	COMENTÁRIOS
1	Nem um monge budista em seu transe mais complexo conseguiria dizer alguma palavra, ainda mais nessa calma sublime..."após ter os dois pés mutilados". A hemorragia constante, a perda Absurda de sangue, faria o cérebro apagar..!! Na minga humilde opnião....."é tudo teatro"..!! (Attis Rotiv)
2	isso tudo eh mentira so pode (Byron Malibi)
3	Não somos crianças abandonadas em creches públicas. Esse vídeo é totalmente montado pra engrandecer esse monte de lixo. Essa criatura demoníaca só está sendo tratada a pão-de-ló pelas autoridades, porque ainda não conseguiram descobrir onde é o seu maior ninho de grana. Quando isso acontecer... já era! (Edimilson Fernandes)
4	Deus ilumine os caminhos do Fernandinho e o proteja das mentiras que aumentam sobre (Luiza Freitas Loira Fatal)
5	isso tá com cara de mentira, esse cara tá com a voz muito boa pra quem ta sentindo dor!!!! (Conecta Costa)
6	Agora por causa desta maldita mentira o Fernandinho vai a julgamento novamente (Luiza Zion)
7	vcs acham mesmo que se a vítima esitvesse com pés cortados, orelha, dedos ele estaria falando com essa naturalidade ? è d+ pra mim viu. (Rander B. Teles)
8	estranho, o cara conversa normal depois de ter os dois pés e a orelha arrancados? (Alexandre Tsutsui)
9	o cara tava falando tranquilamente, isso e fake (Wesley Avelino do Amaral)
10	Cara só trocha pra acredita nessa sentença de morte. Que a vítima fala com Fernandinho beira mar, ate parece que o cara ia ta todo cortado sem os dedos e falando manso o cara ia ta louco gritando no minimo, ia ta implorando pela vida isso e armação da mídia. NÃO DEFENDO ESSE CARA NEM NINGUÉM SIMPLEMENTE NÃO GOSTO QUE TENTE ENGANARMOS COM REPORTAGEM FALSA SÓ PRA CHAMAR A TENÇÃO DAS PESSOAS. (Mello Ouzadia)
11	quando eu comecei a assistir eu pensei a mesma coisa! Como alguém falaria tão tranquilamente que não conseguiu engolir a própria orelha???(Andrea.Artesanato)

12	eu acho q e montagem tamb..cao cao..(Hugo Ramos Santiago)
13	Não acredito q isto ´e real , estou chzcada (82Kawaka)
14	Como o cara fala com tanta tranquilidade assim ? Não entendi. ._' (Saru Wakusei)
15	Só faltou falar, Valeu seu fernando foi um prazer ser torturado pelo senhor (Samuel Crs)
16	ssso foi armado, ate parece que uma pessoa que ta do jeito que ele disse que tava ia falar na boa assim tao calmo como se nem doesse naa....(mou mou)
17	Só queria saber como o cara teve calma pra perder tudo isso q ele falou no video, e nao dar 1 gemida de dor. (brnhelrodosertão)
18	CARA ESCROTOOOOOO!!!!!!! Mas a voz da vitima esta muito boa pra quem foi torturado desse jeito...esquisito ne... (Carlos Betao)
19	Fernando:Gostou da Tortura? Vítima:Dói muito Sr. Fernando, Tcháau Sr. Fernando , Foi um prazer :D HAHAHAHAHHAHAHAHAHAA Parecem até íntimos (Lucas P)
20	Eu achei a voz do torturado muito calma para quem perdeu uma orelha e os dois pés, nem parece que está com dor...(tiochico2)

Os comentários refletem a sensação de disparidade entre o tema dos diálogos e a forma como ele se materializa. Essa materialização se dá sob a forma de vocalizações. Aqui a emissão sonora vai de encontro ao ato da tortura, mas produz um sentido específico, um sentido outro, que compõe o cenário e configura uma cena que parece irreal.

A fala de Michel é fundamental e sua vocalização é o veículo que carrega as palavras. A fala de Michel parece ser a condição que reforça o exercício da voz de poder de Beira-Mar, de seu poder enquanto instituição, que define o que é certo ou errado, o que pode e o que não pode ser feito. A fala de Michel não interdita a voz de Beira-Mar em nenhum momento, só a reforça, enquanto cala a sua própria voz. Esse falar e esse calar constroem um mundo próprio a partir desse momento de enunciação que, ao mesmo tempo que parece pertencer só aos dois (protagonistas desse diálogo mórbido) na verdade se realiza até hoje, em cada julgamento, em cada matéria jornalística, em cada comentário, e nesse texto que está sendo escrito aqui.

Citando Foucault, o soberano deve manifestar seu poder sem medidas sobre aqueles que ele reduziu à impotência⁴⁷. Nesse sentido, a tortura do falar tem função política. Ela é um dispositivo que produz assujeitamentos. A superioridade intrínseca se afirma enfaticamente através de uma política do medo onde o suplício do falar sobre a tortura reafirma o poder de Beira-Mar. Michel fala. Se submete através de sua fala. Essa fala é censurada, é dito apenas o que deve ser dito, ou seja, Michel descreve como está, responde apenas ao que foi perguntado. Não se rebela, não reclama, não “fala”, só responde.

⁴⁷ Vigiar e Punir. Pág. 50.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

Michel Foucault

Concluir significa acabar, fechar, arrematar, encerrar, finalizar, chegar a uma conclusão. O objetivo deste trabalho não é concluir, é construir interpretações. Pensar sobre como esses diálogos nos conduzem a discursos cujos sentidos vão além do dito, refletindo sobre como os elementos discursivos e os relacionados à emissão vocal estão intimamente ligados na produção desses sentidos. Aqui os diálogos de uma tortura conduzem a discursos que vão além do próprio crime. Estão além da morte de Michel.

A declaração contra a tortura adotada pela Organização das Nações Unidas, em 1975, define tortura como:

“todo ato pelo qual uma dor, ou sofrimentos agudos, físicos ou mentais, são deliberadamente infligidos a uma pessoa por agentes da função pública ou sob sua instigação, sobretudo com fins de obter dela ou de um terceiro, informações ou confissões, de puni-la por um ato que cometeu ou que está sob suspeita de ter cometido, de intimidá-la ou intimidar outras pessoas.” (In SIRONI, F. 2011. p. 28)

Nesse momento nos parece importante relacionar a tortura e o discurso. Com isso, pretendemos demonstrar que esta reflexão nos conduziu a relação entre uma dimensão das ações e sua expressão em situações de troca verbal. A tortura, ato físico, não é suficiente enquanto dispositivo que estabelece as relações de poder nesta cena. Para esta reflexão tomemos emprestada a definição de Agamben:

“... chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos.” (AGAMBEN, 2009, p. 40)

Essa definição nos interessa porque a linguagem aqui é utilizada como dispositivo de tortura, o que nos leva a retomar o caráter indissociável entre os atos

físicos e os atos de fala. A vocalização de Michel também funcionou no dispositivo. O dispositivo de punição física foi reforçado com as constantes solicitações para que a vítima falasse, não somente com seu agressor, como também com aqueles a quem ele precisa demonstrar seu poder. Mas a vocalização foi o dispositivo “termômetro” para a finalização do ato. Quando Michel, através de sua vocalização, demonstra estar sem forças para continuar falando, Beira-Mar perde o interesse, autoriza matá-lo.

Nesse sentido, falar parece ser necessário. Falar é fundamental para a emergência de uma realidade, para construir os pilares desse mundo discursivo. O mundo onde as regras e a lei são diferentes. Onde o poder passa pela instauração do medo, da punição, que não é simples, não é apenas uma sentença de morte, já que a morte por si só não confere o status que se pretende. Não cria a imagem necessária para o estabelecimento desse controle. Esse processo de subjetivação simultaneamente em fala e ato físico vai garantir um efeito de sentido. Aqui a ação física necessita do ato verbal e eles se articulam apesar do aparente distanciamento. Michel fala, obedece, reforça o poder constituído. Beira-Mar fala, não grita, não ameaça. Michel e Beira-Mar conversam.

Não basta castigar Michel. É necessário que Michel fale sobre seu castigo. Contudo, ao falar para os “amigos” de seu algoz, Michel se posiciona como aquele que conhece o poder de Beira-Mar, o respeita, e reforça essa posição. Sua vocalização submissa é a voz do mais fraco. E os aspectos entoacionais do diálogo dão o tom de uma conversa normal entre dois conhecidos, o que torna esse crime um crime bárbaro, inimaginável. Um efeito do encontro entre o que está acontecendo na cena com o modo como é verbalizado.

Beira-Mar é o chefe e devem temê-lo, e esta análise explorou a constituição de lugares hierarquicamente definidos através de um processo discursivo que se materializou nos diálogos entre Michel, Beira-Mar e Bomba. Beira-Mar consegue, mesmo estando longe, organizar, comandar e participar da tortura e morte de Michel. É obedecido por Bomba e por Michel. Bomba somente mata Michel a partir da fala de Beira-Mar: “Demorô, já é.” E ele nem precisa falar muito, três palavras são suficientes. Beira-Mar é compreendido e obedecido. Há um contrato pré-estabelecido.

Beira-Mar fala, e sua modulação vocal nos remete a uma emissão fria, debochada, sarcástica. Essa capacidade de dispor da vocalização como instrumento

de tortura não é por acaso. Ela dá a corporalidade de que Maingueneau fala. Essa voz dá voz às outras vozes e seu funcionamento nos permite pensar sobre todas elas. A voz do bandido, a voz do “homem traído”, a voz do “chefe”, a voz do “poderoso”, a voz da “maldade”.

Mas, não há espaço para qualquer fala, e o silêncio não parece uma possibilidade. Beira-Mar está longe de Michel, longe de Bomba, e mesmo assim conduz com autoridade todo o processo. Ele precisa ouvir e deixar que os “amigos” ouçam Michel verbalizar sua dor. Mesmo de longe Beira-Mar controla cada minuto de vida que resta a Michel. Diz que ainda não é o momento ou diz que “já é” a hora.

Nesse jogo discursivo entre ato físico e linguagem, no qual dominação e resistência se explicitam, há a indicação de que a fala é permitida, mas controlada, e é Beira-Mar quem tem esse poder de decisão, a ele cabe regular as trocas verbais e os gestos de Bomba. É dele a decisão da sobrevivência ou morte e a Michel só resta falar o que pode ser falado e, dessa forma, “outros falares” são silenciados.

A vocalização de Beira-Mar produz e constitui uma imagem. Ele é frio e se excita quando Michel fala com seus “amigos” ou quando pergunta sobre Michel ter comido a própria orelha, se “orelha é gostoso”, como observamos nos gráficos apresentados. Seu texto tem uma voz, que é o não verbal, o que não precisa ser dito, mas que constrói, mantém e reforça o significado de uma enunciação.

Dessa forma, a vocalização age como veículo para o dito, e um elemento na produção de sentido. Um sentido muito mais apavorante que o próprio dito. A vocalização insinua a perversidade e a frieza. Transporta pelo ar o extra linguístico, desenhando uma significação encarnada do mal. Quando fala se torna aquilo que fez ressoar, muito além de uma dimensão presa ao diálogo, atinge dimensões sociais e produz um movimento de construção de imagem que repercute na sociedade em vários segmentos: no crime, nos atores do mundo jurídico, na imprensa e na população como um todo.

O que Maingueneau chama de modo de enunciação tem relação com a performance da vocalização, ato físico, acusticamente delineado que reflete a emoção ou a falta dela. Dessa vocalização podemos retirar parâmetros prosódicos que caracterizam esse discurso, seu modo de enunciação. A voz é um dos planos constitutivos da discursividade. O modo de enunciação obedece às mesmas restrições semânticas do conteúdo do discurso e, nesta análise ela se torna parte do sentido.

Segundo Maingueneau, o conteúdo do enunciado ganha corpo graças ao modo de enunciação. Assim, vocalização e voz coexistem em um eterno processo de retroalimentação que nos faz refletir sobre o quanto a vocalização, em sua particularidade fisiológica e anatômica, repercute na enunciação e agrega um sentido que, ao mesmo tempo em que vai de encontro ao conteúdo do dito, compõe um cenário que é possível identificar o papel de quem figura como seu emissor e sua singularidade como sujeito da cena que se apresenta.

Beira-Mar inflige a Michel o que Foucault chama de “o suplício da exposição” (FOUCAULT, 2013, p.14). Pede que ele fale e, falando, conte como está seu corpo. A punição passa a ser a cena de um espetáculo e, mais uma vez citando Foucault, o que se constitui em um “castigo espetáculo”. Isso fica bastante claro quando analisamos as ocorrências em que Beira-Mar solicita que Michel fale. Beira-Mar solicita que Michel fale para seu amigo como ele está. Não basta que Michel sofra, é preciso verbalizar esse sofrimento, detalhando toda a cena, que faz parte de um cenário que Beira-Mar quer construir. Seu amigo precisa ouvir essa vocalização, pois essa vocalização reforça o poder de Beira-Mar.

Nesse teatro de vozes que ganham corpo, Beira-Mar é a voz calma, tranquila, voz de quem mostra interesse. É também a voz sarcástica, a voz que provoca, a voz que manda. Mas também é aquela voz do pai que castiga o filho por que ele merece, e “apenas por isso”. É a voz questionadora, é a voz da autoridade, é a voz do carrasco.

Nesse contexto de reflexão parece nos importante pontuar as variações entoacionais do texto de Beira-Mar. Seu comportamento vocal, sua emissão sonora, ou seja, sua vocalização. Essa vocalização que ressoa em dissonância com o conteúdo e destoa ao mesmo tempo em que compõe e estrutura, dá um tom. Esse tom é ato e, como ato promove a tortura que não é física, é a humilhação. Neste corpus de análise a característica entoacional não se articula ao contexto do texto dito, mas sim com outras instâncias de significação. Esse movimento sonoro plurisemântico vai de encontro ao texto onde, na mesma medida em que o contradiz, dizendo algo por si só, produz uma característica sonora que agrega sentidos e compõe essa materialidade discursiva.

Esse efeito da entoação no falado é que vai de encontro ao que Maingueneau chama de modos de enunciação. Esse falar precisa de uma entoação específica para significar da maneira que significa. Esse som articulado também significa e

constrói um sentido justamente na ocorrência dessa não coincidência com o dito, e que passa pela forma do como foi dito. Essa dinâmica entoacional que traz consigo outros textos, dá o suporte para o tom, correlato dos afetos que esse modo de enunciação engendra.

Não se pode ouvir a voz de Michel. Aquela voz que grita, a voz do desespero. Durante o diálogo há apenas o diálogo. Uma conversa sem ameaças ou agressões físicas. A tortura é verbal. Essas vozes parecem se desarticular da realidade física do momento, uma cenografia construída, mas com certeza se articulam com uma realidade outra que está presente na enunciação. O torturador tem o poder, ao torturado cabe aceitar sua punição. Isso se materializa nas respostas de Michel. Em cada uma delas ele aceita seu destino, não questiona. O que nos faz refletir sobre um dispositivo de demarcação de poder utilizado não por vingança, mas como uma estratégia de empoderamento.

Estes diálogos produziram uma imagem que foi além de Fernandinho Beira-Mar, maior traficante de armas e drogas da América latina. A dimensão puramente acústica, ao mesmo tempo em que se distancia do dito, tem um relacionamento bastante intrincado com o não dito, o que nos conduz a uma interessante possibilidade de análise. Um olhar sobre o comportamento vocal durante esse trajeto de significância discursiva. Sentidos que são produzidos nos diálogos a partir de um modo de enunciação, sentidos que vão além daqueles que foram amplamente difundidos pela imprensa. A justificativa de traição é um sentido que está na superfície discursiva.

O modo como Beira-Mar atua em relação à demonstração de seu poder delinea esse contorno de uma imagem que funciona em seu benefício e fundamentalmente é um forte dispositivo de subjetividade. Beira-Mar provoca e convoca para a vocalização, o que coloca a linguagem como instrumento importantíssimo nesse jogo de forças. O que aconteceria se Michel fosse apenas morto? Qual seria o efeito de sua morte? Apenas mandar matar Michel passa uma mensagem?

O desempenho vocal de ambos é o constructo de formações discursivas bem definidas. A de Beira-Mar como senhor do certo e do errado, detentor do poder de punir, aquele que pode ser irônico. E, nessa ironia, lidamos com um universo diferente, projetado para atuar como mais um dispositivo de humilhação e tortura. Já Michel é quem cometeu um erro e aceita ser punido por isso, reconhecendo o poder

e submetendo-se a uma produção enunciativa de acordo com esse cenário. Michel só responde.

Portanto, esses diálogos analisados constituem enunciados que efetivamente funcionam como dispositivos discursivos. Criam uma cena discursiva que nos permite construir as imagens e as relações entre os interlocutores. Mais que isso, fazem nos pensar na morte como um “recado” (apenas matar Michel é pouco, não passa a mensagem que Beira-Mar quer) e a tortura como uma “dissertação”, “um estatuto” que produz efeitos além do corpo físico. Se materializa e se propaga além do momento do crime.

Desta forma, é possível integrar os diversos planos discursivos, integrando-os ao mesmo tempo, procedimento que se realiza através de uma semântica global. No plano da intertextualidade, temos que os enunciados são semanticamente autorizados. No plano do vocabulário, temos as expressões de respeito, “seu Fernando” e “senhor”, por exemplo, palavras que além de seu valor semântico, adquirem certo estatuto. No aspecto temático, a tensão entre aquilo de que os enunciados tratam e a forma como é tratado traz divergências significativas e explicita um sistema de restrições. Os enunciadores se inscrevem numa dimensão institucional o que confere a cada um seu estatuto, e nos permite tecer redes de correspondência entre eles.

A dêixis enunciativa construída a partir desse universo discursivo entre torturador e torturado, delimita uma cena e uma cronologia construída por esses discursos que se configura como o lugar e o momento, dupla modalidade espacial e temporal, em que eles se estabelecem, ganham força e produzem seus sentidos. Esses sentidos têm relação direta com um modo de enunciação, em que a oralidade não é o falado, em que a voz é um dos planos constitutivos da discursividade, e onde a fala respeita as regras que presidem essa enunciação.

Nesse jogo de práticas languageiras os enunciadores se estabelecem a partir de uma “maneira de dizer”, organizando sua relação com o mundo através de um modo de enunciação especificamente articulado e um modo de coesão relacionado a um sistema de relações que lhe atribui sentido. Esses sentidos se formam a partir de um texto, que vem de outros textos e que carrega várias vozes. Também vem de uma vocalização que ressoa, tem uma modulação e dá o tom dos diálogos. Tudo isso dá sentido, tudo isso é o que acreditamos ser uma semântica global.

Ao nos debruçarmos sobre os diálogos dessa tortura, temos que Beira-Mar está preso, desde 2002, detido em presídio federal, e já tem mais de 200 anos de penas somadas. Seu discurso é o do chefe, do patrão, daquele que detém as regras do que pode ou não ser feito. É o discurso do poder imposto pelo medo. É um discurso estratégico. Michel está morto, desde 1999. Não chegou a fazer 22 anos. Seu discurso é o do medo do poder de Beira-Mar, e seu discurso reforça o discurso de Beira-Mar. Mas, seu discurso também é o de quem tem esperança de sobreviver, de quem não desiste e espera manter-se vivo com o resto de corpo que lhe sobrar. É o discurso de quem quer a todo custo sobreviver, já estando morto.

Contudo, a voz de Michel não foi reduzida ao silêncio pela sua morte. Ela continua produzindo sentidos e nos fazendo pensar sobre eles.

REFERÊNCIAS

- ABADINSKY, H. *Organized crime*. 7th. Ed. Belmont, California: Wadsworth, 2003.
- ABITBOL, J. *Odyssey of voice*. Plural Publishing, Inc. 2006.
- AGAMBEN, G. *O que é um dispositivo?* In: _____. *O que é o contemporâneo?: e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- _____. *O Sacramento da linguagem: Arqueologia do juramento*. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- AMATO, R.C.F. *A voz do líder*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- AMORIM, C. *Comando vermelho: a história secreta do crime organizado*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- AMORIM, C. *Revista História Viva: Os verdadeiros inimigos do Capitão Nascimento*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/empresarios_do_submundo.html>. Acesso em: 3 jun. 2015.
- AGOSTINHO, A. *De Magistro*. Tradução de Angelo Ricci. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- ARGYLE, M. *Bodily communication*. London: Methuen, 1978.
- AVOLIO, L. F. T. *Provas ilícitas: interceptações telefônicas, ambientais e gravações clandestinas*. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.
- BACHOROWSKI, J. *Vocal expression and perception of emotion*. *Current Directions. Psychological Science*, n.8, p.53-57, 1999.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARDIN, L. 1995. *Análise de conteúdo*. 2. reimp. da 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATISTA, V. M. *A Violência na Berlinda*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2014.
- _____. *Introdução crítica à criminologia brasileira*. Rio de Janeiro: Revan, 2011. 2. ed., jul. 2012, 1. reimpr., jul. 2014.
- BAYER, D. A. A Mídia, a reprodução do medo e a influência da política criminal. In: *Controvérsias criminais: estudos de direito penal, processo penal e criminologia*. Jaraguá do Sul: Letras e Conceitos, 2013.
- BLOCH, P. *Falar bem com boa voz*. Rio de Janeiro, Bloch. 1984.

BORGES, P. C. C. *O crime organizado*. São Paulo: UNESP, 2002.

CAMPOS, J. Chomsky vs Pinker: na interface entre Linguística e Psicologia Evolucionária. *Brasil Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 12-17, jul./set. 2011.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. Campinas: UNICAMP. Tese de Livre-Docência defendida em 1982.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009.

CORREA, F.V. *Geraldo Carneiro entrevista Francisco Viriato Correa (O Japonês). discursos sediciosos: crime, direito e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, v.1 n. 1, p. 16-17, jan/jun. 1996.

CRUZ, R. L. Uma análise principiologicamente e legal das interceptações telefônicas: a produção probatória à luz do princípio da proibição da proteção deficiente. *Revista âmbito Jurídico*. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9323> . Acesso em: 16 jun. 2015.

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

_____. *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DURKHEIM, É. Algumas formas primitivas de classificação. In: *ÉMILE DURKHEIM: sociologia*. José Albertino Rodrigues (Org.). Tradução de Laura Natal Rodrigues, 2. ed. São Paulo: Ática, 1981.

FELTRIN, R. Quem é Fernandinho Beira-Mar. *Folha online*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/drogas-beira_mar-perfil.shtml>. Acesso em: 30 maio 2015.

FERRO, A. L. A. *Crime organizado e organizações criminosas mundiais*. Curitiba: Juruá, 2009.

FÓNAGY, I. *La Vive Voix*. Saint Germain, Paris: Editions Payot, 1993.

FOUCAULT, M. *As Palavras e as coisas*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 41. ed. Petrópolis; Vozes, 2013.

_____. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 8. ed., 2014.

GRINOVER, A.P. *Provas Ilícitas, interceptações e escutas*. Brasília: Gazeta Jurídica, 2009.

GONÇALVES, N. *A importância do falar bem*. São Paulo: Lovise, 2000.

HUNGRIA, N. *Comentários ao código penal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1959. v. 9.

IMAMURA, R; TSUJI, DH; SENNES, LU. Fisiologia da laringe. In: CAMPOS CAH, Costa HO. *Tratado de Otorrinolaringologia*. São Paulo: Rocca; 2002. p. 743.

JORNAL O GLOBO. *Conheça a história de Fernandinho Beira-Mar*. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20071217233030/http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/03/01/294764762.asp>>. Acesso em: 30 maio 2015.

KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

KENT, R. D.; READ, C. *Análise acústica da fala*. São Paulo: Cortez, 2015.

KRAMER, E. *Judgment of personal characteristics and emotions from nonverbal properties of speech*. *Psychological Bulletin*, v. 60, n. 4, 408-420 jul 1963. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1037/h0044890>>.

KYRILLOS, L. CORTES, C. FEIJÓ, D. *Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação*. São Paulo: Globo, 2003.

LAVORENTI, W; SILVA, J. G. *Crime organizado na atualidade*. Campinas: Bookseller, 2000.

LAUKKA, P. Neiberg, D.; Elfenbein, H. Evidence for cultural dialects in vocal emotion expression: Acoustic classification within and across five nations. *American Psychological Association. Emotion*, v. 14, n. 3, 445-449, jun. 2014.

LYMAN, M. D.; POTTER, G. W. *Organized crime*. 2nd. New Jersey: Prentice Hall, 1999.

LYRA, R.; ARAÚJO JÚNIOR, J. M. *Criminologia*. 2.ed. atual. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *Gênese dos Discursos*. São Paulo, Parábola editorial, 2008.

MAIEROVITCH, W. F. A ética judicial no trato funcional com as associações criminosas que seguem o modelo mafioso. In: PENTEADO, J. (Org.). *Justiça penal – 3 Justiça Penal : críticas e sugestões: o crime organizado (Itália e Brasil): a modernização da lei penal*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1995. p. 77-88.

NUNES, A. *O Manifesto do Marcola*. Abril Veja de 10 de outubro de 2012. Acesso em: 02 mar. 2015.

OLIVEIRA FILHO, E. *O vácuo do poder e o crime organizado: Brasil, início do século XXI*. Goiânia: AB, 2002.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PASSETI, E. *Das Fumeries ao narcotráfico*. 1.ed. São Paulo: Edu, 1991.

PELEGRINI, A; COSTA; P. *Criminalidade organizada*. São Paulo: Jurídica Brasileira, 1999.

PICCOLOTTO, L.; SOARES, R. M. F. *Técnicas de impositação e comunicação oral*. São Paulo: Summus, 1977.

PINKER, S. *O instinto da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RAMOS, S. PAIVA, A. *Mídia e violência*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RECTOR, M.; TRINTA, A. *A comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1985.

RELATÓRIO DA COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO DESTINADA A INVESTIGAR O AVANÇO E A IMPUNIDADE DO NARCOTRÁFICO. Relator: Morani Torgan. Novembro de 2000. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/51-legislatura/cpinarco/relatoriofinal.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006;

SCARPA, E.M. *Estudos de prosódia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SEDLACEK, K.; SYCHRA, A. Die Melodie als Faktor des emotionellen Ausdrucks. *Folia phoniatrica*, v.15, pp.89-98, 1963.

SHERER, K.R. Expressions of emotion in voice and music. *Journal of voice*, v. 9, n. 3, p 235-248, 1995.

_____. *Vocal affect Signaling in: Advances in the study of behavior*. Orlando, Flórida: Academic Press Inc. 1995.

SILVA, E. A. *Crime organizado: procedimento probatório*. São Paulo: Atlas, 2003.

SILVA, Ivan Luiz da. *Crime Organizado: aspectos jurídicos e criminológicos* (Lei nº 9.034/95). Belo Horizonte: Nova Alvorada Edições, 1998.

SIRONI, F. *Carrascos e vítimas: psicologia da tortura*. São Paulo: Terceira Margem, 2011.

SOUTHWELL, D. *A História do crime organizado*. São Paulo: Escala, 2013.

SOUZA, P. Michel Foucault: *O Trajeto da voz na ordem do discurso*. Campinas, Editora RG, 2009.

SPRINGER, S. P.; DEUTTSCH, G. *Cérebro esquerdo, cérebro direito*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

STERLING, C. *A máfia globalizada: a nova ordem mundial do crime organizado*. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

SUNDBERG, J. *Ciência da voz: fatos sobre a voz na fala e no canto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

TODOROV, T. Mikhail Backtine, *Le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.

WILLIAMS C.E.; STEVENS, K.N. Emotions and Speech: some acoustic Correlates. *Journal of the Acoustical Society of America*, v. 52, n.4, p. 1238-1250, 1972.

ANEXO A - Transcrição: 1ª Ligação

Transcrição: 1ª Ligação

BOMBA: Alô.

FERNANDO: Fala, meu choque!

BOMBA: E aí, patrão.

FERNANDO: Tranquilo?

BOMBA: Tranquilo pô, já... a outra orelha dele já comeu também mané.

FERNANDO: Já comeu as duas?

BOMBA: Já, já, já é.

FERNANDO: Cadê, deixa eu falar um pouquinho com ele.

BOMBA: ((risos))Fala aí com o homem aí. ((ao fundo))

MICHEL: Alô.

FERNANDO: E aí tudo tranquilo?

MICHEL: Tô, tô todo cortado, sem as duas orelha/

FERNANDO: É mermo?

MICHEL: Tô sem os dois pé.

FERNANDO: Hum, então fala com meu amigo aqui como é que cê tá, fala com meu amigo, meu amigo qué sabê como é que cê tá que ele, ele gosta, ele é desenhista, ele qué te desenhá, fala com o meu amigo aqui.

VM1: Opa?!

MICHEL: Alô.

VM1: Oi.

MICHEL: Eu tô sem os dois pé, os dedo tá tudo pen, pendurado.

VM1: Tá pendu, hã?

MICHEL: Tá pendurado, eu, eu, a orelha direita ran, rancaram tudo! Não dá para ouvir não, eu tô escutando só um barulho fazer assim ó... e na orelha esquerda...

VM1: ãh.

MICHEL: Rancaram um pedaço só para mim tentar ouvir, senão não ia conseguir falar cum vocês.

VM1: Mas você tá falando ainda...

MICHEL: Não, porque eu tô ouvindo baixinho.

VM1: Ah, tá ouvindo bem...

MICHEL: Não, num fa, fala mais alto.

VM1: Tranquilo então ai, meu filho, continua falando que cê tá falando bem.

((Vozes ao fundo))

FERNANDO: Alô.

MICHEL: Alô.

FERNANDO: Já tiraram seus dois pé já tamém?

MICHEL: Rancaram os dois pé meu.

FERNANDO: Seus dois pés?

MICHEL: Tá, tá tudo pendurado. Tá só, só sobrô só o calcanhar.

FERNANDO: Caraaamba! E os dedinho?

MICHEL: Os dedinho tá tudo pendurado.

FERNANDO: É mermo é, e a orelha, orelha é gostoso?

MICHEL: ãh?

FERNANDO: Orelha é gostoso?

MICHEL: É muito grande, desceu na boca...

FERNANDO: É mermo...

MICHEL: Qua, quase que eu num engoli.

FERNANDO: E aí, tem mais alguma coisa pra falar pra ainda, ô não?

MICHEL: Falei tudo pro senhor...

FERNANDO: É mermo é...

MICHEL: Falei tudo.

FERNANDO: Mas que buceta maldita heim, cara... Caralho... Essa buceta é maldita né não?

MICHEL: É, é.

FERNANDO: Num é buceta maldita?

MICHEL: Se eu soubesse eu nunca, nunca tinha me envolvido seu Fernando.

FERNANDO: É mermo é, caramba...

MICHEL: Tô falando de coração pro senhor, eu num tô conseguindo nem andar, eles tentaram colocar eu pra andar, num dá não, eu consigo dá só três passo e as perna dói muito, dói tudo.

FERNANDO: Dói muito? É mermo, mas você tá bem, tá falando pra caramba, tá bem num tá tão mal não.

MICHEL: É porque...ó, parece que eles passaram um trator em cima de mim...

FERNANDO: É mermo é...

MICHEL: E as minhas custela, acho que tá fraturada, tanto que eles me passaram.

FERNANDO: Não, mas eu num vô deixar vocês eles fazê isso contigo não, a costela tem que ficá inteira pô, costela tem que ficá inteira. Vem pra casa, quando cê fô embora pra casa vou mandar um taxi te levar até a porta de casa.

MICHEL: Não... não...

FERNANDO: Tu qué ir primeiro pro Duque ou quer ir primeiro direto pra tua casa?

MICHEL: Seu FERNANDO?

FERNANDO: ãh

MICHEL: Pô, pro Duque, pega só um taxi pra avisar minha mãe, por favor.

FERNANDO: A tá bom, então vou mandar o taxi te levar até o Duque aí do Duque o mermo taxi que te levou, vou mandar pra tua casa avisar a tua família, tá legal?

MICHEL: Tá legal.

FERNANDO: Garanhão né? Porra...

MICHEL: Não, não senhor.

FERNANDO: Que buceta gostosa hein? ((vozes ao fundo repetem "garanhão"))

MICHEL: Quê que o senhor falou?

FERNANDO: Que buceta maldita hein?

MICHEL: Fala mais alto que o sangue tá tampando a ore, o, o, ouvido.

FERNANDO: É? E o, sim, vem cá, que buceta maldita hein?

MICHEL: É.

FERNANDO: É?

MICHEL: É

FERNANDO: Deixa eu falar com o BOMBA aí, xô fala com o BOMBA.

((Ao fundo: Bomba... quem é bomba?))

BOMBA: Fala.

FERNANDO: Pô, mas ele tá reagindo bem pra caramba hein, tá falando pra caramba né?

BOMBA: Tá, tá, ele é sinistro.

FERNANDO: ãh?

BOMBA: Ele é sinistro.

FERNANDO: Caralho, marra, marra, marrudo pra caralho né?

BOMBA: Hum... é, tá humilde, tá humilde que tá vendo que o bagulho tá sério, num dá não, tá aqui, tá aqui humildinho, humildinho.

FERNANDO: Agora ficou humilde ele.

BOMBA: Poorra humildinho, humildinho.

FERNANDO: Hum.

BOMBA: Num tá não, ele tá vendo o bagulho sério, num tá de brincadeira não, vai fazer agora o serviço?

FERNANDO: Não, não, dá mais um corinho nele, mais um corinho legal, daqui a pouco eu ligo, dá mais um coro bem dado, bem dado, daqui a pouco eu ligo. Valeu?

BOMBA: Tá.

FERNANDO: Falô. Alô, alô, espera aí, espera aí, chama ele que tem um amigo eu querendo falar com ele, chama ele.

BOMBA: Ô... Tem um amigo dele querendo falar com ele aqui...

FERNANDO: Não espera aí, espera, espera. ((voz ao fundo)) Espera aí, alô, alô, é fala com meu ami, fala com meu ami, não chama ele, chama ele, chama ele, chama ele.

BOMBA: Hãhã, vai.

MICHEL: Oi.

FERNANDO: Fala pro meu amigo aqui, fala pro meu amigo cumé que você tá , que o meu aqui ele é, é, ele é médico, ele vai ver se pode te dar um receituário.

MICHEL: Fa, fala mais alto.

VM2: Oi companheiro? Oi companheiro? Alô pô?

MICHEL: Eu, eu num tô ouvindo direito não.

VM2: A é?

MICHEL: O sangue tá tampando o ouvido.

VM2: Ah é, eu vou mandar limpar teu ouvido então. Como é que tá ai?

MICHEL: ãh?

VM2: Aquela coisa é tão boa mas tem horas que a coisa fica... ((risos ao fundo))

MICHEL: Eu tô sem orelha, tô sem as duas orelha.

VM2: Ah é?

MICHEL: Só tenho só o calcanhar só, e parece que passou um trator em cima de mim.

VM2: ((Risos))

MICHEL: Os cara bate muito!

VM2: É... o cara, o cara que as vezes vai foder e se fode né?

MICHEL: Eles bate duído, fala mais alto que eu num tô ouvindo.

VM2: As vezes o cara vai se fo... vai foder e se fode né?

MICHEL: É

VM2: Mas tá bom, deixa eu falar com o rapaz aí.

MICHEL: ((ao fundo)) fala contigo BOMBA.

VM2: BOMBA!

BOMBA: Fala.

VM2: Aqui é o amigo do nosso amigo aqui. Ééé, pega... tem inda, tem dedo ainda?

BOMBA: Oi?

VM2: Hã?

BOMBA: O que?

VM2: Pera um pouquinho, pêra um pouquinho. ((voz ao fundo))

FERNANDO: Alô, alô, ele tá com dedo ainda, não?

BOMBA: Tá não porra.

FERNANDO: Tá mais não.

BOMBA: Tá não.

FERNANDO: Nem um toquinho, tem nem um toquinho?

BOMBA: Tem nada.

FERNANDO: Tema nada não...

BOMBA: Só na reta assim, tipo assim, aque, aque, aquele bagulho que segura o pé pa, pa frente num tem não, tá reto, tá que nem uma perna de três.

FERNANDO: Caralho...

BOMBA: Retinho, sem nada.

FERNANDO: Então tá tranquilo, dá lo, dá só um, dá mais um coro, porém bem dado, daqui uns dez minuto eu ligo de novo, vou pensar como é que a gente vai fazer com ele, bem devagarzinho, não quero pressa não, bem devagarzinho, daqui a pouco eu ligo aí, tchau.

BOMBA: Não, tá tranquilo.

FERNANDO: Valeu, valeu.

Transcrição: 2ª ligação.

FERNANDO: Alô

BOMBA: Alô, patrão.

FERNANDO: Fala meu choque, deixa eu falar com meu sócio.

BOMBA: Oi?

FERNANDO: Deixa eu falar com meu sócio, com MICHELE, com a MICHELE.

BOMBA: MICHELE ((risos)) Tá sem as duas mão ele, parceiro.

FERNANDO: Sem as dua mão e ainda tá falando?

BOMBA: Tá falando ainda, ta desenrolando aqui ó, tá sem as duas mão, sem as dua orelha, sem os dois pé.

FERNANDO: Caralho!

BOMBA: ((risos)) Fora as paulada que tomou né!

FERNANDO: Xa eu fala com ele.

BOMBA: fala com ele aqui.

MICHEL: Alô.

FERNANDO: E aí tudo tranquilo?

MICHEL: Tô todo quebrado.

FERNANDO: Oi?

MICHEL: Todo quebrado.

FERNANDO: Todo quebrado pô, mas você é gostosão, pô, gosta de comer mulher de vagabundo, que buceta maldita hein, quantas fodas tu deu nela até hoje?

MICHEL: Só essa, que eu larguei ela.

FERNANDO: Não, quantas fodas no total, desde que começou, quantas vezes tu saiu com ela?

MICHEL: Só uma, depois ela contou a verdade.

FERNANDO: Porra, só saiu com ela uma vez, mentira, tu falou que era três, agora só saiu uma.

MICHEL: Não, três foi que ela foi na minha casa.

FERNANDO: Ahhhh, porra, mas tu tá bonzinho ainda. Caralho... puta que pariu. Tá doendo muito?

MICHEL: Eu num tô sentindo nada.

FERNANDO: Tá sentindo nada?

MICHEL: Não.

FERNANDO: Não? Caramba... puta que pariu... pô vou ter que mandá lá no Duque agora hein, vou chamar o taxi pra tu ir pro Duque, valeu? Deixa eu falar com o garoto aí pra ele chamar o taxi pra tu ir pro Duque... Deixa eu falar com o BA, com o BOMBA aí.

MICHEL: BOMBA,é pra você.

BOMBA: Fala.

FERNANDO: Demorô, já é.

BOMBA: Já é?

FERNANDO: Já é.

BOMBA: Tá maneiro,vai.

((voz ao fundo: Então manda ele escutá)) Escuta, vai. ((ouve-se um tiro, em seguida mais quatro tiros))

BOMBA: Porra.

FERNANDO: Alô

BOMBA: Calma aí, calma aí, calma aí, calma aí, calma aê, calma aê cumpade...

FERNANDO: Não num dá pentada não, num dá pentada, num dá pentada pra não zoar, tá bom tá bom tá bom.

BOMBA: Então valeu.

FERNANDO: Tá bom, manda sumi, manda sumi.

BOMBA: Tá maneiro.

FERNANDO: Valeu?

BOMBA: Valeu, valeu.

FERNANDO: Então tá, daqui a pouco eu ligo aí tchau, tchau.

ANEXO B - Listas de palavras – WordSmith Tools

Listas de palavras – WordSmith Tools

PALAVRA	Freq.
É	28
TÁ	23
COM	21
ELE	21
NÃO	21
QUE	20
EU	17
PRA	14
AÍ	13
MEU	13
O	13
A	12
UM	12
FALA	11
ALÔ	9
DÁ	9
BEM	8
E	8

FALAR	8
MERMO	8
AMIGO	7
BUCETA	7
MAIS	7
TU	7
CARALHO	6
CHAMA	6
DEIXA	6
DUQUE	6
ESPERA	6
HEIN	6
MALDITA	6
MAS	6
NUM	6
TE	6
VOU	6
BOM	5
CARAMBA	5
CASA	5
DAQUI	5
JÁ	5

LIGO	5
ORELHA	5
PÔ	5
PRO	5
TAXI	5
TEM	5
VALEU	5
AINDA	4
AQUI	4
DE	4
ENTÃO	4
IR	4
NÉ	4
POUCO	4
SÓ	4
TRANQUILO	4
AGORA	3
ATÉ	3
BOMBA	3
CÊ	3
COMO	3
DADO	3

FALANDO	3
MANDAR	3
MUITO	3
PENTADA	3
PORRA	3
QUANTAS	3
QUÉ	3
SAIU	3
TCHAU	3
TUA	3
TUDO	3
VOÇÊ	3
HÃ	2
AMI	2
AS	2
CHAMAR	2
CHOQUE	2
CORINHO	2
CORO	2
COSTELA	2
DEVAGARZINHO	2
DOIS	2

ELA	2
FAZER	2
FICÁ	2
FODAS	2
GOSTA	2
GOSTOSO	2
HUM	2
INTEIRA	2
LEGAL	2
LEVAR	2
MANDA	2
MARRA	2
MICHELE	2
NA	2
NADA	2
NEM	2
NO	2
PARIU	2
PRIMEIRO	2
PUTA	2
SEUS	2
SÓCIO	2

TOQUINHO	2
UMA	2
VAI	2
VEM	2
AHHHH	1
ALGUMA	1
ALTO	1
ASSIM	1
AVISAR	1
BA	1
BARULHO	1
BOCA	1
BONZINHO	1
CÁ	1
CADÊ	1
CARA	1
CARAAAMBA	1
COISA	1
COMEÇOU	1
COMER	1
COMEU	1
CONTIGO	1

CUME	1
DAR	1
DEDINHO	1
DEDO	1
DEIXAR	1
DEMORÔ	1
DESCEU	1
DESDE	1
DESENHÁ	1
DESENHISTA	1
DEU	1
DEZ	1
DIREITA	1
DIRETO	1
DO	1
DOENDO	1
DÓI	1
DUA	1
DUAS	1
ELES	1
EMBORA	1
ERA	1

ESCUTANDO	1
ESQUERDA	1
ESSA	1
FA	1
FALÔ	1
FALOU	1
FAMÍLIA	1
FAZÊ	1
FICOU	1
FÔ	1
GARANHÃO	1
GAROTO	1
GENTE	1
GOSTOSA	1
GOSTOSÃO	1
GRANDE	1
HEIM	1
HOJE	1
HUMILDE	1
ISSO	1
LÁ	1
LEVOU	1

LO	1
MAL	1
MANDÁ	1
MÃO	1
MARRUDO	1
MÉDICO	1
MENTIRA	1
MINUTO	1
MULHER	1
NELA	1
NELE	1
NOVO	1
Ó	1
Ô	1
OI	1
OS	1
OU	1
OUVIR	1
PARA	1
PÉ	1
PENDURADO	1
PENSAR	1

PÉS	1
PODE	1
PORÉM	1
PORTA	1
POUQUINHO	1
PRESSA	1
QUANDO	1
QUEBRADO	1
QUER	1
QUERENDO	1
QUERO	1
RAN	1
RANCARAM	1
REAGINDO	1
RECEITUÁRIO	1
SABÊ	1
SE	1
SEM	1
SENTINDO	1
SIM	1
SUMI	1
SUMIR	1

TAMÉM	1
TÃO	1
TEMA	1
TIRARAM	1
TÔ	1
TUDO	1
TOTAL	1
TRÊS	1
UNS	1
VAGABUNDO	1
VER	1
VEZ	1
VEZES	1
VÔ	1
VOCÊS	1
XA	1
XÔ	1
ZOAR	1